

Historia persecutionis Africanae provinciae; Passio septem monachorum; Notitia provinciarum et civitatum Africae

1. [Sobre Esta Obra](#)
2. [stoa0292d.stoa001](#)
3. [stoa0292d.stoa001 — Livro 1](#)
4. [stoa0292d.stoa001 — Livro 2](#)
5. [stoa0292d.stoa001 — Livro 3](#)
6. [stoa0292p.stoa001](#)
7. [stoa0292p.stoa002](#)
8. [Sobre a Vitae Press](#)
9. [Creditos](#)

**Historia persecutionis
Africanae provinciae; Passio
septem monachorum;
Notitia provinciarum et
civitatum Africae**

Victor Vitensis

Traduzido do latim original

VITAE PRESS

Biblioteca Patristica

Primeira edicao digital 2025

Publicado por Vitae Press

Texto original em dominio publico.

Traducao © 2025 Vitae Press. Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta traducao pode ser reproduzida, distribuida ou transmitida de qualquer forma sem autorizacao previa por escrito do editor, exceto para breves citacoes em resenhas criticas.

Esta traducao foi produzida com assistencia de IA (DeepSeek V3) e revisada para precisao. Versos biblicos seguem a Biblia Almeida Revista e Corrigida. O texto original e da edicao critica Corpus Scriptorum Ecclesiasticorum Latinorum (CSEL).

Sobre Esta Obra

Victor de Vita foi um bispo e cronista do século V, cuja vida e obra estão profundamente entrelaçadas com um dos períodos mais turbulentos da história do norte da África: a invasão e o domínio do Reino Vândalo. Viveu aproximadamente entre 430 e 490 d.C., servindo como bispo da cidade de Vita, na província romana da África Proconsular. Sua significância histórica reside precisamente no fato de ter sido testemunha ocular e vítima da perseguição religiosa movida pelos reis vândalos, que eram adeptos do arianismo, contra a população cristã nicena ortodoxa. Victor não é apenas um historiador, mas um narrador comprometido, cujo relato é impregnado pela experiência direta do sofrimento de sua comunidade.

Este volume apresenta a tradução de três textos fundamentais atribuídos a Victor. A obra principal é a **História da Perseguição na Província Africana**, um relato vívido e detalhado dos conflitos, confiscos de propriedades, exílios e martírios impostos pelos vândalos, servindo como uma crônica essencial para entender o fim do domínio romano cristão na região. Acompanham este texto a **Paixão dos Sete Monges**, um martirólogo que homenageia um grupo específico de religiosos executados, e a **Notícia das Províncias e Cidades da África**, um documento geográfico-administrativo valioso que mapeia a organização eclesiástica do norte da África no período. Juntos, eles oferecem um painel multifacetado da vida religiosa, política e social sob o jugo vândalo.

A importância histórica destes escritos é imensurável. Eles constituem uma das poucas fontes narrativas contemporâneas sobre o reino vândalo na África, fornecendo dados preciosos sobre suas estruturas de poder, relações com a população local e a dinâmica do

conflito religioso. Teologicamente, os textos são um monumento à resistência da ortodoxia nicena e à construção de uma identidade comunal baseada no sofrimento e na fé. A narrativa de Victor, embora partidária, moldou por séculos a percepção dos vândalos e se tornou um documento-chave para o estudo da hagiografia, da história da perseguição e da transição do mundo romano tardio para os reinos bárbaros.

Esta tradução foi realizada a partir da edição crítica de referência preparada por Michael Petschenig para o *Corpus Scriptorum Ecclesiasticorum Latinorum* (CSEL), publicada em 1881. O CSEL estabeleceu um padrão filológico rigoroso para a publicação de textos patrísticos e medievais, e a edição de Petschenig, com seu aparato crítico e análise textual, continua sendo a base para qualquer estudo sério sobre Victor de Vita. Oferecer esta obra em português, diretamente da fonte latina canônica, é um convite para o leitor brasileiro acessar um testemunho primordial que ecoa, com força dramática, os desafios da fé, do poder e da resistência cultural.

stoa0292d.stoa001

Outrora, os antigos, por zelo da sabedoria, não cessavam de investigar e inquirir assiduamente sobre quais e quantos eventos, favoráveis ou adversos, haviam ocorrido nas províncias, lugares ou regiões, acerca dos quais ou nos quais pudessem afiar a pena de seu engenho e oferecer, como dádiva gratuita, aos ignorantes da história, os aromáticos ramos de seu magistério, apresentados em cestos, e esforçavam-se para que de modo algum permanecesse totalmente oculto o que porventura havia sido realizado em parte.

Mas eles, inchados pelo orgulho do amor mundano, ansiavam que a glória de sua exaltação fosse amplamente e longamente divulgada de modo louvável. Porém, a venerabilidade do teu zelo, desejando tecer a história, investigas com fervor semelhante, mas com amor diferente; e enquanto eles queriam ser louvados no século, tu mesmo desejas aparecer ilustre no futuro e dizer: no Senhor será louvada a minha alma; ouçam os mansos e se alegrem. Poderás, como quiseste, porque todo dom perfeito e toda dádiva excelente recebeste do céu, instruído por tão grande pontífice e por todo gênero de louvor pregando o bem-aventurado Diádoco, de quem existem, como estrelas brilhantes, muitíssimos monumentos do dogma católico de seus ditos. E basta-te igualar a doutrina do doutor, porque basta ao discípulo ser como seu mestre.

Vejo outro Timóteo, instruído desde os primeiros tempos da infância nas Sagradas Escrituras, e também, entre outros, o sublime e preparado mestre das nações, Lucas, médico de profissão, discípulo do apóstolo Paulo. Eu, pois, pela autoridade de quem ordena, à obediência

Inclinando a cerviz, tentarei indicar, passo a passo e brevemente, os acontecimentos que sobrevieram nas partes da África, enquanto os

arianos se enfureciam; e, como um trabalhador rústico com braços fatigados, recolherei ouro das cavernas ocultas, e não hesitarei em entregar ao juízo perito do fogo, para ser examinada, a matéria que ainda aparece sórdida e confusa, a qual pode cunhar sólidos monetários.

Aparato Critico

1. 12 Ps. 38, 3. 14 lac. 1, 17.
2. Incipit prologus B VW Incipit prologus uictoria episcopi patriae oitensi C Incipit prologus in historiam persecutionis africanae prouinciae a Incipit prologus sancti Victoria episcopi s Incipit historia persecutionis africae (africanae b) prouintiae (prouinciae b) temporum geiserici et honorici regis uuandalorum scribente ea (eam b) sancto uictore episcopo patriae uitensis (patrii uicensis sic b, vn quo titudus a m. rec. . additus est, cum prior euauerit) P M hic inscriptione caret
3. 8 secus per 8 prouinciae loca aut regiones φ 5 rendolentee W historiae L hystoriis M historiis rell. calathorum V calatoram Ws galathorum V1CM2a galatharum Ml galatorum PR: in B haec uox euauit 6 gratuitu B debantque P 7 in toto φL forte om. φ PR 8 fastum B 9 lateque om. φ 10 reiteire W inquit Wv: cf. Indic. III 'part. absol.' simili quidem] similitudinem PR 11 sed dispari a 14 potiris PB
4. VII.
5. 1
6. 5 cf. II Tim. 3, 15.
7. 1 generis P diacono MPR 2 luclentia W docmmtis W 8 monimenta φa nti P equipperes M 4 quia] qui B 5 Timotheum] timotheum scilicet in te C; in Vs haec s. I. addita sunt ab incunabilis B a canubulis a 6 eruditum litteris W 7 magisterii ego: magistri mss 9 ceruice B africani P affricania φ a 10 debacantibus P debachantibus φ indicare temptabo] explicabo a temptabo BW 11 rusticus PB defatigans ulnas PB colligant P 13 artificib WPB igni aPB 14 monctarios VC picturare. Incipit historia (istoria W) persecutionis africanae prouinciae temporum geiserici (genserici W) et hunorici (hunerici L) regis (regum L) uuandalorum scribente sancto uictore episcopo patriae uitensi (uitensis L) BWL Explicit prologus. Incipit liber historie persecutionis africanae prouinciae tempore geiserici et hunerici regum uandalorum edite a sancto uictore episcopo patri uitensi a Incipit liber geiserici et hunirici regis uuandalorum scribente sancto uictore episcopo patriae uitensi V C Incipit liber -I- africanae historiae (hyat. s) scribente sancto uictore episooop patrie uitensi M s Explicit prologus. Incipit historia P

Livro 1

(I, 1) Agora se completa, como é evidente, o sexagésimo ano desde que aquele povo cruel e feroz da nação vândala atingiu os confins da miserável África, atravessando com passagem fácil pelas estreitezas do mar, aquele grande e espaçoso oceano que entre a Espanha e a África se estreita com seu limite apertado em doze milhas.

Transpondo, portanto, a totalidade da multidão com a astúcia do duque Genserico, para tornar terrível a sua fama à nação, imediatamente ordenou que toda a multidão fosse contada, até àquele dia em que o ventre materno a havia lançado a esta luz. Os que foram encontrados, velhos, jovens, crianças pequenas, servos ou senhores, foram contados em oitenta mil. Esta opinião, divulgada, até hoje é estimada pelos ignorantes como sendo um número tão grande de armados, quando agora é diminuto e débil.

Encontrando, portanto, uma província pacífica e tranquila, a formosura de toda a terra florescente, para onde quer que lançassem as hostes da impiedade, devastando, saqueavam, exterminando tudo com fogo e homicídios. Mas nem mesmo às árvores frutíferas poupavam por completo, para que, porventura, aqueles que as cavernas dos montes ou os despenhadeiros das terras ou quaisquer lugares isolados haviam escondido, após a passagem deles, não se alimentassem daqueles frutos; e assim, enfurecendo-se com a mesma e repetida crueldade, nenhum lugar permaneceu imune ao seu contágio.

Principalmente nas igrejas e basílicas dos santos, nos cemitérios ou nos mosteiros, agiam com maior perversidade, para que com incêndios mais intensos consumissem as casas de oração mais do que as cidades e todas as povoações. Onde por acaso encontravam as portas fechadas de um venerável santuário, disputavam entre si a golpes de machados para abrir a entrada, de modo que então se pudesse dizer com razão: Como

num bosque de árvores, com machados, cortaram as suas portas; juntamente, com machado e com picareta, as derrubaram. Incendiaram com fogo o teu santuário; profanaram na terra o tabernáculo do teu nome.

(I, 2) Quantos preclaros pontífices e nobres sacerdotes foram então por eles eliminados com diversos gêneros de penas, para que entregassem se tinham algum ouro ou prata, próprio ou eclesiástico! E enquanto, o que havia, sob a pressão dos suplícios, era mais facilmente revelado, novamente com tormentos cruéis pressionavam os que faziam a oferta, julgando que uma certa parte, não o todo, havia sido oferecida; e quanto mais se dava, tanto mais acreditavam que alguém ainda possuía.

A outros, abrindo-lhes a boca com pontas de estacas, enfiavam pela garganta o fétido lodo por confessarem o dinheiro; a muitos, nas frentes e nas canelas, com nervos que rangiam, torturando-os, atormentavam; frequentemente água do mar, a outros vinagre, borra de azeite e molho de peixe e muitas outras coisas cruéis, como se em odres embebidos, colocados na boca, sem misericórdia lhes ministravam. Nem o sexo mais fraco, nem a consideração da nobreza, nem a reverência sacerdotal mitigava as almas cruéis; mas, pelo contrário, ali se exacerbava a ira do furor, onde tinham visto a honra da dignidade.

Quantos sacerdotes e quantos homens ilustres carregaram com fardos enormes, como a camelos ou outros tipos de animais de carga, não posso narrar; aos quais com agulhões de ferro os obrigavam a caminhar, dos quais alguns sob os fardos miseravelmente entregaram o espírito. A maturidade senil e a veneranda canice, que a cabeleira da cabeça como lã branca embranquecera, não alcançava para si nenhuma misericórdia dos hospedeiros. Mas também os pequeninos, arrancando dos seios maternos, o furor bárbaro esmagava contra a terra a inocente infância: a outros, segurando pelos pés, do curso totalmente natural até a altura da cabeça os despedaçavam; quando então, porventura, Sião

cativa cantava: disse o inimigo: incendiarei os confins meus, matarei os meus infantes, e os meus pequeninos esmagarei contra a terra.

(I, 3) Em alguns edifícios de grandes palácios ou casas, onde o serviço do fogo menos pôde, com tetos bastante desprezíveis, igualavam a beleza das paredes ao chão, de modo que agora aquela antiga formosidade das cidades nem mesmo que tenha existido absolutamente apareça. Mas também as cidades, em grande número, ou com raros ou com nenhuns habitantes são habitadas. Pois também hoje, se alguma restam, logo são desoladas, assim como ali em Cartago o odeão, o teatro, o templo da Memória e a via, que Célestis chamavam, totalmente destruíram.

E, para falar do necessário, a basílica maior, onde os corpos das santas mártires Perpétua e Felicidade estão sepultados, a de Celerina ou dos Cilitanos e outras que não destruíram, com licença tirânica, entregaram à sua religião. Onde, porém, fortificações e outras coisas eram vistas, que a hostilidade do furor bárbaro não podia atacar, reunindo em redor dos acampamentos turbas inumeráveis, atormentavam com fogueiras fúnebres, para que, apodrecidos os cadáveres, a que não podiam chegar, impedidos pela defesa das muralhas, matassem pelo fedor dos corpos que se liquefaziam.

Quantos e quão numerosos sacerdotes foram então torturados por eles, quem poderá explicar? Pois então também o venerável Panpianiano, bispo de nossa cidade, foi queimado em todo o corpo com lâminas de ferro incandescente. Da mesma forma, Mansueto de Urica foi queimado na porta Fornitana. Naquela tempestade, por volta de 480-481, foi sitiada a cidade de Hipona, que o digno de todo louvor, o bem-aventurado Agostinho, autor de muitos livros, governava como pontífice.

Então aquele rio da eloquência, que corria abundantemente por todos os campos da igreja, secou-se pelo próprio medo, e a doçura da suavidade, outrora oferecida de modo mais doce, transformou-se na amargura do absinto, de modo que se cumpriu o anúncio davidico:

enquanto o pecador se levantava contra mim, emudeci e humilhei-me, e calei-me acerca das coisas boas. Até aquele tempo, ele já havia composto duzentos e trinta e dois livros, sem contar as inúmeras cartas ou a exposição de todo o saltério e dos evangelhos, e os tratados populares, que os gregos chamam de homilias, cujo número é suficientemente impossível de abranger.

O que mais? Após essas cruéis impiedades de loucura, o próprio Geiserico tomou e entrou na grande cidade de Cartago, e reduziu aquela antiga liberdade inata e nobilíssima à servidão; pois também cativou não pequena multidão dos senadores da cidade. Em seguida, propôs um decreto, para que cada um oferecesse qualquer ouro, prata, pedras preciosas e vestes preciosas que tivesse; e assim, em pouco tempo, a rapacidade arrebatou com tal diligência as riquezas avoengas e paternas.

Dispondo também cada uma das províncias para si, reservou a Bizacena, a Abaritana e a Getúlia e parte da Numídia, mas ao exército dividiu a Zengitana ou proconsular com o cordel da herança, enquanto Valentiniano ainda imperador defendia as demais províncias, embora já exterminadas; após a morte deste, obteve o domínio de toda a extensão da África, e também as maiores ilhas, Sardenha, Sicília, Córsega, Ebuso, Maiorca, Minorca e muitas outras, defendeu-as com sua costureira soberba.

Da qual uma delas, isto é, a Sicília, ele concedeu posteriormente a Odoacro, rei da Itália, como tributo por direito; da qual Odoacro, em cada tempo determinado, paga tributos como a senhores, retendo, no entanto, para si alguma parte. Além disso, não hesitou de modo algum em ordenar aos Vândalos que os bispos e os leigos nobres fugissem completamente nus de suas igrejas ou sedes; e se, dada a opção, tardassem em sair, permaneceriam como escravos perpétuos. O que também aconteceu em muitos casos. Pois sabemos que muitos bispos e leigos, homens ilustres e honrados, se tornaram escravos dos Vândalos.

(I, 5) Então, de fato, ordenou que o bispo da mencionada cidade, isto é, de Cartago, homem manifesto a Deus e aos homens, de nome Quodvultdeus, e uma grande multidão de clérigos, colocados em navios avariados, fossem expulsos nus e despojados. Aos quais o Senhor, pela misericórdia de Sua bondade, dignou-Se conduzir com navegação próspera à cidade de Nápoles, na Campânia. Uma multidão de senadores e homens honoráveis primeiro esmagou com um exílio cruel. Depois, lançou-os para além-mar. Pois, tendo expulso o bispo, como dissemos, juntamente com o venerável clero, imediatamente entregou à sua religião a igreja chamada Restituta, na qual os bispos sempre residiam, e levou todas as que estavam dentro dos muros da cidade, juntamente com suas riquezas.

Mas também fora do muro, ocupou quantas igrejas quis, e principalmente duas, notáveis e amplas, do santíssimo mártir Cipriano: uma onde derramou seu sangue, outra onde seu corpo foi sepultado, lugar que é chamado de Mappalia. Quem, na verdade, suportaria e poderia recordar sem lágrimas, quando ordenou que os corpos de nossos defuntos fossem levados ao sepultamento sem a solenidade de hinos, em silêncio? Acrescentou ainda que também a parte do clero que havia restado fosse entregue ao exílio penal.

E enquanto estas coisas se realizavam, os grandes sacerdotes e homens insignes que restavam das mencionadas províncias, que os Vândalos haviam dividido, pensaram em dirigir-se ao rei para suplicar. E quando ele, como é costume, saiu para a praia de Maxula, que é chamada de Ligula pelo costume popular, já tendo perdido as igrejas e os bens, pareceram correr suplicantes, para que, a fim de consolar o povo de Deus, ao menos a faculdade de habitar, já dominando os Vândalos, lhes fosse concedida.

A estes, aquele, por meio de um intermediário, com boca furiosa, respondeu, como se prova: Decidi que de vosso nome e de vossa raça nenhum deixarei ir, e vós ousais pedir tais coisas? Aos quais também

quis, naquela mesma hora, afogar no mar próximo, se não fosse por seus próprios que por muito tempo o rogassem que não o fizesse. Partindo eles, consumidos pela tristeza e pela dor, começaram, como podiam e onde podiam, com as igrejas arrebatadas, a celebrar os divinos mistérios. Logo, porém, crescendo o reino em riquezas, começou também a soberba a propagar-se em maior medida.

(I, 6) Relatarei um fato ocorrido nesse mesmo tempo. Havia um certo conde Sebastião, da famosa linhagem do conde Bonifácio, por volta do ano 440, agudo em conselho e vigoroso na guerra; cujos conselhos Geiserico, embora necessários, temia também a sua presença. Desejando, porém, extingui-lo, buscou ocasião de morte na religião. Pensou o rei em convocar Sebastião na presença de seus bispos e domésticos, e assim lhe dirigir a palavra. 'Sebastião, disse ele, sei que juraste fidelidade e a nós te uniste, cuja verdade do juramento teus trabalhos e vigilância demonstram. Mas, para que tua amizade permaneça sempre e inseparavelmente ligada a nós, aprouve a nossos sacerdotes aqui presentes que te tornes seguidor da religião que tanto nós quanto nosso povo veneramos.

A isso, Sebastião, encontrando a questão admirável e muito necessária para muitos, respondeu agudamente para o momento: 'Suplico, senhor rei, que agora seja trazido um pão puríssimo e ao mesmo tempo uma imagem'. Como Geiserico ignorasse a vitória de Sebastião, imediatamente ordenou que fossem trazidos. Então, tomando o pão puríssimo, Sebastião assim falou: (Pois este pão, para chegar a tamanha beleza de esplendor e ser considerado necessário para a mesa real, tendo sido limpa a sujeira da massa, foi aspergido com a imagem, passou pela água e pelo fogo; por isso também é considerado brilhante à vista e suave ao paladar.

Assim também eu, moído pela mó da mãe católica e peneirado pela peneira do exame, para que, purificado como trigo limpo, fosse regado pela água do batismo e cozido pelo fogo do Espírito Santo. E assim como

este pão sai do forno fumegante, também eu, pelas ministrações dos divinos sacramentos, subi puro da fonte, obra do divino Artífice. Mas seja feito, se quiseres, conforme eu proponho. Este pão seja partido em pedaços, seja molhado com água e novamente aspergido, seja lançado no forno: se sair melhor, farei o que me aconselhas. Tendo Geiserico, com todos os que ali estavam, ouvido tal proposta, ficou de tal modo atado que de modo algum pôde se soltar. O qual, mais tarde, um argumento de outra natureza matou o homem belicoso.

(I, 7) E para retornarmos ao ponto de onde nos desviamos, ele aterrorizava com decretos funestos, para que no meio dos Vândalos os nossos de modo algum respirassem nem fosse concedido lugar algum para orar ou oferecer sacrifício aos que gemiam, para que então se cumprisse manifestamente o oráculo da profecia: não há neste tempo príncipe, nem profeta, nem guia, nem lugar para sacrificar ao teu nome. Pois também diversas calúnias não faltavam diariamente, mesmo àqueles sacerdotes que atuavam nessas regiões, as quais regiões pagavam tributo ao palácio. De modo que se, porventura, alguém, como é costume, enquanto admoestava o povo de Deus, tivesse nomeado Faraó, Nabucodonosor, Holofernes ou algum outro semelhante, era-lhe imputado que dissersa aquilo referindo-se à pessoa do rei, e imediatamente era lançado no exílio. Pois este gênero de perseguição era aqui praticado abertamente, ali ocultamente, para que o nome dos piedosos perecesse por tais insídias. Por esta razão, sabemos que muitos sacerdotes foram então relegados.

assim como Urbano de Girba, Crescente, metropolitano da cidade de Aquitânia, que presidia sobre cento e vinte bispos, Habetdeus de Teudale, Eustrácio de Sufeta, e dois tripolitanos, Vico de Sabrata e Crescônio de Oea, e Félix, bispo da cidade de Adrumeto, por ter acolhido um certo João, monge vindo de além-mar; mas também muitos outros, os quais seria longo enumerar. A estes, porém, postos no exílio, quando a morte sobrevinha, não era permitido ordenar outros para suas cidades.

No meio destas coisas, contudo, o povo de Deus, permanecendo na fé, como enxames de abelhas construindo moradas de cera, crescendo, era fortalecido com os doces seixos da fé, para que se cumprisse aquela sentença: quanto mais os afligiam, tanto mais se multiplicavam e cresciam sobremaneira.

(I, 8) Depois disso, suplicando o imperador Valentiniano, aconteceu que à igreja cartaginesa, após longo silêncio de desolação, fosse ordenado um bispo de nome Deográcias; cujas obras, se alguém se esforçar para percorrer paulatinamente as que o Senhor fez por meio dele, as palavras começarão a faltar antes que ele possa explicar algo. Tendo, pois, sido estabelecido aquele bispo, aconteceu, por pressão dos pecados, que no décimo quinto ano de seu reinado, Genserico capturasse Roma, aquela outrora nobilíssima e famosa cidade; e ao mesmo tempo, dali, capturou as riquezas de muitos reis juntamente com os povos cativos.

Enquanto aquela multidão do cativo africano atingia a costa, dividindo os vândalos e os mouros uma enorme quantidade de povo, como é costume dos bárbaros, os maridos eram separados das esposas, os filhos dos pais. Imediatamente, aquele homem cheio de Deus e querido por todos se apressou em vender todos os vasos do ministério, de ouro ou de prata, e libertar da servidão bárbrica, para que tanto os casamentos aliados permanecessem quanto os filhos fossem devolvidos aos pais; E porque nenhum lugar era suficiente para abrigar uma multidão tão grande, designou duas basílicas amplas e renomadas, a de Fausto e a das Novas, com leitos e palhas, determinando por cada dia quanto cada um receberia por mérito.

E como a inexperiência da navegação e a crueldade do cativo haviam afligido a muitos, não era pequeno o número de enfermos entre eles, os quais aquele bem-aventurado bispo, como uma piedosa nutriz, a cada momento percorria com os médicos que o seguiam, levando alimentos, para que, examinada a veia, o que fosse necessário a cada um

fosse dado em sua presença. Mas nem nas horas noturnas ele descansava desta obra de misericórdia, mas prosseguia, correndo de leito em leito, perguntando como se encontrava cada um. Assim, entregara-se inteiramente ao trabalho, a ponto de não poupar nem os membros fatigados nem a já decrépita velhice.

Inflamados por essa inveja, os arianos, com seus ardis, desejaram muitas vezes matá-lo. O que, creio eu, prevendo, o Senhor quis logo livrar o seu pássaro das garras dos falcões. Sua morte foi chorada pelos cativos da cidade de tal modo que então se consideraram mais entregues às mãos dos bárbaros, quando ele partiu para o céu. Exerceu, pois, o sacerdócio por três anos. Pelo amor e desejo dele, o povo, tomado de ardor, teria podido arrebatá-lo os membros do digno corpo, se não fosse por um prudente conselho: enquanto a multidão era distraída, ele foi sepultado sem seu conhecimento.

(I, 9) E porque não se deve sempre calar sobre as impiedades dos hereges, nem pode ser motivo de vergonha o que redunde em louvor do que sofre, o ordenador do já mencionado sacerdote, de nome Tomás, enquanto era frequentemente pressionado por várias armadilhas deles, certa vez, em plena via pública, feriram o venerável ancião com pedras. O que ele, não considerando como opróbrio, mas como recompensa para sua glória, alegrava-se no Senhor.

De onde aconteceu que, após o falecimento do bispo de Cartago da Zeugitana e da província proconsular, proibiu que fossem ordenados bispos; cujo número era de cento e sessenta e quatro. Os quais, diminuindo paulatinamente, agora, se é que ainda existem, parecem ser apenas três: Vicente de Gighthis, Paulo de Sinnara, verdadeiramente por mérito e por nome Paulo, e outro Quintiano, que agora, fugindo da perseguição, permanece como peregrino na cidade de Edessa da Macedônia.

(I, 10) Mas também se comprovam existir muitíssimos martírios, e uma imensa e numerosa multidão de confessores; dos quais tentarei

narrar alguns. Havia então servos de certo Vândalo — este Vândalo era daqueles a quem chamam milenários — Martiniano, Saturniano e seus dois irmãos. Havia também uma conserva deles, uma escrava de Cristo insigne, de nome Máxima, formosa tanto no corpo como no coração. E porque Martiniano era fabricante de armas e parecia bastante aceito a seu senhor, e Máxima governava toda a casa, o Vândalo acreditou que, para tornar os mencionados servos mais fiéis a si, deveria unir Martiniano e Máxima em consórcio conjugal.

Martinianus, segundo o costume dos jovens seculares, desejava o matrimônio, pois Máxima já estava consagrada a Deus, recusava as núpcias humanas. Mas quando chegou o momento de se aproximarem do segredo silencioso do quarto, e Martinianus, ignorando o que Deus havia decretado a seu respeito, com confiança marital, como se com uma esposa, desejasse repousar, a serva de Cristo, com voz viva, respondeu-lhe: 'A Cristo, ó irmão Martinianus, dediquei os membros do meu corpo, e não posso obter o matrimônio humano, tendo já um esposo celestial e verdadeiro. Mas darei um conselho: se quiseres, poderás também tu mesmo alcançar, quando for permitido, que aquele a quem eu desejei desposar, também tu te deleites em servir.'

Assim aconteceu, pela providência do Senhor, que o jovem, obedecendo à virgem, também ganhasse a sua alma. Ignorando, portanto, o Vândalo o comércio do segredo espiritual, compungido e transformado, Martiniano persuadiu também a seus irmãos que tivessem o tesouro que encontrara, como sendo comum a irmãos. Convertido, pois, com seus três irmãos, e acompanhado também pela serva de Deus, saindo secretamente à noite do mosteiro de Tabraca, do qual presidia então o nobre pastor André, unem-se a ele. Ela, porém, habitou um mosteiro de virgens não muito distante.

Perguntando, pois, o bárbaro com inquirições e subornos frequentes, o que havia acontecido não pôde ser ocultado. Encontrando, portanto, já não seus próprios escravos, mas os servos de Cristo, lança-os em cadeias

e com vários tormentos persegue os servos de Deus, agindo com eles não apenas para que se misturassem igualmente, mas o que é mais grave, para que através da imundície do rebatismo contaminassem os ornamentos de sua fé. Chegou isto mesmo até ao conhecimento de Genserico: decreta o rei, que o feroz, implacável, afligisse os servos durante tanto tempo, quanto tempo eles não cedessem à sua vontade. Ordena que à maneira de serras, fossem feitos bastões robustos como que palmados com raízes, que, sacudindo as costas, não só quebrassem os ossos, mas também os espinhos perfurantes permanecessem no interior.

Enquanto o sangue fluía e as carnes se dissipavam, expondo as vísceras, no dia seguinte, pela cura de Cristo, sempre eram restituídos incólumes. Isto aconteceu muitas vezes e por longo tempo, e nenhum vestígio dos flagelos era visto, pois o Espírito Santo continuamente curava. Depois disso, Máxima é apertada com dura custódia e estendida sobre cruel cavalete: a ela, como não faltava a frequência dos servos de Deus que a visitavam, à vista de todos, a podre fortaleza das enormes madeiras se desfez. Este milagre é celebrado pela voz de todos, e a nós, a quem pertencia a custódia, com juramento testemunhou ter sido assim.

(I, 11) Mas quando o Vândalo desprezou conhecer a virtude divina, começou a grassar em sua casa a ira vingadora. Morre ele mesmo juntamente com os filhos; os servos e os animais, quaisquer que fossem os melhores, perecem igualmente, e ficou a senhora viúva, desamparada do marido, dos filhos e da fortuna. Oferece os servos de Cristo, por graça de um presente, a um parente do rei, Sesão; o qual, tendo-os recebido como ofertados com grande alegria, o demônio começou a agitar mal, com vários movimentos, os filhos ou os domésticos dos santos, por mérito. Aquele parente, por ordem, como havia acontecido, sugere ao rei. Decide imediatamente o rei que devem ser enviados relegados a um certo rei gentio dos Mouros, cujo nome era Capsur. A máxima serva de Cristo, porém, confuso e vencido, deixou à sua própria vontade; a qual

agora sobrevive virgem, mãe de muitas virgens de Deus, para nós também de modo algum ignorada. Chegando, porém, são entregues ao mencionado rei dos Mouros, que permanecia na parte do deserto, que se chama Caprapicti.

Vendo, portanto, os discípulos de Cristo muitos sacrilégios e sacrifícios ilícitos entre os gentios, começaram com sua pregação e conversação a convidar os bárbaros ao conhecimento do Senhor nosso Deus; e desse modo ganharam para Cristo Senhor uma imensa multidão de gentios bárbaros, onde antes por ninguém a fama do nome cristão havia sido divulgada. Então, depois, considerou-se o que se faria, para que o campo já cultivado e limpo pelo arado da pregação recebesse a semente evangélica e fosse regado pela chuva do santo batismo.

Envia-se legados pelos extensos caminhos do deserto; chega-se enfim à cidade Romana, roga-se ao bispo, que destinasse ao povo crente um presbítero e ministros. Cumpre com alegria o que era pedido o pontífice de Deus: constrói-se uma igreja, batiza-se uma multidão imensa de bárbaros, e de pedras um rebanho fecundo de cordeiros se multiplica. Isto Capsur anuncia a Geiserico por meio de sua relação. Sobre o qual assunto, levantando-se em inveja, ordena que os servos de Deus, com os pés atados atrás das costas, perecessem igualmente entre os lugares espinhosos das florestas, atrás de quadrigas em movimento, para que, arrastados e trazidos de volta, os corpos inocentes fossem dilacerados pelos espinhos lenhosos das madeiras, de tal modo que visse cada um a sua própria morte.

Eles, quando se avistavam de perto, correndo com cavalos indomados, os mouros lamentando-se mutuamente, cada um assim dizia adeus a si mesmo na angústia da fuga: 'Irmão, ora por mim; Deus cumpriu nosso desejo: assim se chega ao reino dos céus.' E assim, orando e salmodiando, entregaram as piedosas almas, enquanto os anjos se alegravam: onde até hoje não cessa Jesus Cristo, nosso Senhor, de operar imensas maravilhas. Pois o bem-aventurado Fausto, outrora

bispo de Boronita, atestou para nós que certa mulher cega foi iluminada, onde ele mesmo estava presente. (I, 12) Daí se acendeu Genserico contra a igreja de Deus.

Envia Proculo, um certo homem, à província de Zeugitana, para que forçasse todos os sacerdotes do Senhor a entregarem os ministérios divinos ou todos os livros, para que primeiro os despojasse das armas e assim, mais facilmente, o inimigo astuto capturasse os indefesos. Estes, clamando que não podiam entregar, eles mesmos com mão rapaz saqueavam tudo e, dos panos do altar, oh, abominação! faziam para si camisas e calções. No entanto, aquele Proculo, executor desta ação, comendo aos poucos a própria língua, em breve foi consumido por uma morte muito vergonhosa.

Então, pois, o santo Valeriano, bispo da cidade de Abensa, enquanto lutou virilmente para não entregar os divinos sacramentos, foi ordenado a ser expulso para fora da cidade, isolado; e assim foi decretado, que ninguém o permitisse habitar nem em casa nem no campo. O qual, na estrada pública, por muito tempo jaziu nu sob o céu: tinha mais de sessenta e nove anos, a quem nós, então indignos, merecemos saudar em tal exílio.

(I, 13) Certa ocasião, celebrava-se a solenidade pascal; e enquanto, num lugar chamado Régia, para o dia da honra pascal, abriam para si a igreja que estava fechada, os arianos o souberam. Imediatamente, um certo presbítero deles, de nome Anduit, reunindo consigo um bando de homens armados, inflama-se para atacar a multidão inocente. Entram com espadas desembainhadas, agarram armas; outros também sobem nos telhados e, pelas janelas da igreja, espalham flechas. E então, por acaso, enquanto o povo de Deus ouvia e cantava, um leitor, de pé no púlpito, cantava um canto aleluiático; nesse momento, uma flecha, lançada em sua garganta, e ele, caindo com o códice das mãos, morto, tombou depois ele mesmo.

Pois também muitos outros, com flechas e dardos, no meio do degrau do altar, são comprovadamente mortos; pois aqueles que não foram então mortos à espada, depois, consumidos por tormentos, por ordem do rei, quase todos foram mortos, especialmente os de idade mais madura. Em outros lugares, como aconteceu em Tunuzuda, Galibus, Uicu Ammoniae ou em outros locais, no tempo em que os sacramentos de Deus eram distribuídos ao povo, entrando com grande fúria, o corpo e o sangue de Cristo espalharam pelos pavimentos e o pisaram com pés contaminados.

(I, 14) Pois o próprio Geiserico havia ordenado, por sugestão de seus bispos, que dentro de seu palácio e dos de seus filhos e netos, apenas arianos fossem colocados nos diversos serviços. Entre outros, chegou-se então ao nosso Armogastes. Enquanto por muito tempo e repetidamente lhe torciam as canelas com estridentes cordas, apertando-as, e lhe rasgavam a testa, na qual Cristo havia fixado o estandarte de sua cruz, mostrando-a mais enrugada e sulcada, e ele gemendo, os nervos, como fios de teia de aranha, estalavam sob o olhar do santo para o céu. Mas quando os torturadores viram que as cordas nervuradas e nervais estavam rompidas, trazendo com mais frequência cordas mais fortes e de cânhamo, enquanto ele nada invocava senão o nome de Cristo, todas elas se desfaziam. E ainda, enquanto pendia de cabeça para baixo por um só pé, parecia a todos que dormia como sobre um leito estendido com penas.

O qual, quando Teodorico, filho do rei, que era seu senhor, ordenou que fosse decapitado, não sendo capazes os suplícios, é impedido por seu presbítero Jucundo, que lhe diz: 'Poderás matá-lo com diversas aflições; pois se o matares pela espada, os romanos começarão a proclamá-lo mártir'. Então Teodorico o condena à província de Bizacena para cavar fossos. Depois, como que para maior opróbrio, não longe de Cartago, onde pudesse ser visto por todos, ordenou que fosse pastor de vacas.

Enquanto isso, enquanto, por revelação do Senhor, percebia que o dia de seu repouso estava próximo, chama um certo Félix, venerável cristão, procurador da casa do filho do rei, que venerava Armogastes como a um apóstolo, e lhe diz: 'Chegou o tempo de minha partida; suplico-te pela fé que ambos sustentamos, que te dignes sepultar-me debaixo desta árvore de alfarrobeira, prestarás contas ao nosso Senhor, se não o fizeres'. Não que ele se importasse onde ou de que modo seu corpo fosse sepultado, mas para que fosse demonstrado aquilo que Deus havia revelado a seu servo.

Respondeu Félix e disse: 'Longe de nós, venerável confessor, mas sepultar-te-ei em uma das basílicas com triunfo e graça que mereces'. A isto o bem-aventurado Armogastes: 'Não, mas farás o que eu disse'. Ele, temendo entristecer o homem de Deus, prometeu sinceramente que faria o que havia ordenado. Imediatamente, dentro de pouquíssimos dias, o campeão da boa confissão migrou desta vida. Apressou-se Félix em cavar sob a árvore o sepulcro que lhe fora designado. O qual, quando as raízes entrelaçadas e a solidez da terra árida causavam demora e trabalho, angustiava-se, porque mais lentamente seriam sepultados os membros do corpo do santo. Finalmente, cortadas as raízes, cavando a terra muito mais fundo, avistam um sarcófago de mármore esplendíssimo preparado, tal como talvez nenhum dos reis tenha tido.

(I, 15) Mas tampouco devo omitir certo afchimimo, de nome Masculano. O qual, quando era pressionado com muitas insídias para que abandonasse a fé católica, o próprio rei depois, com lisonjas e discursos mundanos, o convidava, prometendo acumulá-lo com muitas riquezas, se ele tivesse prestado ouvidos dóceis à sua vontade. O qual, como permanecesse forte e invicto, ordena que ele sofra sentença capital, contudo de modo tão astuto, mandando secretamente, que se naquela hora ele temesse o golpe da espada vibrante, antes o matasse, para não o ter feito mártir glorioso; mas se, porém, o visse forte na confissão, contivesse a espada. Mas ele, como coluna imóvel, fortalecido

por Cristo, tornou-se glorioso confessor. E se o invejoso inimigo não quis fazê-lo mártir, não pôde, todavia, violar nosso confessor. (I, 16) Conhecemos também outro, naquela tempestade, de nome Sátiro.

O qual, sendo um membro ilustre da igreja de Cristo e com liberdade católica frequentemente repreendesse a insensatez e a perversidade dos arianos — este era procurador da casa de Hunirico — foi acusado por um certo diácono Mariuado, a quem Hunirico, o infausto, singularmente honrava, para que se tornasse ariano. Prometem-lhe honras e muitas riquezas se o fizesse, preparam-se suplícios terríveis se não quisesse, sendo-lhe proposta esta opção: que se não obedecesse às ordens reais, primeiro, após inquérito, perdendo a casa ou os bens, dispersos todos os servos e filhos, sua esposa, na sua presença, fosse entregue a um camareiro em casamento.

O que ele, cheio de Deus, mais desejava era que rapidamente se cumprisse, provocando os ímpios. Por essa razão, sua esposa parece ter perdido uma trégua àqueles que o perseguiam, sem o conhecimento do marido. Aproxima-se do marido outra Eva, instruída pelo conselho da serpente. Mas ele não foi um Adão, que tocasse os frutos sedutores da árvore proibida, porque não se chamava Indigente, mas Sátiro, saciado pela abundância da casa de Deus e tendo bebido do torrente das suas delícias. A mulher chegou ao lugar onde o marido singular orava, com as vestes rasgadas e os cabelos soltos, acompanhada pelos filhos e carregando nos braços uma menina ainda de peito. Sem que ele soubesse, ela a lançou aos pés do marido, e ela mesma abraçou seus joelhos com os braços, sibilando com a vozearia do dragão: "Tem misericórdia de mim, dulcíssimo, e também de ti mesmo; tem misericórdia dos nossos filhos comuns, que tu mesmo vês. Não fiquem sujeitos à condição servil, aqueles que a linhagem da nossa família tornou ilustres; não seja eu submetida a um matrimônio indigno e vergonhoso enquanto o marido vive, eu que sempre me gloriei entre as

minhas coetâneas a respeito do meu Sátiro. Deus sabe que contra a tua vontade farás isto, o que talvez alguns tenham feito voluntariamente".

A ele, aquele respondeu com a voz do santo Jó: 'Falas como uma das mulheres insensatas. Temeraria, mulher, se só a doçura amarga desta vida existisse. Com artifício, ó esposa, serves ao diabo. Se amasses o marido, nunca atrairias teu próprio homem para a segunda morte. Arrebatem os filhos, separem a esposa, levem a substância: eu, seguro das promessas do meu Senhor, guardarei as palavras: se alguém não deixar mulher, filhos, campos ou casa, não pode ser meu discípulo'. Que mais? Partindo a mulher com os filhos, rejeitada; Saturo é fortalecido para a coroa, é sacudido, despido, esmagado com penas, é deixado como mendigo, é-lhe proibido o acesso de sair. Tudo lhe tiraram, contudo não puderam arrancar a estola do batismo.

(I, 17) Depois disso, Genserico ordenou que a igreja de Cartago fosse fechada, tendo os presbíteros e ministros sido dispersos e espalhados por diversos lugares de exílio, porque não havia bispo. A igreja foi mal reaberta quando o imperador Zenão suplicou por meio do patrício Severo; e assim todos retornaram do exílio. Quanto ao que ele realmente perpetrou na Hispânia, Itália, Dalmácia, Campânia, Calábria, Apúlia, Sicília, Sardenha, Brútios, Lucânia, Épiro [antigo] ou Heláda, melhor o narrarão, para ser lamentado miseravelmente, os próprios que ali sofreram. Mas eis aqui o fim de nossa perseguição, conduzida por Genserico com tanto esplendor quanto crueldade. Durou, porém, no reino, trinta e sete anos e três meses.

Aparato Critico

1. a. p. Ch. 427

2. 2 sexagesimus mss praeter Bl 3 quo om. BVC ex eo quod W ex quo Msl L 4 miaerabilee a PR attingit P1 angusti W 6 quod] qua a 7 uniuersitatis φ genserici W (ubiue) geBeric a 8 gentis φ 9 quem] cf. Indic. III 'constructio ad sensum' 10 profanderat W' 11 uel om. φ oponio P 12 uulgata φ hodiernum diem 9 ascendentibus armatorum transitus P 14 pacatum P 15

- quaquauereuum BV1 W1 P1 R : cf. Schuch. Vocalismus II, 507; III, 309 impetebant W2v : sed cf. Indie. III 8. v. impendere 16 populebantur V C s1 populabantur Ms2a 18 atra PB praeurupta VC 19 seclusa C ullis φ oo crudeUtati PB
3. 1*
4. 7 Ps. 73, 5—7.
5. 2 cymeteriiB C cimiteriis MsL 3 domus PR 7 corrciderant W exciderunt <p 8 asscia PR 9 ea aW: recte ? 11 ab eis om. Ms' 14 quae erant] querunt <p pe(ε)nis ut facilius proderetur φ 16 totam aPR esse oblatum tPL esse oblatam a 17 alii PR palorum] i. e. cuspidibus s. Z. additum in φ 18 fatidum Ws confusioem aPR 20 plerisque qp 22 atquej quae P 28 infirma P 25 exagerabatur BW1 exaggerebatur qp 27 inlustribus uiris W honera a
6. 4 cf. Esai. 1, 18. 9 IY Reg. 8, 12.
7. 1 imposuerant PR narrare PR 3 amisere qp 4 lana candida Wa 5 sibi om. W hostibus a ospitibus PR 6 ab maternis uberibus φ rapiens maternis a barbaricus Ms 7 elidabat VC aliis] hic incipit b alii pedibus parnulum tenentes qp 9 ayon φ Wa canebat cp 10 incendere se a b 11 eliserunt W 13 minister tp ualnerat Waft testis P 14 pulcritudinem] .sic B1C1Ma solo] i. e. terrae 8. i. VCs, 16 qua W appareat] ignoratur φ 17 quae φ 18 sicuti P iui b in aPB odium Halmius : odia B odii W odio o; om. a theatrum Wa: theatra B theatra o ibi cartagineo theatro φ idem P memoriae dignam rp 19 quae caelestiB nocabatur o de nesoesariis Y decessariis C 20 maiorum mss praeter W L 21 tunt destruxerunt φ 22 seillitanorum φ aeillitanorum Wβ et om. BW fort. recte non om. C. deltruerant p
8. 16 Ps. 38, 2-a.
9. 1 manitores P 2 quos C 3 usi bis turmis W 5 liquentium enecarent fetore corporum φ : in V corporum m. 2 8. 1. addit. 6 necarentur a faetore W Ms foetore β 7 etenim a 8 panpianni B; cf. III, 65 panpineu et Schuchardt. I, 106; III, 58: panpianns W pampinianas φaLb2 pampinias Pb'B 9 lamini VCV1 Ma totus Pb1R 10 nircitans W iuricitanus Pb1B 11 ipporegiorum W ippos (yppos Ms) regionum B φ yppoe regio////m P ypporegiam ab ciaitas obsessa est 9 12 aguatinus BV (Schuch. II, 311) 14 meta: num meatu? 15 amaritadinem mss praeter BP; cf. Indic. III 'in cum abl. pro in cum acc.' 17 omutui W 19 duos mss praeter B 20 epistolis VCWaPb pMherii totius φa 21 populariis B (ex popularias) φ W fort. recte quos CM et b s. I. quod o bomelias β 23 impietatis BWaβ insanias Waβ
10. a. 439 mense Octobri
11. a.448 (Papeno. p. 179)
12. a. 476
13. 1 inaruit Pb* 3 redigit B 4 propoposuit VCl propo- Buit Cms anri et Ψ 6 brebi B abitas Bb* habitaa φ WPR 7 industria] i. e. calliditate sic VCs s. I. 8 uizacenam BφWL bizacenam a biaeenam P b1R abaritanam om. W getnlam P 9 eiercitu P zeuitanam W eugitanam P biB 10 heriditatis V diuisit] -1- diuiult dissipaunt sic VCs 11 iam om. M exterminata B, s a. I. addita defendentem BVOPB 12 optinuit WMaPB 14 ebuso aWb* efesum PR maiorica BtpW minorica B VCMs, minorica M: fort. scrib. Corsicam cum Ebuso, Maiorica, Minorica alia W 15 illarum om. W oduacro BVbI aduacro C odouacro MsL oduacro Wab* obduacro PB 16 iure tributario a 17 eil] ei aβ oduacar B adouacar VC odouacar Ms odnacer PbsB odouacer L odoscer Wab1 domino aβ 18 rependit qp seruantibus φ reseruans a 20 sedibus vel (et a) ecclesiis φa 21 effugent W quod«i... remanerent om. PbxB obtione bL preposita VC
14. 1 epischopos V oleros W 2 nouimus esse tpa 4 quodnuldeum. W 6 deus o 9 primū W in tnsmarinam partem <p transmarinā in partē W 11 ecclesia. B restitnta CL 13 ciuitatis faeraat tp 14 foris maro B (I, 40; III, 15, 16): f. maros Wβ f. murum a quae f. (foras L) muro (muroa

- MaL) erant φ L 17 uoeitatur] dicitur β qui P 18 reordare PIB 20 ad sepulture B sepultrae β addit a et om. P 21 traderetur o geruntar] fierent a 22 memoratorum B 24 nt om. BVCLaPB 25 maxilitanum W a βexissent W exissent et P 26 occurre P iussi C * 27 Baltim BVCWsL salntem b
15. 1 quibus ... probatur] quibus dixit rex PblR 2 comprobatur a ergo VCL Wb* ego ||||| ex genere P 5 recedentee igitur illi a 7 ministeria a 8 creBoentibus M et om. a superba P 10 referam autem a . fructum P 11 boneffectii a bonifacii CMsLβ 13 et] eius Halmius 16 inquit BVC 17 adhesise B adhenise Wl 19 connexa a tua in B 8. 1. addit. 20 eius] similis a cultor W2s2b: cultui W1 cultu reU. at cf. Cod. Theod. XVI, 5, 6 catholicae religionis uerus cultor; Pauli Hist. XYI, 7 rectae fidei cultor 21 uester W populus] prosper W prae- (pre- JB) positus PB propositus b 93 unus om. a 24 atque Pb simulacius Bb ante rasuram: similacius B2 WPb2 similiatius φL 26 aeabstianns post panem habet P affatus WbB affectus P
16. 3 Pa. 65, 12. 20 Dan. 3, 38.
17. 1 Bpledoris P ueniret o 2 spurcicia scripsi : spuria msset uulgo 8 simulaginis] sic BVL conpersus W conspers P 5 mala W crebro P 6 simula] sic BVCL 7 forno P 9 ut] quod § 10 frustra BVa medidetur C eonspargatur o 11 et mittatur b fomum o faciamque Bl faciam quod a 13 se om. W 14 quemquem P alius Lorichius: alio ms8 genere argumenti Ms2 postea om. P 18 neque] ne W nec a 19 locus gementibus a uaticium P oo priniceps om. P 24 ieligiones B V1Cs ut si BtpaW (nt = uelut, exempli gratia): et si o 25 populum dei a ammoneret] sic Btpa (TI, 28, 82, 35, 41; III, 5) pharahonem b
18. a. 454
19. 16 Exod. 1, 12. b
20. 1 nabocodonosor P nabncodonosor a olofernem β 2 pergonam Lv diiisset om. C 8 enim om. a genus] tempore genus PbtB agebatur B m fin. uers. 5 religatos WPb 7 XX C abetdeum BVCWsa thendalensem Ms teaudalen. sem b 8 enstraioium sa tripoletanos M sabrathenum Ms 9 eensem B Vs eemsem C uel meenoon censem W censem ML meensem Pbl R aticensem ab' adrametine a admmentine β 10 hoc otn. a quandam b 11 et om. W 12 aenisset φ 13 alios om. PblR 14 populos P1 examen Lv 15 milleis b caliculis Wβ (caliculis = lapidibus uel caementis; cf. II, 10 fidei infringere non nalnit murum) 16 impler.tu- B (duae litt. euan.) eos affligebant] magis eos affl. W magis adfl.gebantur β 20 cartha(cart-a-)ginensis WC2a1Lβ
21. a. 455 mense Iunio
22. 25 cf. Ps. 123, 7.
23. 2 ut om. BVCMS1a . condam W ut quinto a 5 captiaitatiB om. a 6 diuidentibus uuandalis et mauris Lβ 7 et liberi aβ apparentibus b 9 ministerii ussa β 10 et ut aW fort. recte; cf. Fulgent. Myth. I, 1 Muncker. permanerent a 11 pignora a 12 capescendam φb1 14 quanto BVCW s1 a 18 cum medicis] nice (uia b) medici Pb'B 21 feriebatur BV1CW1L1 ferebatur V2Ms pergebat excurrens] currebat a lactus] sic BVPR lecto W 22 se] se huic β omni W 23 canosae Ms 24 libore B quam plurimis eum φ 25 necare a crebro W praeuidentis mss praeter B b2 pascerem W paserem b2 26 ancipitrum a.
24. 1 mais W1 2 barbarum VC 3 est om. PR 5 euocatur W dum more uacatur aβ 7 non est semper φ 9 ordinator W2s2Lb2 ordinatur BVCW1Pb1R ordinatas Ms* memorati om. PR secerdotii W sacerdotii PR 10 thomas WPB tomas b 11 quondam BV1 catamis C catomis WMsLb 12 obproprium BVCPB obrobrium W 14 at om. PR carthaginis episcopi o ougitasae PblB proconsolari V 15 intercederet tp 16 deficientes s2 L b2 17 uicentius C 18 sitinarianus P R 20 edissam MeL adessam PB maehedoniae BVCWL macedonia P 21 sed] sed et a etiam] etiam

- tunc Ws2 aβ 28 aliquos PblB 24 fuit] fuit autem β marturianus BVWa PB (in V supra script. a m. 1 uel martinianus)
25. 1 quaedam conserua eorum p corpori W 2 marturianu W armisfactor b armificator rp 3 acceptusuidebatur o acceptua... dominabatur om. W 5 famulos si...sociaret 1Ws2ab marturianum W 6 sociat Msl adulescentularum BφL 7 Maxima namque] maximaque PblR maxima uero M 8 ad BY (III, 47) 10 cd iuge B, con s. I. addit. a m. 2 ut uid. 11 nubitare PblB 12 ergo VC 13 sortiri WstaLp 16 dum a 18 commertio PR conmeritia b 20 quod] quem WC2Ms2aL haberent post communem habet a 21 fratribus tribus W 22 nocts W tabraceno VC 24 haut] sic BVMsa 27 uiculis W uanis a
26. 1 insectatua VC2MS1insectatoe C* 3 cenum B coeno bt coenum b': pro r. caeno PB 4 decernit rex] regis qui praecepit β 5 eras W' herus W2 82 v :in V addit. a. Z. scilicet homo heros C1 inPL et homo feras M seruos] serus VIC* eos C* aereo Wx sernoe dei b* adfligeret o 6 ferarum M'a 9 et om. WPR 10 incolomes] sic BWMSL (II, 11) 12 spiritu saucto MP 13 artantur PR dure BVOP ducere W dura ab custodia aPb turpidinique W 14 extenduntur PR cui WMab'L. qui BV1Pb1R quae V2C 17 nobis ille sb' 20 uindictrix B VCM recte : nindicans B corr. uindictrix rdl. crassari WtJ 22 remansit a remanens itaque o 23 atque seruos a sersaoni Wβ 25 demoeticof VC domesticoe eius Ws2aβsanctorum om. a
27. 1 montibus VC1 Ex] quod ei ab2 8 regi post gentili deest in Pb erat a capsium PR 4 religandos WPblB deberet Pb maziminam P* mazima... famula B nero] namque (J 5 propria uoluntate o 6 ningo om. Pb' 8 eommanente P1 R caprapicta a 9 multam B V1 et om. Pb1R 11 inuitare barbaros a 12 barbaroram om. M 13 antea nulla ML antea a nullo WaPb'B 14 deualgata W 18 et] ac a 19 distinare BVC explet cum B'Lb': expletum BVCs1PR expletur W- expletam est cum ab' expleuitque M gaudid P 20 pontifex] ordinatur pontifex ab2 uulgo post pontifex interpungitur; sed cf. III, 54 et Indic. III 'dei* constituitur W baptizatur simul aβ bapt. multitudo simul W 22 renuntiat aβ capsu BV1 capfo P capso R 23 in inuidia ab*: innidia rell. posterga WCMP 24 curretium W
28. 2 ita ... peruiderent om. a disligans PB 3 praeuiderent Lβ e uicino] nicino PblR indomitis equis plangentibus om. BtpL ind. equis mauriscae plangentibus Ws* 5 fugae] furore β vel furore fugae W dicebat Wo 8 hodiernum diem cpWaL 9 no W christus ieras a inter dominus b dominus noster WMs aLP 10 faustinus burtinitanus o 11 quadam B V2C quedam V1 13 hinc scripsi (II, 11): hec B propter haec (propter in V 8. J. addit.) φL inter haec a post haec Wfi 16 inhermes BVafL 17 captiuaret W ex captiuafet Qui se non] quibus se non s2 a L quis enim p posset VCβ clamantibus] clamantibus sacerdotibus Wp 18 ipsa β 19 femoria V1 femoralias b 20 rei om. M regi Wl frnstratim BV. 22 abense Bcpa habense (-ae) Wp 23 foras WL cinitatem mss praeter B
29. VII.
30. 2
31. 2 nudus β 3 LXX a in om. β5 quondam L paschali BVC pascalis MP 6 quae] qui VCMsaL diei bl 7 honorem β conpererunt] ut conpererant Ma compereant W conperinnt b compereunt PB 8 andnit a andiot L addnit o 9 congregatam et manum β secum om. β 10 accenditNu P accendit bR innocentium aLb1 11 fenestram P 13 in pnlpito WS2 alleuiaticos β uel os b 14 in gutture om. β guttere V. 15 alia BVCs1 quam plurimi] multi a 19 tunuzuda B W tunuzuda cpL tinuzuda Pb nunc a galbus Wβ 20 uico Wa amoeniQ W Uicu Ammoniae cum Mommseno nomen loci esse puto 21 introeunte maximino β 22 pauimento β expanserunt b 24 ipse a
32. 23 II Tim. 4, 6.

33. 2 armogasten a 3 tinientibus W1 timentibus BVC tumentibus MaL humentibus 82 chordis Ms et sic infra 4 ragam § 5 descendentes BVCWaLa1 discedentes M ostenderunt PR oetenderant b distenderent M 6 caelo o respicientes b 7 torres VCS1 tortores torres M disruptas WMsβ (III, 31) allatas P 9 inuocanti] sic Bφ uanasebant o euanescebant Ms 12 theodoricus L theudoricus PR non] nil M 13 iocundo φWaβ 14 dicente Wβ15 matirS W 16 theodricus VC teudoricus P nizacenam BVC saL iuaazenam M bizagenam o prouinciam uizacenam W 17 maius W2CMsaL 18 obproprium C haut MsaL: haud WC aut BV ut β a carthagine sa 19 eum pastorem o 20 dormitioni bR 24 silice a siliqua V'Ms arborem BVI arborum V2M
34. 2*
35. 1 deo β 4 reuelauit W dixit Mab 5 sepiliam b 6 quam aLp cui] cuius b armogast' (sed ' man. rec. add.) C armogastes Msa 7 constrictare Bl contristari a 8 se esse β 11 Qui] cui CaLb intextae WsaL solidatas Pb1R 12 facerent aL et om. a labore WaL§ augeretur Lβ 14 cauentes V CPR sartofagum BV (Schuch. I, 161; III, 83) spendidissimi C 15 quale M 16 ne b quandam p archiaminia W archiminium ML archinimum β mansclan β masclan 8 18 comitteret B comittet Y cōmutet C commtaret Ms omittet aL 19 promittit β eum mnltis Msb 20 anditam b fatile W 21 inuictus in fide o sibi snbire W sententia b 22 callidus om. a M martyre b 25 a om. W
36. 20 cf. Ps. 35. 9.
37. 2 Etsi uulgo; cf. II, 35, PasB. 6 8 no P 7 hic] namque Ms unirici W honerici reU. 8 mauriuado, B ante rasuram condi W' quonda W' huniricus W: hunuricus B hunericus rell. 10 si om. PIR 11 obtione] sic BVIC 12 primo diecussione metante acripsi coli. II, 50, 51, III, 46: primo discussionem et ante BVC1WMsa prima discussionem (discurs- PR) et ante C1β primo facta duscussione et a. Lx domu PIB 13 fiis W' 14 in] ad β traderetur in coniugium a deo plenus P 15 perne. nisset Pb prouaobat V 16 indutias ita BW (III, 28) indicias P 18 magistrae V2 Ms magiatra C illecebra M 19 nitae β 20 satiatus β torrente mss praeter B V (τόν χει- μάρουνης τρυφήσαον ποτιείς αὐτούς) 21 diliciarum BVCW1 22 conscisis W conoissis b scissis uestibus ... ll, 7 humilitatem in illo desunt in a, uno folio deperduo 23 seque a
38. a. 476
39. 10 Iob 2, 10. 15 Lnc. 14, 26.
40. 1 Quam] quae WL nescienti β proicit Cs Halmius proicitr BVWL proiecit M proiciens βu 5 conditione Ws 8 innictus b 9 fecere b ille illud b uoee om. β 12 coniunx LPR munitaris ex minitarris W ministra ea C ministras 8' ministrares P1 diligeris BVlxb 14 distrahent b 17 potrat W discendene W1P1 18 confortatos b 19 interoeditnr et 20 accensus P 21 aufere b 24 fuerat] erat β 25 subplificante P' 26 ispania P 27 in italia β
41. 1 brities BVCWsfī bricies ML tucania P uetus e dittographia uocis uel (net') ortum ratus deleui uel om. β hellada PB hellade b sibi o 2 ipsis PR logendo p 4 ingeste (-e b) β 5 mensibusque W et mensibus β tribus. Explicit liber primus. incipit liber secundus de hunurico B Incipit liber secundus (-n- C) de hunirico (hunrico C) VG Ezplicit liber -i- incipit liber eecundus (-II- W) W M Explicit liber -i- incipit -n- de hunirioo 8 Explicit liber primos. incipit liber secundus de honorico (horico b) sacrilogo o

Livro 2

Sucedeu-lhe. O qual, no início do seu reinado, como é próprio da astúcia dos bárbaros, começou a agir de maneira mais branda e moderada, e sobretudo em relação à nossa religião; de modo que até mesmo onde antes, sob o rei Genserico, havia sido proibido que se realizassem assembleias espirituais, as congregações das igrejas concorressem com os povos. E para mostrar-se religioso, determinou que fossem diligentemente procurados os hereges maniqueus; dentre os quais muitos queimou, e a maior parte dispersou em navios para além-mar. Quase todos esses maniqueus ele encontrou sendo de sua própria religião, e principalmente presbíteros e diáconos da heresia ariana; pelo que, envergonhado ainda mais, acendeu-se com maior fúria contra eles.

Sobre os quais foi encontrado um, de nome Clementiano, monge deles, tendo escrito na coxa: Maniqueu discípulo de Cristo Jesus. Por causa do que o referido tirano parecia ainda mais louvável, desagradando em uma coisa, porque à cobiça insaciável veementemente aspirava e as províncias do seu reino com várias calúnias e imposições sobrecarregava, de modo que dele principalmente se dissesse: o rei necessitado de grandes rendas é. Deu, porém, licença Zenão imperador e Placidia, viúva de Olíbrio, rogando, que a igreja cartaginesa para si a quem quisesse quisesse bispo ordenasse, a qual já por vinte e quatro anos de tal ornamento estivera destituída.

(II, 2) Envia, portanto, agora à igreja de Alexandria um ilustre, levando uma embaixada deste tipo, para que o povo católico, com sua presença, pedisse para si um sacerdote digno, destinando também por meio de seu notário, de nome Uitarit, um édito que fosse lido publicamente, contendo nestes termos:

Ordenou-nos o senhor que fosse dito: porque o imperador Zenão e a nobilíssima Placidia escreveram por meio do ilustre varão Alexandre,

pedindo que a igreja de Cartago da vossa religião tenha seu próprio bispo, isto ele ordenou que se fizesse e lhes respondeu por escrito ou ordenou que fosse dito aos legados por eles enviados, que, assim como pediram, vós nos ordeneis o bispo que quiserdes, sob a condição de que os bispos da nossa religião, que estão em Constantinopla e através das outras províncias do Oriente, por seu preceito tenham livre arbítrio, em suas igrejas, em quais línguas quiserem, tratar o povo e cultivar a lei cristã, do mesmo modo que vós aqui ou em outras igrejas, que estão constituídas nas províncias africanas, tendes livre arbítrio em vossas igrejas para celebrar missas ou tratar, e fazer as coisas que são de vossa lei como quiserdes. Pois se isto acerca deles não for observado, tanto o bispo que for ordenado ou os clérigos, mas também os outros bispos com seus clérigos, que estão nas províncias africanas, são mandados para serem enviados entre os Mouros.

Enquanto o édito era lido para toda a igreja, estando nós presentes, no décimo quarto dia antes das calendas de julho, começamos a gemer murmurando, porque, tramando ardis, estava preparada uma futura perseguição pelos maus; e assim somos provados ter dito ao legado: 'Se assim é, sob estas condições perigosas interpostas, esta igreja não se deleita em ter bispo. Governa-a Cristo, que sempre se digna governar.' Esta sugestão o legado negligenciou em aceitar. Ao mesmo tempo, também o povo, como então aconteceu, irrompeu como fogo, cujo clamor era intolerável, que por nenhuma razão poderia ser aplacado.

(II, 3) Ordenado, portanto, o bispo Eugênio, varão santo e aceito por Deus, nasceu uma sublime alegria e foi acrescentado júbilo à igreja de Deus. Exultava a multidão católica sob o domínio bárbaro pela ordenação do pontífice restaurado: pois um grande número de jovens e de donzelas, regozijando-se em comum, testemunhava que nunca tinha visto um bispo sentado no trono. Ademais, aquele varão de Deus, o sacerdote Eugênio, começou a ser tido por venerável e reverendo por sua conversação de boas obras, mesmo por aqueles que estão de fora, e a ser

tão grato a todos, que, se fosse lícito, todos se deleitariam em dar a sua vida por ele.

Também esmolas tais por meio dele o Senhor dignou-se fazer, que parece incrível tanto ele despender, onde a igreja, estando toda em poder dos bárbaros, se sabe não ter a faculdade de uma única moeda. A humildade nele, a caridade, a piedade divinamente concedida, se alguém começar a descrever, não poderá explicar. O dinheiro junto a ele nunca se prova ter permanecido, a não ser talvez na hora em que fosse oferecido, quando já o sol, desdobrando o curso do dia, desse ordem e lugar às trevas noturnas. Tanto reservava, quanto bastasse para o dia, não quanto a cobiça tivesse exigido, sendo nosso Deus a cada dia continuamente quem concedia coisas enormes e maiores.

Mas, como sua fama era celebrada e manifesta, começaram então os bispos arianos a serem atormentados por grave inveja, perseguindo-o com calúnias cotidianas e principalmente por meio de Cirila. Que mais? Insinuam a respeito dele, que de modo algum deveria assentar-se em seu trono nem proferir a palavra habitual ao povo de Deus; em seguida, que a quaisquer homens ou mulheres que andassem em traje bárbaro e visse na igreja, proibisse. Ele respondeu como convinha: "A casa de Deus está aberta a todos, ninguém poderá repelir os que entram"; principalmente porque era imensa a multidão dos nossos católicos que andavam naquele traje, por isso que serviam à casa real.

(II, 4) Mas quando recebeu do homem de Deus tal resposta, ordenou que fossem colocados torturadores nas portas da igreja. Estes, vendo uma mulher ou um homem caminhando com a aparência de sua gente, imediatamente lançavam sobre a cabeça e os cabelos pequenos paus dentados e, ligando-os nestes mesmos e apertando-os com veemência, arrancavam juntamente com os cabelos toda a pele do couro cabeludo. Não poucos, enquanto isso acontecia, perderam imediatamente os olhos; outros faleceram com a própria dor. As mulheres, porém, após este suplício, com as cabeças despeladas, eram conduzidas pelas ruas, com

um pregoeiro à frente, para exposição a toda a cidade. O que para si mesmas consideravam o maior lucro, pelo que sofriam. Destes, conhecemos muitos, e não sabemos de nenhum deles que, mesmo sob a pressão dos tormentos, tenha se desviado do caminho reto.

Mas quando, desse modo, não conseguiu derrubar o muro da fé, pensou em fazer com que os homens de nossa religião, estabelecidos em seu palácio, não recebessem nem as provisões nem os estipêndios habituais. Acrescentou também esmagá-los com trabalhos rústicos; Enviou homens livres e extremamente delicados ao campo de Útica, para que, sob o fogo do sol ardente, cortassem os torrões das searas; onde todos, indo com alegria, regozijavam-se no Senhor.

Na companhia destes, havia um certo homem que tinha uma mão ressequida, a qual por muitos anos não lhe prestara nenhum serviço. O qual, quando sinceramente se escusou de não poder trabalhar, foi ainda mais violentamente ordenado a prosseguir. Mas quando chegaram ao lugar designado e, sobretudo, orando por ele, todos gemeram, pela piedade divina aquela mão ressequida do confessor foi restaurada íntegra. Daqui, pois, a perseguição de Hunirico tomou início como nossa dor e parto.

(II, 5) Ele, porém, que por muito tempo se mostrara brando para com todos, desejando estabelecer para os filhos, após sua morte, um reino que não chegou a acontecer, começou cruelmente a perseguir Teodérico, seu irmão, e os filhos deste, e igualmente os filhos de seu irmão Genúnis. Não pouparia nenhum deles, a menos que a morte lhe arrebatasse a vontade de seu desejo. Primeiramente, sabendo que a esposa de seu irmão Teodérico era astuta, temendo que porventura ela, com conselhos mais agudos, armasse o marido ou o filho mais velho, que parecia prudente e sábio, contra o tirano, sob uma acusação apresentada, ordena que ela seja eliminada pela espada.

Depois é morto também aquele filho instruído nas grandes letras, a quem, segundo a constituição de Geiserico, porque era o maior de todos,

o reino entre os netos principalmente era devido. Ainda se inflama para cometer algo mais cruel. Estando presente o povo no meio da cidade, diante dos degraus da rua nova, o bispo de sua religião, de nome Iucundo, a quem chamavam de patriarca, ordenou que fosse queimado no fogo, por isto que na casa de Teodorico, irmão do rei, era tido por muito aceito; cujo sufrágio, por acaso, a mencionada casa poderia obter o reino. Neste crime de impiedade previmos que um mal futuro estava para nos sobrevir, dizendo uns aos outros: *aquele que assim se tornou tão cruel com seu próprio sacerdote, quando poupará à nossa religião ou a nós este?*

Então também a Gentunis, seu filho mais velho, de nome Godagis, juntamente com a esposa, sem o consolo de um servo ou serva, enviou para um cruel exílio; ao irmão, de fato, Teoderico, após o assassinato da esposa e do filho, despojado e desamparado, igualmente exilou; após a morte deste, o filho que restava, ainda criança, e suas duas filhas já adultas, colocados sobre jumentos, levando-os para longe, afligindo-os, abandonou. Mas também a muitos companheiros e nobres de sua própria nação, perseguindo com falsas acusações, por isso que favoreciam ao irmão, a uns queimou, a outros degolou, sendo imitador de seu pai Geiserico, que à esposa de seu próprio irmão, amarrando-lhe um peso de pedras, lançando-a no famoso rio Ansaga, da região de Cirta, afogou, e após a morte da mãe, também aos filhos matou.

Mas também muitos a ele Geiserico, seu pai, ao morrer, havia confiado sob juramento, os quais ele, esquecido da fé e violador do sagrado juramento, trucidou com diversos suplícios e fogueiras. Pois a Heldico, outrora, a quem seu pai havia feito preposto do reino, já idoso e veterano, com desonra decapitou, e a sua esposa junto com outra, de nome Teucharía, queimou no meio da cidade. Os corpos delas mandou arrastar pelas ruas e praças, os quais, tendo ficado deitados o dia todo, a pedido de seus bispos, mal ao anoitecer permitiu que fossem sepultados. Pois a Gamuto, irmão de Heldico, porque havia se refugiado na igreja

deles, não pôde matar; a quem, no entanto, num lugar de latrinas, enclausurou em obscenidade e por muito tempo determinou que ali permanecesse. Depois.

condenou a um certo cabreiro e a um camponês a fazer covas para as vinhas que seriam proveitosas; os quais também doze vezes por ano, isto é, cada mês, dissipava com flagelos cruéis, mal concedendo módico de água e alimento de pão. Isto padeceram por cinco ou mais anos; aos quais estes suplícios poderiam aproveitar para a recompensa eterna, se católicos fossem e pelo mérito de sua fé isto suportassem. Mas por isso não pudemos calar isto, para que não calássemos minimamente a impiedade do rei mesmo para com os seus, que não somente a seu bispo Jucundo, como acima demonstramos, queimou com chamas, mas também a seus presbíteros e diáconos, isto é, a muitíssimos arianos, incendiou e ainda os entregou às feras.

(II, 6) Tendo, portanto, amputado em pouco tempo todos aqueles que temia e consolidado para si, como pensava, o reino, que era breve e caduco, ficando de toda parte ocioso e seguro, voltou todas as armas de seu furor na perseguição da igreja católica, rugindo como leão. Contudo, antes da tempestade da perseguição, o mal iminente foi demonstrado por muitas visões e sinais que a precederam.

Pois quase dois anos antes que acontecesse, certo homem viu a igreja de Fausto resplandecente no ornato habitual, brilhando também com véus de seda cor de cera e com lâmpadas cintilantes: e enquanto se alegrava com o esplendor de tanto fulgor, subitamente, diz ele; extinguiu-se o fulgor desejável daquela luz e, sucedendo as trevas, nasceu um fedor adversário nas narinas; e toda aquela turba de bem-aventurados, expulsa por certos etíopes, ameaçou sair para fora, por isso lamentando continuamente, porque jamais a viu restituída novamente em sua claridade primitiva. Pois esta visão nos foi relatada pelo santo Eugênio, estando nós presentes. E certo presbítero viu a mesma igreja de

Fausto repleta de turbas de povos inumeráveis e, pouco depois, esvaziada e novamente cheia de uma multidão de porcos e cabras.

Igualmente, outro viu uma eira de trigo preparada para a ventilação, com os grãos ainda não separados da palha, conforme o julgamento do ventilador. E enquanto se maravilhava com a magnitude daquela imensa massa, embora confusa, eis que subitamente um turbilhão vindo com o som da tempestade e sopro errante começou a mostrar sua chegada com a poeira que se levantava; com seu ímpeto, toda aquela palha voou completamente, restando apenas os grãos. Depois disso, veio alguém alto, de rosto esplêndido e vestes brilhantes, e começou a lançar fora, purgando, os grãos vazios, magros e semelhantes aos reprovados. Examinando-os por muito tempo, com esforço, reduziu a magnitude daquela massa, embora aprovada, a um montão diminuto.

Igualmente, outro disse: Estava alguém muito elevado sobre o monte, que se chama Ziquense, e clamava à direita e à esquerda: migrai, migrai. Outro observa, com o céu rugindo e perturbado, nuvens sulfúreas, que começaram a lançar pedras enormes: as quais pedras, quando caíram na terra, mais se acendiam e com chamas maiores ardiam, e entrando nos aposentos interiores das casas, aqueles que encontravam incendeavam. Quem, porém, viu, disse, quando se havia escondido em certa alcova, por misericórdia divina a chama não pôde chegar até ele; creio para que se cumprisse aquilo profético: fecha a tua porta e esconde-te um pouquinho, por algum tempo, até que passe a ira de Deus.

Viu também o venerável Paulo, bispo, uma árvore estendida até os céus com ramos floridos, que também com sua amplidão sombreava quase toda a África. E enquanto todos se alegravam com sua grandeza e formosura, eis que subitamente, disse, veio um jumento violento, que esfregando seu pescoço sobre a robustez das raízes dela, com seu impulso e com grande estrondo, derrubou aquela admirável árvore por terra.

Mas também o honrável bispo Quintiano viu-se sobre um certo monte, de onde contemplava o rebanho inumerável de suas ovelhas, e no meio do rebanho havia duas panelas que ferviam excessivamente. Estavam presentes, porém, matadores de ovelhas, cujas carnes mergulhavam nas panelas ferventes; e quando assim acontecia, toda aquela grandeza do rebanho foi consumida. Penso, portanto, que aquelas duas panelas são as duas cidades de Sicca Veneria e Lari, nas quais a multidão primeiramente se congregara, das quais o incêndio tomou início, ou o rei Hunirico e o bispo Cirila, seu. Mas acerca de muitas visões, porque era necessário atender à brevidade, baste ter dito estas coisas.

(II, 7) Que mais? O tirano decreta primeiro, por ordem terrível, que ninguém servisse em seu palácio nem exercesse funções públicas, a não ser que se fizesse ariano. Um grande número destes, de vigor invicto, para não perder a fé, abandonou o serviço temporal; os quais, depois, lançados de suas casas e despojados de toda a substância, relegou para as ilhas da Sicília e da Sardenha. Certa ocasião, apressou-se em decretar por toda a África que o fisco reivindicaria para si a substância de nossos bispos falecidos; e aquele que podia suceder ao falecido não seria ordenado antes, a não ser que oferecesse ao fisco real quinhentos soldos.

Mas o edifício que o diabo se esforçou por construir, imediatamente Cristo dignou-se destruí-lo. Seus próprios servos lhe sugeriram, dizendo: 'Se vossa ordem consolidar isto, nossos bispos estabelecidos nas regiões da Trácia e em outras províncias começarão a sofrer males ainda piores'. Ordenou então que as sagradas virgens fossem congregadas, enviando Vândalos com parteiras de sua própria raça para inspecioná-las e apalpá-las, contra as leis da decência e do recato pudoroso, onde nem as mães estavam presentes, nem qualquer das matronas. Queimando-as com grave suspensão e atando enormes pesos aos pés, aplicavam lâminas de ferro incandescentes às costas, ao ventre, aos seios e aos flancos.

Enquanto eram torturadas, lhes diziam: 'Digam que os bispos se deitam convosco e vossos clérigos'. Pela crueldade desses tormentos, sabemos que muitas pereceram naquele tempo; outras, que sobreviveram, tornaram-se curvadas, com a pele ressequida. Pois ele se esforçava por encontrar um caminho, através do qual pudesse, como fez, desencadear uma perseguição pública. E agindo assim, de modo algum conseguiu investigar como macular a igreja de Cristo.

(II, 8) Mas com que rios de lágrimas poderei acompanhar, quando ele destinou ao exílio do deserto bispos, presbíteros, diáconos e outros membros da igreja, isto é, quatro mil novecentos e sessenta e seis? Entre os quais havia muitos gotosos, outros, pelos anos da idade, privados da luz temporal. Entre os quais estava o bem-aventurado Félix, bispo de Abbir, já tendo quarenta e dois anos no episcopado, o qual, ferido pela doença da paralisia, nem sentia coisa alguma nem falava de modo algum.

Sobre o qual, pensando nós principalmente que não poderia ser carregado por uma montaria, sugerimos que fosse pedido ao rei pelos seus, para que ao menos ordenasse que ele, prestes a morrer, estivesse em Cartago, pois por nenhuma razão poderia ser conduzido ao exílio. O tirano, contudo, diz-se que respondeu com fúria: 'Se não pode sentar-se sobre um animal, que lhe sejam atados bois indômitos, que, amarrados com cordas, o arrastem e conduzam para onde eu ordenei.' A ele, amarrado de lado sobre uma albarda, como se fosse um tronco de árvore, carregamos por todo o caminho.

(II, 9) Reúnem-se todos nas cidades de Sicca e de Lare, para que ali, ocorrendo, os Mouros os levassem consigo, entregues, ao deserto. Chegando, pois, dois condes, com astúcia condenável, começaram a tratar com os confessores de Deus por meio de brandas palavras. "Que vos parece", dizem, "que sejais tão pertinazes e de modo algum obedeçais aos preceitos de nosso senhor, vós que poderíeis ser honrados diante do rei, se vos apressásseis em fazer a sua vontade?"

Imediatamente, enquanto eles clamavam e diziam com grande vociferação: "Cristãos somos, católicos somos, confessamos a Trindade, um Deus inviolável", são encerrados numa prisão de fato mais severa, mas ainda assim mais ampla, onde nos era dada a oportunidade tanto de entrar e dirigir a palavra de exortação aos irmãos, como de celebrar os divinos mistérios.

E aliás havia muitíssimos meninos, que as mães seguiam com afeto materno, umas alegres, outras puxando-os para trás; umas se alegravam de terem gerado mártires, outras se esforçavam para afastar da confissão da fé os que iam morrer no dilúvio do rebatismo. Contudo, naquele momento, nem as lisonjas venceram a ninguém, nem a piedade carnal inclinou alguém à terra. Pois o que certa anciã fez então, agrada-me relatar brevemente.

Enquanto viajávamos com o exército de Deus, acompanhando-o, e, por acaso, avançávamos mais durante as noites por causa do ardor do sol, avistamos uma mulherzinha carregando uma bolsa e outras vestimentas, segurando pela mão um menino e consolando-o com estas palavras: "Corre, meu senhor; vês todos os santos como vão e se apressam alegres para as coroas". Quando a reprendemos, por parecer inconveniente que uma mulher se juntasse aos homens por causa do seu sexo ou se associasse ao exército de Cristo, ela respondeu: "Bendizei, bendizei, e orai por mim e por este meu neto pequeno, porque, ainda que pecadora, sou filha do outrora bispo da cidade de Zuritana". A ela dissemos: "E por que andas assim tão desprezivelmente, ou com que razão te mostras ir por caminho tão longo?" Ela respondeu: "Com este vosso servo pequeno vou para o exílio, para que o inimigo não o encontre só e o chame de volta da via da verdade para a morte". Diante destas palavras, cheios de lágrimas, nada pudemos dizer senão que se fizesse a vontade de Deus.

(II, 10) Mas quando o adversário, que já talvez dizia: "Repartirei os despojos, saciarei a minha alma, matarei à espada, a minha mão

dominará", não pôde caçar nenhum, busca lugares estreitos e horrendos, em cujos recônditos pudesse apertar o exército de Deus. Então lhes é negada até a consolação da visitação humana: são postos guardas às portas e são gravemente afligidos; são lançados os confessores de Cristo uns sobre os outros, pela angústia apertadora, um sobre o outro, como enxames de gafanhotos, e para que se diga propriamente, como grãos preciosíssimos de trigo.

Nessa prisão, nenhuma disposição do lugar permitia retirar-se para as necessidades naturais; mas, compelidos pela urgente necessidade, ali mesmo faziam excrementos e urina, de modo que aquele fedor e horror então superavam todos os gêneros de tormentos. Até eles, certa vez, dados enormes presentes aos Mouros, fomos admitidos secretamente, enquanto os Vândalos dormiam. Entrando, começamos a afundar como num remanso de lama até os joelhos, vendo então cumprir-se aquilo de Jeremias: Os que se criaram entre escarlates abraçam o monturo. Que mais? Foram ordenados por todos os lados, com os Mouros clamando, que se preparassem para a jornada, para onde haviam sido destinados.

(II, 11) Saindo, pois, no dia do Senhor, tendo suas vestes, os rostos e também as cabeças untados com esterco, eram ainda cruelmente ameaçados pelos Mouros, cantando com exultação um hino ao Senhor: esta é a glória de todos os seus santos. Estava presente ali então o bem-aventurado pontífice Cipriano, bispo de Unizibira, consolador notável, que a cada um confortava com piedoso e paternal afeto, não sem rios de lágrimas correntes, disposto a dar a vida pelos irmãos e a se entregar espontaneamente, se fosse permitido, a tais sofrimentos, aquele que tudo o que possuía gastou com os irmãos necessitados naquela ocasião de necessidade; pois buscava uma oportunidade para se unir aos confessores, ele mesmo um confessor em ânimo e virtude. O qual, depois, através de muitos combates e misérias do cárcere, partiu com exultação para o exílio que desejava.

Quantas multidões de diversas regiões e cidades então se reuniram para ver os mártires de Deus, atestam as estradas e veredas; as quais, de modo algum conseguindo conter as fileiras dos que vinham, por sobre os cumes dos montes e colinas descia uma turba inestimável de fiéis, correndo, carregando círios nas mãos, e lançando seus pequeninos aos pés dos mártires, clamavam com esta voz: 'A quem nos deixais, miseráveis, enquanto vós seguis para as coroas? Quem há de batizar estes pequeninos com a água da fonte perene? Quem nos há de conceder o dom da penitência e, com a indulgência da reconciliação, desatar-nos, presos pelos vínculos dos pecados? Pois nos foi dito: Tudo o que ligardes na terra será ligado no céu, e tudo o que desligardes na terra será desligado no céu. Quem nos há de sepultar com solenes orações, ó moribundos? Por quem será apresentado o costumeiro rito do sacrifício divino? Convosco também nos agradaria partir, se fosse permitido, para que de tal modo nenhuma necessidade separasse os filhos dos pais'.

Naquelas vozes e lágrimas, já não foi permitido a ninguém prosseguir como consolador, mas a multidão era compelida a correr, para que, onde a canábula estava preparada, alcançassem uma laboriosa morada. Os quais, quando os anciãos desfaleciam e outros por acaso, e ainda que jovens delicados, começaram a ser golpeados com as pontas das lanças para correr e com pedras; donde, desfalecendo mais, ainda mais se cansavam.

(II, 12) Depois, verdadeiramente, foi ordenado pelos Mântios, que aqueles que não podiam andar, com os pés atados, como cadáveres de animais mortos, fossem arrastados por lugares duros e ásperos de pedras, onde primeiro as vestimentas, depois os membros singulares eram dilacerados, porque através de pedras afiadas como espadas a cabeça era esmagada, alhures os lados eram abertos, e assim entre as mãos dos que os arrastavam exalavam o espírito. O número destes de modo algum pudemos recolher, sendo a multidão constringida; exalta,

porém, por todo o caminho público, a vil sepultura dos santos falando através dos túmulos.

Os demais, mais aptos, chegam a lugares de solidão mais remota, nos quais, estabelecidos, recebem cevada para comer, como a animais. Onde também se diz existir tal multidão de animais venenosos e de escorpiões, que, para os que não conhecem, parece inacreditável, a qual apenas com seu hálito inflige o veneno da peçonha mesmo naqueles colocados ao longe; quanto à picada do escorpião, dizem que ninguém jamais dela escapou. A ferocidade venenosa destes, até o presente momento, com Cristo defendendo, ensina-se que não feriu nenhum de seus servos. Mas, como lá são alimentados com grãos de cevada, depois também isto foi tirado; como se Deus, que fizera chover o maná para os pais, não pudesse alimentar também agora aqueles submetidos a tal exílio.

(II, 13) Ele planeja coisas ainda mais severas contra a igreja de Deus, para que, como quem cortou alguns membros, dilacerando, destruisse todo o corpo. Pois, no dia da ascensão do Senhor, estando presente o legado do imperador Zenão, Regmo, para a leitura, ele envia ao meio da igreja, ao bispo Eugênio, um decreto redigido com o seguinte teor, o qual também enviou a toda a África por meio de correios velozes.

Rei Hunirico, dos Vândalos e Alanos, a todos os bispos omousianos. Não uma vez, mas muitas vezes, está estabelecido ter sido proibido que em terras dos Vândalos os sacerdotes de vossa conveniência celebrassem a missa, para que com sua sedução não pervertessem as almas cristãs. Desprezando este mandado, muitos foram achados contra a interdição, tendo celebrado missas nas terras dos Vândalos, afirmando guardar a íntegra regra da fé cristã. E porque nas províncias a nós concedidas por Deus não queremos que haja escândalo, portanto, pela providência de Deus e com o consentimento de nossos santos bispos, sabeí que nós decretamos o seguinte: que até o dia das Calendas de Fevereiro, vindouras próximas, perdida toda desculpa de temor, todos vós venhais a Cartago, para que sobre a razão da fé com nossos veneráveis bispos

possais travar um conflito, e sobre a fé dos omousianos, que defendeis, a proveis propriamente das divinas Escrituras, para que se possa reconhecer se guardais a fé íntegra. O teor deste decreto dirigimos a todos os teus coepiscopos constituídos por toda a África. Dado no décimo terceiro dia antes das Calendas de Junho, no sétimo ano do rei Hunirico. Ano de 483.

(II, 14) Reconhecendo, portanto, nós que ali estávamos e ao mesmo tempo lendo, logo nosso coração ficou quebrantado e nossos olhos se escureceram, e na verdade então os nossos dias festivos se converteram em luto e os cânticos em lamentação, enquanto o teor do dito édito indicava o furor da futura perseguição, e especialmente onde disse 'nas nossas províncias a nós concedidas por Deus não queremos que haja escândalo', como se dissesse (nas nossas províncias não queremos que haja católicos). Foi discutido o que se faria. A calamidade iminente não encontrou remédio algum, a não ser que pelo santo Eugênio fosse dada, se o coração bárbaro se amolecesse, uma sugestão razoável, redigida com tal texto.

Quantas vezes se trata da causa das almas ou da vida eterna e da fé cristã, é necessário que seja sugerido, intrepidamente, como a providência real se comprometeu, o que é conveniente. Recentemente, o poder real, por meio do notário Uitarit, dignou-se advertir a minha pequenez, o qual, por mérito da religião e da fé, leu-nos o preceito dele na igreja, presente o clero e o povo. Pelo teor do qual reconhecemos que a todos os meus coepiscopos emanou igualmente o preceito régio, para que no dia estabelecido se venha para a disputação da fé; o que sugerimos ter recebido veneravelmente. A este supracitado notário, a minha humildade sugeriu que também deveriam reconhecer, de todas as partes transmarinhas, aqueles que conosco são consortes numa mesma religião ou comunhão, porque em toda parte obedecem ao seu reino todos; sobretudo porque é causa de todo o mundo, não somente das províncias Africanas em particular.

E porque prometi apresentar uma segunda resposta, suplico com mérito à vossa magnificência que vos digneis levar aos ouvidos do senhor e clementíssimo rei a mencionada sugestão minha, para que a sua clemência reconheça dignamente que nós, com o auxílio de Deus, de modo algum recusamos ou fugimos ao debate da lei, mas que sem o consentimento da universalidade não devemos assumir as causas para afirmar a nossa fé. O que pedimos que, com a benignidade e justiça que possui, se digne anuir com a sabedoria sua. Dado por Eugênio, bispo da Igreja Católica de Cartago.

(II, 15) Mas quando esta sugestão foi apresentada pelo bem-aventurado Eugênio, aquele que já havia concebido a dor era pressionado a dar à luz a iniquidade ainda mais gravemente, e assim parece ter ordenado ao santo homem Eugênio, bispo, por meio de Obado, prefeito de seu reino: 'Sujeita-me todo o orbe terrestre, para que todo o mundo seja reduzido sob meu poder, e farei, ó Eugênio, o que dizes'. A isto o bem-aventurado Eugênio respondeu como pôde: 'O que não tem razão', disse, 'não deveria ter sido dito: assim é isto como se se dissesse a um homem que voe e se transporte pelo ar, o que não é costume da natureza humana. Pois eu disse: se o poder do rei deseja conhecer nossa fé, que é una e verdadeira, que envie aos seus amigos: escreverei também eu a meus irmãos, para que venham meus coepíscopos, que possam demonstrar-vos conosco nossa fé comum, e especialmente a igreja Romana, que é a cabeça de todas as igrejas'.

A isto Obadus respondeu: "Então tu e o meu senhor rei sois semelhantes?" O bispo Eugênio disse: "Eu não sou semelhante ao rei, mas disse: se ele deseja conhecer a verdadeira fé, que escreva aos seus amigos, para que enviem os nossos bispos católicos, e eu escreverei aos meus coepíscopos, porque a causa da catolicidade universal é uma só". Eugênio agia assim, não porque faltassem na África aqueles que pudessem refutar as objeções dos adversários, mas para que viessem aqueles que, estando livres do seu domínio, tivessem maior confiança na

liberdade e, ao mesmo tempo, anunciassem a todas as terras e povos as calúnias da nossa opressão.

(II, 16) Aquele, porém, que armava ciladas, não quis ouvir a razão, procedendo com frequentes argumentações, para que a quantos bispos ouvia dizer que eram eruditos, os atormentasse com várias perseguições. Já havia enviado ao exílio de Vibiana o bispo Secundiano, após infligir-lhe cento e cinquenta golpes de vara, e também a Sufetula, Presídio, homem bastante arguto. Então também açoitou os veneráveis Mansueto, Germano, Fuscuro e muitos outros.

Enquanto estas coisas se realizavam, ordenou que ninguém tivesse mesa comum com aqueles de nossa religião, nem de modo algum comessem com os católicos. O que não lhes trouxe qualquer benefício, mas a nós proporcionou grandíssimo lucro. Pois se a palavra deles, como diz o apóstolo, costuma ser como câncer a se espalhar, quanto mais a mesa comum de alimentos poderá contaminar, visto que o mesmo apóstolo diz que nem mesmo a comida devemos ter em comum com os ímpios.

(II, 17) Mas quando o fogo da perseguição já se acendia e a chama do rei hostil ardia por toda parte, nosso Deus mostrou um certo milagre por meio de seu servo fiel Eugênio. O que não devo omitir. Havia na mesma cidade, isto é, Cartago, um certo cidadão cego e muito conhecido na cidade, de nome Félix. Este é visitado pelo Senhor e é dito a ele de noite, por meio de uma visão, pois o dia da Epifania amanhecia: 'Levanta-te, vai ao meu servo Eugênio, o bispo, e dirás a ele que eu te enviei a ele. E naquela hora, em que ele abençoa a fonte, para que sejam batizados os que se aproximam da fé, tocará teus olhos; abrir-se-ão e verás a luz.

Aquele que, advertido por tal visão, pensando que, como costuma acontecer, estava sendo enganado por um sonho, não quis se levantar, o cego; mas quando novamente estava sendo levado ao sono, é compelido de modo semelhante a que fosse até Eugênio. Novamente negligencia e, pela terceira vez, é repreendido com urgência e severidade. Acorda o

menino, que costumava estender-lhe a mão, vai com agilidade veloz à basílica de Fausto, ora ao chegar com imensas lágrimas, sugere a um certo diácono, de nome Peregrino, que o anunciasse ao bispo, indicando que tinha algum tipo de segredo para revelar.

Ouvindo isso, o bispo ordenou que o homem entrasse; pois, devido à solenidade da festa, os hinos noturnos já ressoavam por toda a igreja, cantados pelo povo. O cego expõe ao pontífice a ordem da visitação de Buasua e lhe diz: 'Não te deixarei ir, a menos que me restituas os meus olhos, como foste ordenado pelo Senhor'. A ele, o santo Eugênio responde: 'Afasta-te de mim, irmão; sou pecador e indigno, e transgressor acima de todos os homens, visto que fui poupado até estes tempos'.

Mas ele, segurando os joelhos dele, não dizia outra coisa senão aquilo que já havia dito: 'como foi ordenado, devolve-me os meus olhos'. Observando Eugênio a respeitosa credulidade do homem, e porque o tempo já pressionava, prosseguiu com ele, enquanto o ofício dos clérigos se realizava, até a fonte. Onde, de joelhos fixos, com imenso gemido, batendo no céu com soluços, abençoou a bacia da fonte que brilhava; e quando, terminada a oração, ele se levantou, assim respondeu ao cego: 'Já te disse, irmão Félix, eu sou homem pecador; mas aquele que se dignou visitar-te, conceda-te segundo a tua fé e abra os teus olhos'. E ao mesmo tempo, assinalando os olhos dele com o estandarte da cruz, imediatamente o cego, pelo Senhor que restituía a visão, a recebeu. Ele o reteve ali consigo, até que todos fossem batizados, por esta razão: para que o povo, excitado por tão grande milagre, não esmagasse o homem que havia recuperado a luz.

Torna-se depois manifesto a toda a igreja. Aproxima-se do altar com Eugênio, conforme o costume, aquele que fora cego, para oferecer ao Senhor a oblação de sua salvação; a qual o bispo, recebendo-a, colocou sobre o altar. Faz-se um clamor, com alegria imensa, irrevogável, dos povos. Imediatamente um mensageiro parte para o tirano; Félix é

arrebatado, pergunta-se dele o que havia acontecido e de que maneira havia recuperado a luz. Ele lhe conta tudo em ordem e dizem os bispos arianos: 'Foi Eugênio que fez por malefícios'. E porque, oprimidos pela confusão, não podiam obscurecer a luz, visto que Félix era manifesto e conhecido de toda a cidade, contudo queriam matá-lo, se fosse lícito, assim como os judeus desejavam matar Lázaro, depois de ressuscitado.

(II, 18) Aproximava-se já o futuro dia, aquele infame, não só para todos os bispos da África, mas também de muitas ilhas, consumidos pela aflição e pela tristeza. Fez-se silêncio por muitos dias, até que separou alguns peritos e doutíssimos varões dali, com calúnias apresentadas, para serem mortos. Pois a um do próprio coro dos doutos, de nome Leto, varão vigoroso e doutíssimo, após longos sofrimentos da prisão, queimou no fogo, julgando que com tal exemplo inculcaria temor e esmagaria os demais.

Finalmente chegou-se ao confronto da disputa, ao lugar, a saber, que os adversários haviam escolhido. Evitando, pois, nossos o tumulto da gritaria, para que depois os arianos não dissessem que a multidão dos nossos os tivesse oprimido, escolhem dentre si os nossos, para que respondessem por todos, dez. Coloca-se Cirila com seus satélites num lugar elevado, num trono soberbíssimo, estando os nossos presentes, e disseram os nossos bispos: "Sempre é agradável a conversa onde não domina a soberba exaltação, mas se chega por consenso comum, para que, com juízes discernindo, as partes argumentando, seja reconhecido o que é verdadeiro: agora quem será o juiz, quem o examinador, para que a balança da justiça confirme o bem proferido ou refute o mal assumido?"

E enquanto tais e outras coisas eram ditas, o notário do rei respondeu: 'O patriarca Cirilo disse algumas coisas'. Os nossos, detestando com soberba e ilicitamente o nome por ele usurpado, disseram: 'Leia-se, leia-se para nós por quem foi concedido que ele assumisse para si esse nome de Cirilo'. E a partir daí, levantando um

clamor, os adversários começaram a caluniar. E porque os nossos tinham pedido isto, que ao menos, se não era permitido examinar à prudente multidão, que ao menos fosse permitido esperar, ordena-se que todos os filhos da igreja católica que ali estavam fossem espancados com centenas de varas. Então começou a clamar o bem-aventurado Eugênio: 'Veja Deus a violência que padecemos, reconheça a aflição das perseguições, que suportamos dos perseguidores'.

Voltando-se, os nossos disseram a Cirila: 'Proponha o que dispõe'. Cirila disse: 'Não sei latim'. Os nossos bispos disseram: 'Sempre te temos conhecido manifestamente falando latim; agora não deves te escusar. Principalmente porque tu suscitaste o incêndio desta questão'. E vendo que os bispos católicos estavam mais preparados para o conflito, ele declinou completamente a audiência com diversas evasivas. O que, prevendo antes, os nossos haviam redigido um libelo sobre a fé, suficientemente decente e corajosamente escrito, dizendo: 'Se desejais conhecer a nossa fé, esta é a verdade que mantemos'.

(III, 1) Por ordem imperial, somos compelidos a prestar contas da fé católica que mantemos; por isso, nos propomos, dentro da mediocridade de nossas forças e amparados pelo auxílio divino, a expor brevemente aquilo em que cremos e pregamos. Primeiramente, portanto, reconhecemos que devemos expor sobre a unidade de substância do Pai e do Filho, que os gregos chamam *homooúsiôn*. Assim, professamos o Pai, o Filho e o Espírito Santo na unidade da divindade, de modo que também confessamos com fé que o Pai subsiste em sua própria pessoa de propriedade, e o Filho igualmente existe em sua própria pessoa, e o Espírito Santo retém a propriedade de sua pessoa, não afirmando que o Pai seja o mesmo que o Filho, nem confessando que o Filho seja o Pai ou o Espírito Santo, nem tampouco aceitamos o Espírito Santo como se fosse o Pai ou o Filho: mas cremos que o Pai não gerado, o Filho gerado do Pai e o Espírito Santo procedente do Pai são de uma só substância ou

essência, porque do Pai não gerado, do Filho gerado e do Espírito Santo procedente há uma só divindade, mas três propriedades de pessoas.

E porque contra esta fé católica ou apostólica, surgida a heresia introduzira uma certa novidade, afirmando que o Filho não foi gerado da substância do Pai, mas de coisas não existentes, isto é, que subsistiu do nada, para refutar e abolir completamente esta profissão de impiedade, que emergira contra a fé, foi empregado o termo grego homoousion, que se interpreta como de uma só substância ou essência, significando que o Filho não foi gerado de coisas não existentes nem de outra substância, mas que nasceu do Pai. Portanto, quem pensa que o homoousion deve ser removido, deseja afirmar que o Filho veio a existir do nada. Mas se não é do nada, sem dúvida é do Pai e corretamente é homoousion, isto é, o Filho é de uma só substância com o Pai.

(III, 2) Que Ele é do Pai, isto é, da mesma substância do Pai, é comprovado por estes testemunhos, dizendo o apóstolo: "O qual, sendo o resplendor da sua glória, e a expressa imagem da sua pessoa, e sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder". E novamente o próprio Deus Pai, repreendendo a perfídia dos incrédulos, que não quiseram ouvir a voz do Filho que pregava pelos profetas, permanecendo em Sua própria substância, disse: "Não ouviram a voz da substância". A qual voz da substância, desprezada, repreende com terrível testemunho, falando ao mesmo profeta, dizendo: "Sobre os montes levantai pranto, e sobre as veredas do deserto lamentação, porque já estão quebrantados, porquanto não há homens; não ouviram a voz da substância; desde as aves do céu até aos animais, fugiram, foram-se". E novamente repreende aqueles que, afastando-se da profissão de uma só substância, não quiseram permanecer na mesma substância da fé, dizendo: "Se estiveram na minha substância, certamente os teria feito voltar do seu mau caminho e dos seus maus pensamentos". E novamente é declarado de maneira muito clara que o Filho não deve ser confessado fora da substância do Pai, mas deve ser contemplado fielmente com os olhos da

mente na mesma substância, quando diz o profeta: "Quem esteve na substância do Senhor e viu a sua palavra?"

Portanto, que o Filho é a substância do Pai já há muito foi designado pelos oráculos proféticos, dizendo Salomão: "Pois a tua substância e a tua doçura, que tens para com os teus filhos, mostravas", a qual, em figura e imagem do pão celestial, ao povo de Israel apareceu ter fluído do céu. O que o próprio Senhor expôs no evangelho, dizendo: "Não foi Moisés que vos deu o pão do céu, mas meu Pai vos dá o pão do céu", designando-se certamente como o pão, quando diz: "Eu sou o pão vivo que desceu do céu"; sobre o qual também o profeta Davi diz: "O homem comeu o pão dos anjos".

(III, 3) Pois, para que ainda mais claramente se mostre a unidade da substância do Pai e do Filho e a igualdade da divindade, Ele mesmo diz no evangelho: Eu estou no Pai, e o Pai, em mim; e: Eu e o Pai somos um. O que não se refere apenas à unidade da vontade, mas à uma e mesma substância, porque não disse: 'Eu e o Pai somos uma vontade', mas 'somos um'. Pois, daquilo que eles são, não apenas daquilo que querem, declara-se a afirmação da unidade paterna. Igualmente, João evangelista diz: Por isso, pois, os judeus ainda mais procuravam matá-lo, porque não só quebrantava o sábado, mas também dizia que Deus era seu próprio Pai, fazendo-se igual a Deus. O que certamente não deve ser atribuído inteiramente aos judeus, porque o evangelista disse verdadeiramente acerca do Filho, que se fazia igual a Deus.

Também está escrito no evangelho: tudo quanto o Pai faz, o Filho o faz igualmente. E: assim como o Pai ressuscita os mortos e os vivifica, assim também o Filho vivifica aqueles que quer. Também: para que todos honrem o Filho, assim como honram o Pai; pois igual honra não é prestada senão a iguais. Também ali o Filho diz ao Pai: todas as minhas coisas são tuas, e as tuas coisas são minhas. Também: Filipe, quem me vê, vê também o Pai; como dizes tu: mostra-nos o Pai? Ele não teria dito isto, se não fosse igual ao Pai em todas as coisas. Também o próprio

Senhor diz: crede em Deus, e crede em mim. E ainda, para demonstrar a unidade da igualdade, disse:

Ninguém conhece o Filho, senão o Pai; e ninguém conhece o Pai, senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar. E assim como o Filho revela o Pai a quem quer, assim também o Pai revela o Filho, como Ele mesmo disse a Pedro, quando este O confessou como Cristo, o Filho do Deus vivo: Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue quem to revelou, mas meu Pai, que está nos céus. E novamente o Filho diz: Ninguém vem ao Pai, senão por mim; e: Ninguém pode vir a mim, se o Pai, que me enviou, o não trouxer; donde se torna claro que a igualdade do Pai e do Filho leva a crer que um conduz ao outro. Também diz: Se vós me conhecêsseis a mim, também conheceríeis a meu Pai; e já desde agora o conheceis e o tendes visto.

(III, 4) Mas, porque professamos haver duas naturezas no Filho, isto é, Deus verdadeiro e homem verdadeiro, possuindo corpo e alma: portanto, tudo o que as Escrituras relatam dEle com excelente poder de sublimidade, entendemos que deve ser atribuído à Sua admirável divindade; e tudo o que, abaixo da honra do poder celestial, é narrado mais humildemente sobre o mesmo, não atribuímos ao Verbo de Deus, mas ao homem assumido. Segundo a divindade, portanto, é isto que dissemos acima, onde Ele diz: Eu e o Pai somos um, e: quem me vê a mim, vê ao Pai, e: tudo quanto o Pai faz, o Filho o faz igualmente, e outras coisas.

as que estão contidas acima. Aquelas, porém, que a respeito dele são referidas segundo a humanidade, são estas: "O Pai é maior do que eu", e: "Não vim fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou", e: "Pai, se é possível, passa de mim este cálice"; ou quando da cruz diz: "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" e ainda, da pessoa do Filho, o profeta diz: "Desde o ventre de minha mãe, tu és o meu Deus", ou quando é declarado menor que os anjos, e tantas outras semelhantes a estas, que, por amor à brevidade, não inserimos.

Portanto, o Filho de Deus, não constrangido por nenhuma necessidade de condições, mas pelo poder livre de sua divindade, assumiu o que é nosso com admirável piedade, de tal modo que não deixou de modo algum o que é seu e divino, porque a divindade não admite aumento nem sofre diminuição. Por isso, damos graças ao nosso Senhor Jesus Cristo, que por nós e por nossa salvação desceu do céu, com sua paixão nos redimiou, com sua morte nos vivificou, com sua ascensão nos glorificou; que, assentado à direita do Pai, há de vir para julgar os vivos e os mortos, aos justos há de dar o prêmio da vida eterna, aos ímpios e incrédulos há de retribuir os merecidos suplícios.

(III, 5) Professamos, portanto, que o Pai, de si mesmo, isto é, daquilo que ele mesmo é, eterna e inefavelmente gerou o Filho: não de fora, não do nada, não de outra matéria gerou, mas que ele nasceu de Deus. E aquele que nasceu de Deus não é outra coisa senão aquilo que o Pai é, e por isso é de uma só substância, porque a verdade da geração não admite diversidade de natureza. Pois se ele é de outra substância que o Pai, ou verdadeiro Filho não é ou, o que é ímpio dizer, degenerado nasceu. Pois é verdadeiro Filho, como diz João:

para que sejamos em seu verdadeiro Filho. Não é também degenerado, porque Deus verdadeiro de Deus verdadeiro nasceu, como o mesmo João evangelista prossegue dizendo: "Este é o verdadeiro Deus e a vida eterna"; e o próprio Senhor no evangelho: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida". Portanto, se não tem a substância de outro lugar, a tem do Pai; se a tem do Pai, é de uma só substância com o Pai. Mas se não é de uma só substância, então não é do Pai, mas de outro lugar; pois de onde é, dali necessariamente tem a substância. Pois todas as coisas são do nada, mas o Filho é do Pai; dentre os dois que escolha o que quiser, ou lhe dê a substância do Pai, ou confesse que subsistiu do nada.

(III, 6) Mas talvez seja apresentado o testemunho profético: e a sua geração quem a contará? Portanto, visto que eu não disse: conta-me o modo ou a qualidade da geração divina e anuncia em palavras humanas

o arcano de tão grande segredo, pois perguntei de onde ele nasceu — pois a geração divina é inenarrável, não ignorável —: pois até tal ponto não é ignorável, isto é, não se ignora de onde seja, que tanto o Pai de si mesmo frequentemente testemunha ter gerado, e o Filho do Pai testemunha ter nascido, o que nenhum cristão absolutamente duvida, assim como no evangelho é demonstrado pelo próprio Filho dizendo: quem não crê, já está condenado, porque não crê no nome do unigênito Filho de Deus. Igualmente João evangelista diz: e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai. Portanto, concluímos nossa profissão com breve discurso.

Se verdadeiramente do Pai é nascido, é de uma só substância e verdadeiro Filho é; mas se de uma só substância não é, nem verdadeiro Deus é. Ou se verdadeiro Deus é e todavia da substância do Pai não é, não gerado portanto ele mesmo é. Mas porque não gerado não é, criatura portanto é, para que se pense subsistindo de outro lugar, se da substância do Pai não é. Mas longe esteja crer assim. Nós, porém, de uma só substância com o Pai o Filho professamos, detestando a heresia sabelliana, que assim a Trindade confunde, que o mesmo diz ser o Pai que o Filho e o mesmo crê ser o Espírito Santo, não guardando três pessoas na unidade.

(III, 7) Mas talvez se objete: Sendo o Pai não gerado, e o Filho gerado, não pode ser uma e a mesma a substância do gerado e do não gerado — pois certamente, se assim como o Pai é não gerado, também o Filho fosse não gerado, então antes poderia ser diversa a substância, porque cada um, subsistindo por si mesmo, não teria a substância comum com o outro —: mas, na verdade, o Pai não gerado gerou o Filho de si mesmo, isto é, daquilo que ele mesmo é (se, o que é aquilo, pode ser dito, ou melhor, porque, como é, de modo algum pode ser dito), é evidente que é uma a substância do gerador e do gerado, porque de Deus de Deus, luz de luz, o Filho é verdadeiramente professado.

Pois que a luz é o Pai, o apóstolo João é testemunha, dizendo: "porque Deus é luz, e nele não há trevas nenhuma." Iguamente, do Filho diz: "E a vida era a luz dos homens; e a luz resplandece nas trevas, e as trevas não a compreenderam." E mais adiante: "Ali estava a luz verdadeira, que alumia a todo o homem que vem ao mundo." Donde se evidencia que o Pai e o Filho são de uma só substância, uma vez que não pode haver diversidade de substância entre a luz e o resplendor, a saber, entre aquela que de si gera e aquela que do gerador existe. Finalmente, para que ninguém introduza diversidade de luz natural entre o Pai e o Filho, por isso o apóstolo diz do mesmo Filho: "O qual, sendo o resplendor da sua glória, e a expressa imagem da sua pessoa." No qual se ensina mais claramente que é coeterno ao Pai e inseparável do Pai e de uma só substância com Ele, uma vez que o resplendor é sempre coeterno à luz, uma vez que o resplendor nunca pode ser separado da luz, uma vez que o resplendor nunca pode ser diverso da luz na natureza da substância. Pois aquele que é o resplendor da luz, é também a virtude de Deus Pai; portanto, sempiterno por causa da eternidade da virtude, inseparável por causa da unidade do esplendor.

E isto é o que nós fielmente professamos, o Filho nascido da substância do Pai, assim como o próprio Pai Deus dá testemunho claríssimo. O qual, para mostrar que gerou o próprio Filho de sua substância de natureza inefável, para instruir a ignorância de nossa fragilidade, para que nos elevasse das coisas visíveis às invisíveis, transferiu o nome do nascimento terreno para o exemplo da geração divina, dizendo: Do ventre te gerei antes da alva. O que mais claro, o que mais brilhante a divindade se dignaria a expressar, com quais indícios, com quais exemplos de coisas existentes poderia revelar a propriedade da geração, senão para, através da designação de ventre, mostrar a propriedade da geração? Não porque Ele seja composto de membros corpóreos ou distinto por alguns traços de articulações; mas porque nós de outro modo não poderíamos perceber pela audição da mente a

verdade da geração divina, a não ser que fôssemos provocados pelo vocábulo do ventre humano, para que não se possa mais duvidar que aquele que consta ter saído do ventre do Pai, nasceu da substância de Deus.

(III, 8) Credo, portanto, que Deus Pai gerou o Filho impassivelmente de sua própria substância, não dizemos que essa substância tenha sido dividida no Filho, nem que tenha sofrido diminuição no Pai, e por meio disso pudesse estar sujeita ao vício da paixão. Longe de nós pensar ou conceber tais coisas acerca de Deus, pois professamos fielmente que o Pai perfeito gerou o Filho perfeito sem diminuição de si mesmo, sem qualquer derivação, sem absolutamente nenhuma fraqueza de paixão. Pois aquele que objeta a Deus, dizendo que, se gerou de si mesmo, sofreu o vício da divisão, pode também dizer que sentiu cansaço quando criou todas as coisas, e que por isso no sétimo dia descansou de toda a sua obra. Mas nem ao gerar de si mesmo sentiu paixão ou qualquer diminuição, nem ao criar todas as coisas suportou qualquer fadiga.

Pois, para que a insensibilidade da geração divina nos fosse manifestada de modo ainda mais evidente, recebemos a doutrina de confessar Deus de Deus, luz de luz, o Filho. Se, portanto, na eficácia da luz visível e mundana não se encontra algo tal, que, tendo a luz sido tomada da luz e surgido por meio de certa geração natalícia, a própria origem da luz, que de si deu outra luz, se mostre nem diminuir nem sofrer qualquer detrimento da luz ministrada de si: quanto mais reta e melhor se deve crer acerca da natureza da luz divina e inefável, que, gerando luz de si mesma, de modo algum pôde ser diminuída! Onde é igual ao Pai o Filho, não nascido no tempo, mas coeterno ao gerador, assim como o esplendor gerado do fogo se manifesta coevo ao gerador. Isto, quanto à igualdade do Pai e do Filho ou à unidade da substância, quanto a razão da brevidade permita, tenha dito o suficiente.

(III, 9) Resta que falemos do Espírito Santo, a quem cremos consubstancial ao Pai e ao Filho, coigual e coeterno, e o comprovemos com testemunhos. Pois, ainda que esta veneranda Trindade seja distinta em pessoas e nomes, não se deve crer, contudo, que por isso ela difira de si mesma e de sua eternidade; mas a Divindade, que permanece antes dos séculos, no Pai e no Filho e no Espírito Santo, verdadeira e propriamente é crida, nem pode ser dividida por nossas interpretações, nem, por outro lado, a própria Trindade, convertida em uma só pessoa, pode ser confundida.

Esta, nossa fé plena, esta nossa crença é. Por isso não permitimos que deuses sejam considerados nem chamados, mas confessamos um só Deus nas pessoas e nomes preditos. Pois a inenarrável Divindade, não para que pudesse ser encerrada ou apreendida por palavras, apresentou-se dentro de nomes e pessoas; mas para que aquilo que era fosse conhecido, deu aos crentes o entendimento de si em parte, que as estreitezas da mente humana podiam captar, dizendo o profeta: se não crerdes, não entenderéis. Uma é, portanto, a deidade da Trindade e na invocação deste vocábulo está a significação de uma só substância, não de uma só pessoa. Para esta coisa, aos fiéis, para comprovação, em testemunho de sua divindade, a própria Divindade sempre esteve presente com muitas e frequentes testemunhas. Seja permitido, pois, por causa do resumo da brevidade, trazer à luz poucas coisas dentre muitas, visto que a prova da verdadeira majestade, ainda que tenha pluralidade de testemunhos, não necessita, porém, de pluralidade, porque ao crente poucas coisas bastam.

(III, 10) Primeiramente, portanto, acerca dos livros do Antigo Testamento, e depois também do Novo, ensinaremos que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são de uma mesma substância, começando assim o livro do Gênesis: "No princípio, criou Deus os céus e a terra. A terra, porém, era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo, e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas." Aquele é o Princípio que, aos

judeus que perguntavam quem ele era, disse: "O princípio, que também vos falo." O Espírito de Deus, porém, movia-se sobre as águas como Criador, contendo a criatura pela virtude do seu poder, para que, produzindo delas todas as coisas vivas, Ele mesmo fornecesse aos elementos brutos os estímulos do seu próprio fogo, e já então, pelo mistério do batismo que resplandecia, a natureza do líquido recebesse a virtude da santificação, e produzisse os primeiros corpos animados para a vida. Davi, portanto, inspirado por Deus, testemunha: "Pela palavra do SENHOR foram feitos os céus, e todo o exército deles pelo espírito da sua boca."

Vede quão plena é a brevidade e quão claramente ela retorna ao sacramento da unidade: pondo o Pai no Senhor, pela significação da palavra o Filho, chamou o Espírito Santo da boca do Altíssimo. E para que não fosse entendido na palavra, afirmou que os céus foram firmados por ele; para que, porém, não fosse considerado um sopro no espírito, demonstrou nele a plenitude da virtude celestial. Pois onde há virtude, ali necessariamente subsiste uma pessoa; onde toda a virtude é significada no Espírito Santo, não subtraída do Pai e do Filho, mas consumada, não para que ele sozinho tenha o que está no Pai e no Filho, mas para que tenha o todo com ambos.

(III, 11) E novamente, quando o Senhor falava sobre a vocação dos gentios, pregando o Espírito Santo dentro de um só nome da divindade, disse: "Ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo." E novamente, o apóstolo, orando aos céus pelos coríntios, acrescentou estas palavras: "A graça do Senhor nosso Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos vós." E para que mais abertamente nesta Trindade confessemos a unidade da substância, também devemos considerar isto: como Deus, quando dispunha sobre a criação do mundo e do homem, mostrou o mistério da Trindade, dizendo: "Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança." Quando diz "nossa", mostra

certamente não um só; mas quando proclama "imagem e semelhança", insinua a igualdade da distinção das pessoas, para que na mesma obra haja um conhecimento aberto da Trindade, no qual nem a pluralidade é confusa nem a semelhança é discordante, enquanto as conseqüências assim falam: "e disse Deus", "e fez Deus", "e abençoou Deus". E é necessário que o autor de toda a criação seja um só Deus.

Qual razão de fé, enfim, a antiga bênção por meio de Moisés revela e confirma, pela qual é ordenado abençoar o povo com o sacramento da invocação trina. Pois Deus diz a Moisés: assim abençoarás o meu povo e eu os abençoarei: o Senhor te abençoe e te guarde; o Senhor faça resplandecer o seu rosto sobre ti e tenha misericórdia de ti; o Senhor levante sobre ti o seu rosto e te dê a paz. O que isto mesmo o profeta Davi afirma dizendo: abençoe-nos Deus, o nosso Deus, abençoe-nos Deus e temam-no todos os confins da terra. Esta unidade da Trindade as supernas virtudes dos anjos veneram com hino, e três vezes em número 'santo, santo, santo é o Senhor Deus dos Exércitos' cantando com incessante boca exaltam a glória dele no cume de um só domínio.

Para que isso seja ainda mais claramente incutido nos sentidos dos fiéis, apresentamos Paulo, conhecedor dos mistérios celestiais. Pois, na verdade: "Mas a manifestação do Espírito é dada a cada um para o que for útil. Porque a um, pelo Espírito, é dada a palavra da sabedoria; e a outro, pelo mesmo Espírito, a palavra da ciência; e a outro, pelo mesmo Espírito, a fé; e a outro, pelo mesmo Espírito, os dons de curar; e a outro a operação de maravilhas; e a outro a profecia; e a outro o dom de discernir os espíritos; e a outro a variedade de línguas; e a outro a interpretação das línguas. Mas um só e o mesmo Espírito opera todas estas coisas, repartindo particularmente a cada um como quer." E certamente ensinou que o Espírito Santo opera estas diferentes divisões conforme a qualidade e o mérito dos participantes: ao distribuir as diferenças das próprias graças, acrescentou no final, dizendo: "Mas um

só e o mesmo Espírito opera todas estas coisas, repartindo particularmente a cada um como quer."

Portanto, não resta lugar algum para dúvida, de que o Espírito Santo é Deus e autor de sua própria vontade, o qual, de modo claríssimo, demonstra-se operar todas as coisas e distribuir os dons da divina dispensação segundo o arbítrio de sua própria vontade; porque, onde se prega a distribuição voluntária das graças, não pode parecer a condição de servidão: pois na criatura deve ser entendida a servidão, na Trindade, porém, o domínio e a liberdade. E para que ainda com luz mais clara ensinemos ser o Espírito Santo da mesma divindade que o Pai e o Filho, comprova-se pelo testemunho de João evangelista. Pois diz: "Há três que dão testemunho no céu: o Pai, a Palavra e o Espírito Santo; e estes três são um". Porventura disse: "Três separados na qualidade da diferença ou divididos por quaisquer graus de diversidades com longo intervalo de separação?" Mas, diz, "três são um".

(III, 12) Para que, contudo, o Espírito Santo, sendo uma mesma divindade com o Pai e o Filho, seja ainda mais e mais demonstrado na criação de todas as coisas, tens o Espírito Santo como Criador no livro de Jó: O Espírito de Deus, diz, me fez, e o sopro do Todo-Poderoso me dá vida. E Davi diz: Envia o teu Espírito, e serão criados, e renovarás a face da terra. Se a renovação e a recriação serão pelo Espírito, sem dúvida também o princípio da criação não foi sem o Espírito. Após a criação, portanto, demonstremos que também o Espírito Santo vivifica, assim como o Pai e o Filho. De fato, acerca da pessoa do Pai, refere o apóstolo: Testifico na presença de Deus, que vivifica todas as coisas. A vida, porém, é dada por Cristo: As minhas ovelhas, diz, ouvem a minha voz, e eu lhes dou a vida eterna. Somos vivificados, porém, pelo próprio Espírito Santo, como declara o Senhor: O Espírito é o que vivifica. Eis que uma mesma vivificação do Pai e do Filho e do Espírito Santo está claramente demonstrada.

(III, 13) Que a presciência de todas as coisas está no Senhor e o conhecimento das coisas ocultas, ainda que nenhum cristão ignore, contudo, deve ser demonstrado pelo livro de Daniel: Deus, diz ele, que és conhecedor das coisas ocultas, que és presciente de todas as coisas antes que nasçam. Esta mesma presciência está em Cristo, como relata o evangelista: Mas desde o princípio sabia Jesus quem era o que o havia de trair, e quem eram os que não criam nele. Que ele seja, porém, conhecedor das coisas ocultas, - disto é manifesto, pois, expondo os conselhos obscuros dos judeus, dizia: Por que pensais o mal em vossos corações?

Da mesma forma, o próprio Espírito Santo manifestou que conhece antecipadamente todas as coisas, dizendo aos apóstolos: "Quando vier aquele Espírito de verdade, ele vos guiará em toda a verdade; porque não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido, e vos anunciará o que há de vir." Aquele que é declarado anunciar as coisas futuras, não se duvida que conhece antecipadamente todas as coisas, porque ele esquadrinha as profundezas de Deus e conhece tudo o que está em Deus, como recorda Paulo dizendo: "Porque o Espírito penetra todas as coisas, ainda as profundezas de Deus." Igualmente no mesmo lugar: "Porque, qual dos homens sabe as coisas do homem, senão o espírito do homem, que nele está? Assim também ninguém sabe as coisas de Deus, senão o Espírito de Deus."

(III, 14) Para compreendermos, porém, o poder do Espírito Santo, apresentemos alguns poucos exemplos dos seus atos terríveis. Vendera uma propriedade, como está escrito nos Atos dos Apóstolos, e, subtraindo uma parte do dinheiro, o discípulo fraudulento depositou o restante, como se fosse o total, aos pés dos apóstolos: ofendeu o Espírito Santo, a quem julgava poder enganar. Mas o que lhe disse imediatamente o bem-aventurado Pedro? "Ananias, por que encheu Satanás o teu coração, para que mentisses ao Espírito Santo?" E mais adiante: "Não mentiste aos homens, mas a Deus." E assim, ferido pela

virtude dAquele a quem quisera mentir, expirou. O que o bem-aventurado Pedro quer que se entenda por Espírito Santo, certamente é claro, quando diz: "Não mentiste aos homens, mas a Deus." É manifesto, portanto, que quem mente ao Espírito Santo, mente a Deus, e quem crê no Espírito Santo, crê em Deus.

Algo semelhante, ou antes, algo mais forte, o Senhor mostrou no evangelho: todo pecado e blasfêmia será perdoado aos homens; mas aquele que blasfemar contra o Espírito Santo, não lhe será perdoado, nem neste século nem no futuro. Eis que por uma sentença terrível diz ser imperdoável o pecado daquele que blasfemar contra o Espírito Santo. Compara com esta sentença aquilo que está escrito no livro dos Reis: se pecando, um homem pecar contra outro homem, orarão por ele; mas se pecar contra Deus, quem orará por ele? Se, portanto, blasfemar contra o Espírito Santo e pecar contra Deus são crimes semelhantes, isto é, inexpiables, já cada um reconhece quão grande é o Espírito Santo.

(III, 15). Que Deus está presente em toda parte e preenche todas as coisas, aprendemos pela boca de Isaías: Eu, diz ele, sou Deus que chego perto e não de longe. Se um homem se esconder em esconderijos, acaso não o verei? Porventura não encho eu os céus e a terra? E quanto à sua onipresença, o Salvador diz no Evangelho: Porque onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles. Sobre o Espírito Santo, que está presente em toda parte, diz o profeta em nome de Deus: Eu estou em vós e o meu espírito permanece no meio de vós. E Salomão diz: O espírito do Senhor encheu o mundo, e aquele que contém todas as coisas tem conhecimento da voz. Igualmente Davi diz: Para onde me irei do teu Espírito, ou para onde fugirei da tua face? Se subir ao céu, lá tu estás; se fizer no inferno a minha cama, eis que tu ali estás também. Se tomar as asas da alva, se habitar nas extremidades do mar, ainda ali a tua mão me guiará e a tua destra me susterá.

(III, 16) Deus habita em seus santos, segundo a promessa que dissera: Habitarei neles. Mas o que o Senhor Jesus diz no evangelho:

Permanecei em mim, e eu, em vós, Paulo prova isto, dizendo: Ou não sabeis que Jesus Cristo está em vós? Porém, tudo isto se cumpre na habitação do Espírito, como João menciona: Nisto conhecemos que ele está em nós: pelo Espírito que nos tem dado. Semelhantemente, Paulo: Não sabeis vós que sois o templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós? E outra vez diz: Glorificai, pois, a Deus no vosso corpo. Qual Deus? Certamente o Espírito Santo, de quem parecemos ser o templo.

(III, 17) Pois que o Pai argui, o Filho argui, o Espírito Santo argui, assim deve ser provado: No salmo quadragésimo nono se lê: Mas ao pecador diz Deus; e mais adiante: Arguir-te-ei e porei as tuas culpas diante de ti. Davi, igualmente orando, diz a Cristo: Senhor, não me repreendas na tua ira; porque ele mesmo há de vir arguir toda a carne. Que direi do Espírito Santo? O Salvador no evangelho diz: Quando vier o Consolador, esse arguirá o mundo do pecado, da justiça e do juízo. Prevendo isto, Davi clamava ao Senhor: Para onde me irei do teu Espírito, e para onde fugirei da tua face?

(III, 18) Pois também que o Pai é bom, o Filho é bom, o Espírito Santo é bom, assim se prova. Diz o profeta: Bom és tu, Senhor, e na tua bondade ensina-me os teus estatutos. De si mesmo, porém, o Unigênito diz: Eu sou o bom Pastor. Do Espírito igualmente santo, Davi no salmo diz: O teu Espírito bom me guiará por uma terra plana.

(III, 19) Quem, porém, poderá calar aquela dignidade do Espírito Santo? Pois os antigos profetas clamavam: "Assim diz o Senhor". Esta voz, Cristo, ao vir, trouxe-a para a sua própria pessoa, dizendo: "Eu, porém, vos digo". E os novos profetas, o que clamavam? Como o profeta Ágabo, nos Atos dos Apóstolos: "Assim diz o Espírito Santo", e Paulo a Timóteo: "O Espírito, diz ele, manifestamente diz": voz que demonstra inteiramente a indiferença da Trindade. Paulo diz que foi chamado e enviado por Deus Pai e por Cristo: "Paulo, diz ele, apóstolo, não da parte dos homens, nem por homem algum, mas por Jesus Cristo e por Deus Pai". Nos Atos dos Apóstolos, porém, que foi segregado e enviado pelo

Espírito Santo; pois assim está escrito: "Assim diz o Espírito Santo: Separai-me a Barnabé e a Saulo para a obra a que os tenho chamado". E pouco depois: "Eles, diz ele, enviados pelo Espírito Santo, desceram a Selêucia". Igualmente no mesmo livro: "Atendei por vós e por todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu bispos".

(III, 20) Para que ninguém, porém, julgue o Espírito Santo como algo desprezível, porque é chamado de Paráclito. Pois Paráclito significa advogado, ou melhor, consolador, segundo a língua latina: esta designação é comum também ao Filho de Deus, como diz João: "Estas coisas vos escrevo, para que não pequeis; mas, se alguém pecar, temos um Advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o justo." Pois também o próprio Senhor, quando diz aos apóstolos: "E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador", sem dúvida, ao dizer "outro Consolador", manifesta que também Ele é Consolador. Mas tampouco este nome de Paráclito é alheio ao Pai; pois é nome de beneficência, não de natureza.

Finalmente, aos Coríntios, Paulo escreve assim: Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai das misericórdias e o Deus de toda a consolação, que nos consola. E quando se diz que o Pai é consolador, se diz que o Filho é consolador, o Espírito Santo também é consolador, contudo uma só consolação nos é concedida pela Trindade, assim como também uma só remissão dos pecados, conforme afirma o apóstolo: Lavados, diz ele, fostes, e santificados, e justificados em nome do nosso Senhor Jesus Cristo e pelo Espírito do nosso Deus. Poderíamos ainda apresentar mais testemunhos das divinas Escrituras, que, conforme o sacramento do batismo, manifestam a Trindade de uma só glória, operação e poder; mas, visto que aquele que está cheio de sabedoria tem entendimento, omitimos muitas coisas por desejo de brevidade. (III, 21) Façamos, portanto, uma recapitulação do que dissemos.

Se do Pai procede o Espírito Santo, se liberta, se é Senhor e santifica, se cria com o Pai e o Filho e se vivifica, se tem presciência com o Pai e o

Filho, se está em toda parte e enche todas as coisas, se habita nos eleitos, se convence o mundo, se julga, se é bom e reto, se dele se clama 'Isto diz o Espírito Santo', se constitui profetas, se envia apóstolos, se prefere bispos, se é Consolador, se dispensa todas as coisas como quer, se lava e justifica, se mata os que o tentam, se aquele que o blasfemar não tem remissão nem neste século nem no futuro, o que certamente é próprio de Deus: sendo assim estas coisas, por que se duvida dele que seja Deus, quando pela grandeza das obras, que é, ele mesmo se manifesta: certamente não ser alheio à majestade do Pai e do Filho, aquele que não é alheio à obra das virtudes.

Em vão se nega a ele o nome da divindade, cujo poder não pode ser negado; em vão sou proibido de venerá-lo com o Pai e o Filho, a quem sou obrigado a confessar com o Pai e o Filho. Se ele me concede com o Pai e o Filho a remissão dos pecados, concede a santificação e a vida perpétua, sou demasiado ingrato e ímpio, se a ele com o Pai e o Filho não retribuo a glória. Ou se não é para ser cultuado com o Pai e o Filho, então também não é para ser confessado no batismo: se, porém, é de todo modo para ser confessado segundo o dito do Senhor e a tradição dos apóstolos, para que a fé não seja semiplena, quem me poderá proibir do seu culto? Pois naquele em quem sou ordenado a crer, a ele também devidamente suplicarei. Adorarei, pois, o Pai, adorarei também o Filho, adorarei também o Espírito Santo com uma e mesma veneração.

Mas se alguém pensa que isto é indigno, ouça como Davi exorta os fiéis ao culto de Deus: "adorai, diz ele, o escabelo de seus pés". Se é ato de religião adorar o escabelo de seus pés, quanto mais religioso é se o seu Espírito for adorado! Aquele mesmo Espírito, que o bem-aventurado Pedro pregou em tão grande sublimidade, dizendo: "pelo Espírito Santo enviado do céu, no qual os anjos desejam atentar". Se os anjos desejam contemplá-lo, quanto mais nós, homens mortais, não devemos desprezá-lo, para que talvez também não nos seja dito, como foi dito aos judeus: "vós sempre resististes ao Espírito Santo, como também vossos pais".

(III, 21) Mas se estas coisas tão grandes e de tal natureza não inclinam a alma a venerar o Espírito Santo, aceita então algo mais forte. Assim, de fato, Paulo instrui os profetas da igreja, nos quais certamente e por meio dos quais o Espírito Santo falava: se, diz ele, todos profetizarem, e entrar algum incrédulo ou indouto, por todos é convencido, por todos é julgado, os segredos do seu coração ficam manifestos; e então, caindo sobre o seu rosto, adorará a Deus, declarando que verdadeiramente Deus está entre vós. E certamente neles está o Espírito Santo, os que profetizam. Se, portanto, os incrédulos caem sobre o rosto e adoram o Espírito Santo através deles e confessam contra a vontade, quanto mais convém aos fiéis que voluntariamente e com afeto adorem o Espírito Santo. Adora-se, porém, o Espírito Santo não como separadamente, à maneira dos gentios, assim como também o Filho não é adorado separadamente, porque está à direita do Pai: mas quando adoramos o Pai, cremos que adoramos também o Filho e o Espírito Santo, porque também quando invocamos o Filho, cremos invocar o Pai, e quando rogamos ao Pai, confiamos que somos ouvidos pelo Filho, assim como o próprio Senhor disse: Tudo quanto pedirdes ao Pai em meu nome, eu o farei, para que o Pai seja glorificado no Filho; e se o Espírito Santo é adorado, aquele certamente é adorado, de quem é o Espírito.

No entanto, ninguém ignora que à divina majestade nada pode ser acrescentado nem diminuído pelas súplicas humanas, mas cada um, segundo o propósito de sua vontade, ou adquire para si a glória, venerando fielmente, ou a confusão perpétua, resistindo com pertinácia: pois é certo que a contenda e a soberba condenam, mas a honra, na verdade, espera o fruto da devoção. Por que, então, os fiéis não honram integralmente a Trindade, à qual confiam pertencer, em cujo nome se gloriam de terem renascido, de quem se orgulham de serem chamados servos? Pois assim como pelo nome de Deus Pai os homens são chamados de homens de Deus, como Elias foi dito homem de Deus,

como Moisés foi chamado homem de Deus, assim também por Cristo somos denominados Cristãos, e igualmente pelo Espírito somos chamados espirituais. Se, portanto, alguém for chamado homem de Deus e não for Cristão, nada é; e se for chamado Cristão e não for espiritual, tampouco confie plenamente em sua salvação.

(III, 23) Tenhamos, portanto, conforme a confissão do salutar batismo, a fé íntegra na Trindade, haja uma só devoção de piedade, e não imaginemos, à maneira dos gentios, diversidades de poderes, nem suspeitemos da criatura quanto à divindade na Trindade. Mas tampouco nos deixemos mover pelo escândalo dos judeus, que negam o Filho de Deus, que não adoram o Espírito; antes, adorando e magnificando a perfeita Trindade, assim como a proclamamos com nossa boca nos mistérios, assim também a retenhamos na consciência: Santo, Santo, Santo é o Senhor Deus dos Exércitos. Dizendo três vezes "Santo", confessamos uma só onipotência, porque uma é a religião, uma a glorificação da Trindade, para que ouçamos, como ouviram os coríntios, as palavras dos apóstolos: A graça de nosso Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos vós.

Esta é a nossa fé, fundada nas tradições evangélicas e apostólicas e na comunhão de todas as igrejas católicas que há neste mundo, na qual confiamos e esperamos permanecer, pela graça de Deus onipotente, até o fim desta vida. Enviada aos doze dias antes das calendas de maio por Januário, bispo de Zattara, e por Vilitade, bispo de Casas Medianas, da Numídia, aos bispos Bonifácio de Foratiana e Bonifácio de Gatiana, da Bizacena.

Aparato Critico

1. a. 477 mense Ianuario. (II, 1) Mortuo igitur Geiserico Huniricus maior filius patri

2. a. 479—481 calumniator.¹

3. 2 hunicus VMs honoricus P hundricus b patris W 8 primordio W'MsL 5 ut om. W
p//dicatum b 7 Bollicitus C 8 e W 9 destruxit β 11 djaconee P herese//s V hereses C heresis
Ms 12 repturus BVC 13 foemore b 14 discipulos F1 popter W laudabilior om. p 15 qua
cupiditate P 17 indicioibub P et sic plerumque cc ante io honerabat W ut de] unde W' 18
magnos (magno b) est calumniatus β 20 relicta] per edicta β olibrii WM libri β cartagiDiensis
B VCP1 charthaginiensis P2R cartaginensis WMB ecclesiam P
4. 1 tunc β 2 ligationem b in praesentia 82 5 in addidi: cf. Indic. III 'continere' nobU s dominus
WMfl dicere β 8 nostrae b fieri W1 9 ael] nt P dicere o 11 in] apud β conatantinopoli W 82 12
epiacopi noatri om. β : cf. Indic. III 'locutiones mirae' 16 africanis L: africanae (-ae) BcpW
africae 82β sint P 17 et quae... facere om. β 18 quemammodum B 19 reaueratum β clericia B
clerlens tp 21 Qui] quod o cum b 24 meditationibus dolisque W 26 condictionibus VC haeo
om. β eoleeiae b 27 eamI eciam Y et iam o dipator] dignatus est W\$
5. 2 tunc om. W 3 intollerabilis VCb 4 ordinatur B1V1 ordinator C' ordinata B1 5 commulatum
BV1W1 6 dominatio P 7 numerus iuuenum s 8 gaudens β 9 adtestabatur a 12 aberi W' esset
BVCXW ab ow. o 13 eisdem uniuersis b 14 elemosinas cpW helemosinas (J 17 agnoscitur o 18
si quisquam) *** nisquam B, sed stq euanuisse manifestum si quis inspiciat ax 19 pecuniam
BVCWla numquam om. a non mansisse M mansisse non s2aL 20 offereretur B offeretur C
eipicat BVCWms1 explicaret cursum et a: num zplicato cursu ? 21 seruabat a 22 quantn
(poat non) W 28 maiora et ingentia a 24 aius] ei M celebris] ubique celebris o 26 eum Cynla]
cum cirilla M cyrileas eum o cotidianis eum et p. cirilla a qui W
6. -I 1 Buggerunt] snggermt regi aβ 2 dei populo] ad dei populum β quocumque β 3
incendentes V1 in ecclesiā V2C intrare ecclesiam M 4 conspiciere BtpB docuit P 5 repellere a
7 incenduntium VJb 10 gentes b 11 reotis M ictis o1 iactis L criminibusque V cremibusque C
conlegatis VC. 13 auferent M auferrebant b 15 platheas W 18 nescimus β eorum tunc
aliquem o tunc aliquem eorum Wβ 19 itenere C 20 murum] ullum o 21 aula eius] eculis a
stipendio solito a 22 poterentur b1 25 mensium PR 26 arida BC 28 uerater b
7. 3 inoolumis a§ 4 hunurici Bs hunuri VC uniri.. WP hunicri Ma honorici b 6 ipso o lenem]
bene β 7 contingit PR 8 theodericum MsP: teudericum W teudoricum BVCa theodicum bRL
eius] fratris eius a 9 nihil hominus WPb 10 ei] et a 11 auferret Cb theoderici P: teoderici W
teudorici BVCa theodorici MsbRL 12 fortS arida W maiorem] marem P quia β 14 imposito β
interfici Msa iussit C 15 magnus Mβ 16 Meet omnibus a 17 potisaimu et acceditur P 18 astaote
a asstante Pb medio P 19 platae P sua b ineundum BRP2 : iucūdū b iocundum reU. 31 cremari
y theoderici Ms : teu4erici BVCW theuddrici a theodorici βL 23 obtinere Msb 24 perspeximus
p aientes W2C2Ms2L : Agnentes Wl agentes rell. 25 sua b
8. 3 aenili o 4 theodricum VC theodicum PRL filium PR 7 adfligendo P 9 feberent BV1C1
iugnlauit] gtadio iugulauit β 10 uxori s1a : xuoris BVC uxorem rell. et uulgo; cf. In- ctic. III
'abl. abs. mire positus' 11 amsaga hR ansatam W cirtense β famoam] fe (foe- b) tilosum a 12
ei om. b 14 niolatar P 15 inoendii PR incendio b eldicam b quendam W2C2Msa 16 eine om. β
propositum WI 17 trancauit β 18 tenchariam BVCMW thencariam a theucaria fi 19 ulcus] sic
BVC1 platheas P 20 sepelire b camnt o 21 heldice BVCMa hel (el- b) dici o qui Wβ 22 loca φ
obscura 8 28 multoque tempore eum ibi Ms multoque eam ibi tempore βv staut P 24
quondam W1 presēturas T (ese in ras.) profuturos b
9. 13 Pe. 21, 14.
10. 2 modico WsaL: modicum reU. aqua § panis o 3 passi a haec] ex P suplicia P sufficere Pb 5
nequimus φ 6 impietates PB impietas b . siliremus VCl sileretur b taceremus a 7 iocundum
mss praeter BW 8 adusit BVCW1 sed et] sed P diacouos φb 10 imbrey PB 11 et] atque a 12 ex
omni W occiosus W odiosus β 13 persecutionis (-es b) o 17 solitu BVCWs in ornato BVCs

- insolito ornatu a post fulgentem mss uerba et dum ... candore habent: transpos. Chiffletius 18 pallisque BVC: pallisque rell. 19 candore tanti fulgoris β 20 fulgur BVCa fulgore PIB Buccendentibus W 21 fetor VCM foetor b 22 beatorum] oblatorum § 23 iugiterj igitur β lamentandum Wp claritatem pristinam W
11. 23 Esai. 26, 20.
12. 1 persentibus P rectulit VG retulit WMSaP2b 4 multitudinem BV1 multitudine por (par- B) corum o 5 uel toris uentilationis W 7 magnitudine BVCP magnitudo a subito om. a 8 flato b' monstrare b 9 impetn] impulsu a 11 abituqae o et] qui av: om. o 12 simulagini W: similagini rell. 13 magnitndine β 15 tiqaensis b dextera Mab' 16 alterum migrate deest in P conspexit av 17 atque turbato] ac turbatas β sulphur//as V coperunt VC1. 18 ascendebantur P 19 peuetralio] sic BV: penetralia rell. 23 hostium WR absconde te pusillum aliquantulum a recte (ἀποκρύβηθι μικρὸν ὄσον οἶον): absconde te pusillū W abscondere aliquantulum pv 24 pertranseat a
13. 1 extensum a dilatatione P2 : delatione b dilatione rell. pone VC: om. β 2 occupabat M ocupabat 81 pacabat o magnitudine P2 b spetiositate Pb 3 congauderent Msa inquit VC unus om. β 5 BUO cum] uocum b 6 et om. PB uenerabilis a 7 quondam BVC1 8 innumeralium b 9 bulligentes VCl, item infra bulligentibus adherant W 11 ergo Bφ : ego reU. 12 sicca ueneria (uentria o) et laribus αW : siccensam (succensas &) et larensem laribus β 13 e] et Wβ 14 in initium VCl hunericum cpa honoricum β cyrillam Bφ Wa tirilam b 15 consolendum VC 17 cesset P aisione PB 18 palitio W 19 se a 20 inuictus 82ab2L melicium W 21 eictos a insulas s'a 22 sicilia et sardinia W: sardiniam et siciliam a siciliam et sardiniam rell. religauit WPb 23 defuctorum et 24 defucto W
14. a. 488
15. 1 euccede P potuit cp 2 optolisset WaP 4 sugerunt a firmauerat V 6 precipit P deinde] de W 7 genti PxbR 8 inspienda V contractanda VC iura WMSa L: iure BV ius Cβ; cf. III, 21 contra iura naturae uerecundiae} uerecundia b 9 uerecunda) uerecundia BVWa: om. p adherant P'bR aliqua] aliqua catholica Wβ 10 ingendia W 11 laminasque BVCWMa (I, 10; III, 28) lamminas b dorsi BVC 14 aceruitate BVC1 17 additum P feceret B facet W 18 ecclesia B 20 perseqaar W 21 diaconos yaMs aliae PR eccleaia B 22 quattuor milia om. W LXVII W eeptuaginta sex β 23 podagrici a per aetatum annos a a: per aetatem annos a BVI per aetatem annorum a VCMsL per aetatem (aetate W) aBnosam Wβ; cf. Indic. m a—ab et Roensch, It. «. Vulg2 p. 426
16. VII.
17. 3
18. 1 filii: M albiritanus W abiritanus M episcopatū W 2 paralisiD P sentiebant BVC1 3 poenitr W 4 non om. Pb 5 saltim VCMsL salutem b iussisset C iussisset W 6 Qui] quibus OMs'a 7 post W 8 colligatum Pb2R 9 tranuerso W transuerso 82 a β 10 uictum W quodam PR quendam 82 et W a. l. tota V itenere C 12 ciuitatem Pb occurentes W 18 perducerent Ma 16 domni] sic Bb ueetri W 17 poteritis Wβ festinaretis Ms2 18 ingenti uociferatione clamantibus et dicentibus o 20 inuocabilem P 21 copie dabantur β et ante uerbum om. PB 22 admonitionis Wβ facere fratribus a ministeria Ma 23 genitrices CMSa 24 trahentes o 25 morituros s2L moliendo o baptizationis o
19. 20 Exod. 15, 9.
20. 1 ad confessionē W 2 nec post tunc om. W 3 aliquid β quid (quod W) tunc] tunc quae β 4 referre W referri β agerimus V 5 promouemue Bφ promoueremur W promouimus (J 6 sacculam V 7 infantulo uno BVC 8 in om. a domne] sic BYCs 10 coronam a 11 iungeri BVC exercitu o 13 peocatrix B qondam W 14 cui///nos B et et abiecte om. a 15 abbnlas PB 16

- parunlo ueatro seruo W paruulo aeruo uestro βv 20 partibor CWb 22 aucupari WMs1 aucupari B VC aupari a* occupare rell. 23 agusta VC1 deterrima M cumclaubis b 24 coartaret exercitum dei φ negato φa est negata W negata est β
21. 3*
22. 11 Thren. 4, 5. 18 Ps. 149, 9. 21 cf. I Ioh. 3, 16.
23. 1 solatio CPMs ponuntur C7: puniuntur rell. postibos scripsi : fustibus mss et ante grauter om. M 2 adfiiguntur Pb iactatur W 3 acmina W locustarum mss praeter B 5 naturalem BY naturale rell. silebat W 6 stercoris et urinae p 7 fetor WMs foetor b orror BVCWs1 8 datu BVs1 dantes Ws* poBt data C2 daturi a Mauris] auri W 9 admissi WMsaf 10 luti] lici V laci MS: om. W lutius que B latique a 11 ieremiae WMs a cdypletum B, n ut uid. erasa: cdpletum reU. 12 amplezi W 14 ad iter] aliter W 17 cu W decantabant a 19 umzibbirinensis PR umzibbirinensis b 20 con I consolator B 21 decurrentium a 22 ponore P 23 daret a
24. 14 Mt. 18, 18.
25. 2 qaalores M scalores a 4 multitudenes W ciuitibus VO' 5 uisendum β occurrerunt 8 occurrerent a concurrerint b 6 uinentium VClMs capiebant W 7 uertioee enim W callium scripsi : uallium mss ualliam concaua C*; an collium ? cf. III, 58 montee et colles 9 clammabant a clamabat b 10 coronam β 11 paruulos W fonti C* fonte WP2a aqua acipri: aquae mss perhennis aβ 12 poenitente PR manu M conlaturi β indulgentiq BVCA indulgentiam Mb2 13 soluitori W 17 libebat Ws'bB: licebat BVC1Ms1a liceat C2L libeat Pv si lioeret] scilicet C ex corr. 18 separat C1 ppararet W 19 lacrimis] laudibus β ammissus] sic BY, item consolatur 90 caanaba] tunc sauia β erant W 21 praeparati BVC praeparatum a 22 etsi uulgo coeperunt] coep. primo Wβ astilium BVCP hostiū W 24 lassabuntur b
26. 1 uerū W 2 legatis PIB ut cadauen] uelut oadauer β 8 traherentur Wβ lapidum om. β 4 quit] qui BVWs* quibus av 5 hie om. a capud BVC 6 exhahbsnt Mb exhalabant spiritum a 8 cohercente Ma eoarcente o exuitat scripsi; cf. ur. lect. ad n, 80: exaltat BVC1Ms1a extat C*o exaltatur Ws2v eraltata Halmius uili BVC1 9 abiliores BVC1 WP 10 ordem a 11 uenatorum ex uenatorum V 13 incredibile Ms soln W in addidi 14 positn Ms2 a aβ scorio b percussum b incurso a 16 tempus om. a 17 illi β alerentur WM hordeaciis C hordeaceis MsPb ordeaceis R hordiaceis a ordeatll W 18 poterit Ms posaet β 19 mancipatis BVC1 M Regino] regina Ms'a regi non PB rege non b 24 tali tenore conscriptum om. a: rectef 25 ueredis discurrentibus a
27. 20 Thren. 5, 17.
28. , 1 hunirich Ms hunericns a nniricns WP honoricns b 2 omnsianis BVCMLa homougianis Pb 4 nee PS aedutione W seditione β 5 qua P plurimi] plnr. nunc p 6 egisse] feeere a 7 regula cristianae W 8 noluius Pb ideo Cbs1 proaidentia] pronieia W 9 cam consensu] cum sensu V et C* vt uid. consensa C2Ms 10 ianuariarum Pb 11 omisa a omoe BV (II, 90) 12 cartanem M cartaginem Waab 18 inhire b confrictum V umousianorum BVa omusianorum C homousianorum Pb 14 de om. W dininis] diuersis fJ 16 posset Mb 16 episcopis aW tuis om. W 17 Iunii Ms 18 hanurici BF unirici W hnerici Msa hunorici b 19 adoramus F 30 exemplo VC1 extemplo CIMs 22 lamentatione PR 24 nostris om. Wβ nobis a deo Wβ
29. 1 quasi diceret... nolomas om. W§ 2 quod P 3 nisi ut W 4 daretur] daretr epla M texta epla scripta W in a post daretur spatium 9-10 litt. uac. relict. calamitas. Tnnc sancti (sancto P2b) ingenio rationalis causa aisa est ei cor barbarum molliretar auggerendo ai legenda daretar tali teitu epistola conscripta sic § mendosissime 5 uitae caosa tractatur aeternae a 8 unitarith W paritatem b admonere WaPb 9 merito ac religonia fidei fide C) BφWa 11 simile W 14 transmarinum VC1M 15 regione b 16 eius om. β obtemponnt VC 18 africanam BVC tantamodo

- W 19 saggerendo W saggerenda Msa snggerendam β oblatarum b suppliter W 20 petoj precor o domini ab 22 asnoscat B 24 adserendae β 25 quantus] qua tantas p
30. 4 Ps. 7, 15.
31. 3 offeretur VC offereretur W 4 ille om. b dolum M 5 in grauiub a uiro om. Ms 6 cubadum β sude P 7 suppotetate W totus om. W 8 o om. Wβ 9 inquit BVC 10 dicit W hoc om. a quomodo] modo β 11 uolitet] uolit Cx nolet b nolet et PB 12 uera] uera fides o 14 scribo β episcopi b mei] nostri β 16 ecclesiae romanae b capud BVC est capud a omni W 17 cubadus o dominus mss praeter B 18 eugenus V regi C*W similis regi non sum a regis (regi b) similis non sum o 19 ueram] uestram V nostram CMs 21 episcopis β causa] cura BφL...icasse. cura W 22 aiebat V'Ms quia] quod β deMent a africam BVI: africa rell.
32. 18 n Tim. 2, 17. 16 I Cor. 5, 11.
33. 1 calumniam β 3 nectobat VC nectebat WMsaP2 fort. recte 5 insectionibus W 6 uibionensem M uibianense a uiianensem O Secundianum ego: cf. Not. prou. Byz. 72: secndi (secundo b) donationum (donatianum Wβ) mss 7 sufeculensem W fusetulensem a suffetulensem b satis om. β 8 tum Ms 9 gerentur VCI agerentur Ms 10 cum om. WMsβ religio PB religione b religionis x. uiris (sic) a mensa nullum β 15 potuit β 16 nes P ne b tx eorr. 19 eugenium om. o 21 cuius eiuitatque] cuius (huius b) ciuitati o 23 epiphaniae Ms inlucesscebat VCI illuscsccebat a lucsccebat β uade] et uade M β 25 benedicet aP2b
34. 1 aperiantuT BVC1 ut aperiantur C* et aperientur Madb 2 qui cum tali n. c. est putat se β 8 noluit PR 4 urgeretur a 5 rursum β 6 impcatur M 7 uoloci a ad] a b et orat b 9 aliquid β 10 iussit om. W 11 celebritatem W Msa celeritatem reD. 12 increpabant β 13 antisti PR 14 redderis b 15 sanctus eugenius a 16 dilinquena B1 17 qui et] qui a in hoc tempore β* 18 ienua P 20 in uerecundam Mommsenus: inuerecandam mss crudelitatem WP 21 metante] comitante Msa meditante W ctarioorum] Morum W 23 benedixi W alneum fontis] aculae (t. e. aqualae) fontem p 25 ego om. a 26 tibi] tibi dominus p
35. a. 484 Kalendarum Februariarum ab eodem statutus. Conueniunt non
36. 2 caecum ob hoc tanto m. p. e. comprimere uiram qui r. Lj coeperunt β 3 popalos BV 7 stari W inposnit CP metante] comitante Ms faciente a 9 rapitus V quit Wj' 10 reperit W ille fi 12 oppreazione confuBi - potuerunt o 14 necere P1 17 kalendarum W 18 insnlara W 19 ri fictione VC affecti a 20 qui usque P 21 necaados β* 22 letum Mb 23 diutunoa VC1 diutinos C* ealores b 24 timore BV aestimans quod tali e. t. excuteret reliquiis elesurum (reliquisse lesurum b) o 25 silicet P 26 nostrae fi 27 tamultua] stimulus a
37. 1 nostr. oppr. mult.] aliquis nostrorum oppresserit β diligunt P1R 2 colocat V cyrilla C'a cirilla M cirila b 3 satellibus BVC (Commodian. Inetr. II, 12,14): satellitibus rell. colo W aaatantibus C 4 ille b1 illo Pb'R est om. W grata collatio] tracta collocutio p 5 elatio] potestatis elatio β 7 nunc] nunc autem β* 8 ut] uel VC' qui C2 libram φβ prolatam φ 9 prae L: prauam Btpa praua W probra o adsumptam BVC assumptam Msa assumpta Lβ 10 cirila C cyrilla Ma: om. P aliquos ... dixerunt om. BVC1MsL: Ad hec a nostris dictum est C2 dixit legatur nobis. Quo concedente istud sibi nomen cyrilla adsumpsit. Qd superbum et illicitum sibi nomen nsurpat. nostri detestati dixerunt. Et exinde et rel. sic W aliquis a b 11 detestantes o: destantes b destanti PR 12 legat C 13 cyrilla Ma cyrilla nomen β et om. φ 14 aduersario PR 15 expectare mss praeter B 16 adherant catenis P 18 afflictionem persecutionum scripsi; cf. Indic. III 'synonymorum coaceruatio': afflictionem persecutionem a afflict. persecutionis W afflictionem p 20 cyrillae et cyrilla Ma 21 dixerunt episcopi β te om. b
38. LIBER FIDEI CATHOLICAE.

39. 1 manifesto WMSβ excusari a 5 coascripserunt o 7 tenemus. Explicit liber II (om. Msβ).
Incipit liber fidei catholicae (fidei catholicae liber VCs) BVCWsaβ. Liber incipit fidei
catolicae M
40. A — lectiones codicis Landunensis 113 s. IX, ab Halmio coUati. Incipit libellus episcoporum
catholicorum ad hunericum regem uandalorum datum A 9 tenetur BY 11 auxilio A quae Å
12 leuiter Pb 13 homouision Å semper et ahic omouyson W 14 cognoscimur Å 16 proprietate
pereonae β nihil hominus Wb 17 excitare VCl 18 proprietate C2 retineri BVCS 19 asserentes
mei: adserentes Halmius neque filiumJ neque eundem filium Å 20 qui] quia PR sit om. A ita
om. β
41. 17 Hebr. I, 3. 22 Hierem. 9, 10. 25 1. c.
42. 1 de patre et (ac W et de P) filio procedentem Wę 2 sanctum spiritum P 5 exhorta. BVC1W 7
substantia W genitum] natum A 8 hanc ergo W 9 obolendam PR 11 essentiae B 12 ex patre P
natus B VI 13 afferendum P 14 si om. a 15 id est om. b 17 abprobatur A 18 eius om. A 19
generans W gerensque a uerba VC* 21 filii muss praeter B VII 22 substantiae] substantiae
meae A; at Graece ὑπὸ ἄφεως 23 uoce W contemptam bA: contentam PB con tam BV1 cum tam
V2CWMsL teribili W intestatione aW 24 propheta W 25 accipite Å plactum W semitas deserti
WAS2: semitę deserte (deserte V) BV1 semitas desertas V2CMS1 semitam desertam a
semitam deserti (3)
43. 5 Hierem. 23, 22. 10 Hierem. 23, 18. 13 Sap. 16, 21. 16 Ioh. 6, 32. 18 Ioh. 6, 41. 20 Ps. 77, 25.
44. 2 non om. PR nec andiermt b snbstantiae meae A a] e W 3 caeli om. P pecora (ξῶς κτηνῶν)
CWA P2bR: pecore B V1 et pi ut uid. pecus VMs pecorem A quia professio BV 4 eandem Ab 5
snbstantiam Ab* stare om. A noluerunt P 6 mea et aduertissent uerba mea anertissem A 8
substantia BVC1 9 oculo A fideliter (fideli b) mente cont. β declarat W 10 dicitur per
prophetam β qui WβA 11 uidit] audiuit A (Grac. εἶδε) substantia BVCM 12 prophetis BV1
propheti W 13 substantia BV1 14 filio WA habes in filios a quam] qui W 15 ierahel MP (per
comp. ifrt script. in BVWCsb) 16 diene V dedit nobis C 17 dat panem uobis tp 19 per
prophetam b 20 dauid om. β 21 substantia BVCS1β 22 et om. Å diuinitaa BipWP aequalis W
et aequalitas Ms2 aequalitasque a
45. 1 Ioh. 14, 10 et 10, 30. 7 Ioh. 5, 18. 12 Ioh. 5, 19. 13 Ioh. 5, 21. 1B Ioh. 5, 23. 17 Ioh. 17, 10. 18
Ioh. 14, 9. 21 Ioh. 14, 1. 22 Mt. 11, 27.
46. 1 ego in patre et pater in me om. a et ego] ego MaL eet. ego enim A est. Et: ego v 3 uolii//tatis
B, n eras. 4 sed] quod A 7 proptereaergo QA 8 sabatum W 10 est penitus est BV. penitus est
V2CWa neratiter W 11 aequale B deo se faciebat o in] in eodem A 13 facit. Similiter et B tpa 14
uul W 15 Item] ita <p item in enangelio A 17 exhibitnr BVCW ibi] in enangelio A 18 et tuaJ et
omnia tua P filippe P me nidet nidet VCsa uidet me uidet MP me uidet & 19 quomodo....
patrem om. β 21 credite in d.] creditis in deum WS2aPbA; sed cf. Gracc. πιστεύετε 22 adhuc nt
VCMsL: adhuc BV1 ut adhuc rell.
47. VII.
48. 4
49. 3 Mt. 16, 17. 5 Ioh. 14, 6. 6 Ioh. 6, 44, 9 Ioh. 14, 7. 22 Ioh. 14, 28.
50. 1 pater] patrd B et V1 ut uid. 2 niui] nini esse W A 3 inquit C simon BWPA: symon rell. 5 est
om. a est in caelis W 7 eum] ad eum BV. aequalitas WA 8 filii] sic BV1 ad se] cum ad se A
adducunt A dicitur PR 10 nostis] cognoscetis Å (Graec. γινώσχετε) 13 habentem confitentes A
ergo in A erasum excellentis Wβ potentia de eo] potenti deo W 14 referatur Wl tribuendam P 15
honore W 16 enarrantar BV1 narratur β nerbo dei V2WMSaβ uero deo V ex altera correctione
homine BVC1: deputamul Å; cf. Indic. III 8. v. reputare 17 diuinitate B hoc om. 9 19 me

- uidet uidet V2CM8aPb 20 facit filius a facit. Similiter B VW 21 uere BV1 22 secundum hominem om. a: referuntur sec. hom. W de infirmitate eius r. M sed. homo dicuntur 82 in ras.; in C m. rec. in marg. addit. secundum humanitatem ista] ita PRA
51. 1 Ioh. 6, 88. 2 Mt. 26, 39. 4 Mt. 27, 46. 5 Ps. 21, 11. 6 cf. Ps. 8, 6.
52. 2 uoluntatem post sed om. a me misit Pb 3 po>t W cum om. a 4 dens meus ea tu qaare a 5 filii] sic BV1A1 matris om. P 6 iudicatur φ et quam plura] quam pl. et β 7 brebitatis B V1 9 itaque PB pietatis b' 10 non om. V1 11 nec] non P aucrementum B V augumentum Cl aumentum ammittit Å 12 domino] eidem domino A 13 de caelo om. β deeedendit et sua A 15 dextram VMs 18 de ante id om. W id] eo V2CMsa. et Å ex corr. 19 eet] eē W 20 alia] aliqua Å genuisse] subiacente β subiacenti A matheria P 23 natiuitatis] diuinitatis Ms 24 a patre alteriut b substantiae est non est uems filius sicut iohannes ait β ceteris omissis
53. 4*
54. 2 I Ioh. 5, 20. 4 1. c.. 5 Ioh. 14, 6. 14 Eeai. 53, 8. 22 Ioh. 3, 18. 24 Ioh. I, 14.
55. 1 non fas <p degenerentus a 3 etiam] alinnde etiam a uerus] ueras est W 4 iohanais BV1 exsequitur V2CMS 6 nia et neritu b 7 de patre habet ante si om. β 8 ergo non} ergo non est Å 10 nt habeat W 11 de ante duobus om. b quis] quisque βA 14 enarrabit msspraeter BVW 16 et in tanti BVGs archanum WMsaβ archaao C 17 uade natus sit non quemadmodum Datus sit requisui Å sit Datus a 18 nsm usque... ignorabilis om. β 19 et ut VC1 et om. M de ipso b 21 omno W Christianus ambigit a 23 quia non creditit (πειριστευξεν) BφabA quia. n. credit reD. unigeniti om. 9 24 filii] sic B
56. 2 ai] sicut A 3 snbstantiQ et uere filius b 4 sed si u. s. non est om. A, qui pro his praebet: et si ueras filius non est nec uerus deus non est V1 6 deus om. b est arite et tamen om. A substantie b onigenitus M bis T putetur C S A2 putatur rell. 9 beresim V2CWMsaP2bA2 10 sanctam trinitatom a essepatrem quem flilium eundemqae credat om. Pb 12 seruans βA; cf. India. III 'constructio ad sensum' ia unitate] nnitates b 13 obici]citurB 14 eademgneBV1 15 ingeniti . atque geniti « si at ed. princ.: sicut mei si sicut s2v16 powdt BV1aL 17 ipo W 19 de M ipse genuit filium est de hoc quod W de eo V2CMsaLA2 20 ut est vm. W omaia B ViL; cf. Indic. III a. v. per omnia V2MS 21 una ... substantia BVCW (Angustin. C. D. XIII, 9; Commodian. Instr. f, 14, 1): unam ... substantiam reLL 22 ueratiter YW 23 iohannis BV1A1 testatus Wa testis est apostolus P
57. : 1 I Ioh. 1. 5. 2 loa. 1, 1-5. 4 Ioh. 1, 9. 11 Hebr. : 1, 3, 36 Ps. 109, 3. '
58. . . _ 1 quia om. β 5 homine W 6 fillus W 8 silicet W sciliet qui de se gignente A 9 existi W 10 iDtrodnict V1 12 et uidentius W quoaeternus WP 13 a om. BV1 14 lucis BVC1MstA1. 15 lucis a , natura substantise WS1L: nat. substantiam BV1 n. sabetantia V2CMS1 nature substantia a n. a (ae b) substantia β n. uel substantia Å ' 16 esse poteat W esse om. - BV; in C 8. 1. addit. m. 1 - 1 18 inseparabilis C1 19 substantiā P ' 20 apertissime W 21 suse M inefabilis W 22 filium] se filium βA instrnhendam b 23 imperitiQ BV* erieret W 24 natinatus W exempum W
59. 1 Incentins A affari β iudiciis P 2 quibus ante existentium om. P 4 non qua B V1 5 lineamentis a distictus Wb 6 neritem W 7 humanis Cl 9 quem] quod M ei patris o 10 impossibiliter P impassibiliter... ipsam snbstantiam om. A 12 diania W ; - 13 mtio passionia potnisee A potoiss Y' a om. PR 14 opinemns P 15 perfectum C* sui bm.' a' dimnnntione a 16 dirinatione WβA omni om. A 17 quia si de se ipso gennit oA qui de ipso genuit BVCsL si de se ipso genuit W quod de ipso genitus M quod de se ipso genuit a: fort. srib. quia de ipso genitu 19 et ante laborent tm. W ab hoc BVC 20 septimo V1 septyma b - opere sno aβ . quieuit A 21 de ipso pasionem P w 22 condenda β aliquam om. y ut et] ut A 28 nidentins W impossibilitas b 24 de deo et de lumine φ ,

60. 1 accipimns V2CMSA efficientiā A 2 non om. C2β nt == ita ut 3 gnerationiB W 4 minuit W A illam A 5 pateat ego: potuit mss x7 se om. b 8 patri filius] pater et filius A 9 igni PR 10 manifestefnr BV1WA1 e(εM) quibna BYM aequibus A equos C ex corr. coaeuus β filii] sic BY 11 breuitati A sinit bL fuit M sibi A 13 nt de] nt aliquid ex p 14 consubstantiū V1 15 adprouemus BV1 16 hac nominis BV1 17 atqae sua bA 20 rusus b 22 aestimari WA: estimare BcpL ezistimare a existimari β nec nocui om. β 24 non om, Ms1 nt non a aut] uel M uocabiis P possit βA inter VIC in V2M3 25 personas quae BP persona quē V1 id om. β_
61. 3 Esai. 7, 9. 14 Gen. 1, 1-2. 19 Ioh. 8, 26.
62. 1 intelligentiam A 3 intelligitis CLA intellegitis W2β in- telligetis Ma 5 at quem A re W 6 diuinita W 7 crebrerrimi P licead W ob om. βA , 8 compendium W: compendio BVlb compendia V* compendia CMSL compendium a: om. P uerae L: uere BφWaA uera P uera bR 9 brobatio W tamai haWret A . plaritatom B φ WbR 10 pluralitatē B pluritate V pluritate CMSbB 12 primo M ueteri BV CA testimenti VC1 postmodum a . 18 etia A doceuimus BV1 14 incante B 15 erat om. C 17 dei] domini P superfarabatur BV1A ferebatur rell. 18 illud β principium est A qui] quid BY principium quid del. in V; in . CMA L desuant uerba prindpium qui 19. quod] qui WMSa2LP2b quia PB locor W loquar C 90 uirtutem BVal aapientiae W 21 snae om.A. omnia niua P 22 ignis om. W propria W et iam] stiam BVMβA_
63. 4 Ps. 32, 6. 7 ef. Eclus. 24, 5. 17 Mt. 28, 19. 20 II Cor. 13, 13.
64. 1 uirtutem A uirtate P 2 perciperent W primaque] prima quae BV-Ms1A primanque β 1 eorporea et 8 prodaerent W deo om. α . proinde codem spu aspirante MS . 4 spiritus A 6 clare W sacramento unitas o domini V2 7 significationē BVA • sanctum tpiritam BVWme (I, 84, II, 88): spiritam eantam rell. - 8 noncupauit A 9 flatu BV1β statu α 11 demonstrant om. b 12 oblata b consumata BVCWL 14 sed tetum β'16 deotione W 18 apn WP , 19 iterum] iterum dum A iterum cum s1a - cborintis BYC' chorintiis WC1β cboriothiis M corinthis Å precatu a: praecatus V2C preoatr B W praecoatar V1a pretator PB praadioator b praedicat AL praedicans Mv hao W haec subdidit] dicent a 21 commneatio W . spiritu P sancti spiritus GaL cum) sit cum M9* 22 nobis M hanc trinitatem A'.
65. 3 Gen. 1, 26. 14 Num. 6, 23—26. 19 Pl. 66, 7—8. 22 Esai. 6, 3.
66. 1 a nobis W 2 sacramentum W 8 ostendwit WβA oetendit Ha 4 nostma om. PR. eam dicit... et similitudinem om. s 5 non utique non BVl 6 distinctiones - 7 trinitatis om. d ' 8 quo] qua Ms2' pluraliter BV1a paoa W causa β dissimilitudo at A 9 sic consequentia φ loenntor CWMSLPR . dous] dominus P bis fecit] fMit deus ALv 11 antiquāA moaen PB 18 dena] domimu a 14 meum. om. β 16. raam] tuam Å miseriatu b tibi Pb - 18 ipsum mss practor BA danit o confrmrat βA (II, 94) 19 deus ante et metuant om. BVCs1 21 ymmo P nonoratur B V 22 temo a 28 canentis P fastigio b donationisgloria W 24 eius om. b exultant BV1WPR exaltat A
67. 2 I Cor. 12, 4—6. 9 I Cor. 12, 11. 20 I Ioh. 5, 7.
68. 1 producamus b 2 autem on. Ms dominationum W snnt donationum φ 3 et] e W , ministrationum Bφ Wa minitterionun A mysteriorum o 6 diusionum a 9 intalit om. a 11 nulus BV1C1 nallins C1β ambiguitas P qaiin clareat et A . . 14 dininte b . 17 inteligenda P. domiDatio intelligenda est acW ac] an B V 18 en W 19 et spiri- . tum b iohannes BV1 testimonia. . PM 20 namque] enim Ms . 21 perhibent] dant W uerbum] et fili. o 22 sanctus om. Å bii BVCab i W ii P nnnquid aP 93 i* differentiae qualitate uel indifferenti aequaliMte BW MaLβA indifferenti (as syll. in V eras.) aequalitate VCs 24 longe b .. seperationis Ma 25. inquid Cs1 .
69. 4 Iob 33, 4. 5 Ps. 103, 30. 11 I Tim. 6, 13. 12 Ioh. 10, 27-28. 14 Ioh. 6, 64. 19 Dan. 13,42. 22 Ioh. 6, 65. I

70. 1 sanctns B1φ: sancti rell. 3 demonstratur C' Iob] iob primo a 4 inquit Cs1 5 omnipotens W 6 renouabis W 7 renouatio et recreatio Ba: ren. et creatio φ WL creatio et renouatio \$A dubium BV- 8 printipium W 9 uiuicat W 10 Equidem] et quidem WMLβ 12 inquit C 13 illis] eis b 14 nero] ergo M a AL sancto ipso om. A domino dicente A 15 uificat W 16 demonstrata b 17 pre- (prae- A)scientia BA praesentiam LP omnium rerum a domino] deo A 18 oculorum b conitionS V1 19 danielis MsaP1 inquit C 21 haec autem eadem <p 23 non om. Pblr 24 autem om. P occulor P
71. 2 Mt. 9, 4. 4 Ioh. 16,13. 8 I Cor. 2, 10. 10 1. c. 11. 18 Act. 5, 3. 20 1. c. 4.
72. 1 traducens] in C m. 2 uel 3 s. 1. adieet. id est diffamans uel confundens 2 quod V1 3 Similiter] similiter spiritus β praescire omnia ... perhibetur om. p 4 apostolos] populos Y (per comp. plof) 5 doceuit et adnuntiaoit BV1 6 nobis] uos F1 7 scrutator VIsa scrutator est M altitudinis BVCLMsa 13 iatelligendum A 14 passionē V1 15 actis BVCW (cf. infr. 92): actibus rell. subpressa P 16 reliquam A pro totum B V'A proiecit a posuit om. BV' a posuit ante pedes ap. A apostolerum posuit V2 CMs ponens ap. L 17 se latere fīa 18 ananis C2MsaLPR 19 sathanas a meoties BV1Msa1PB (Roensch p. 298): mentitus esses A mentireris reU. in spiritui B V1 22 expirauit φ quod hic nelit M intellegi om. VC: intelligi abRA
73. ' 5 Mt. 12, 31-32. 11 I Reg. 2, 25. 18 Hierem. 23, 23-24. 22 Mt. 18, 20.
74. 1 sanctum ? Utique vulgo cum] quod β 3 mentitus V bis 4 dfm W in deum (deo S) credit β imo a .5 qui//dam P ostendit] ostendit dicens β A 6 plaspheemia Ms1 blasfemia P remittitur «W remittuntur P remittetur rell. omnibus W 7 piaspheemat Ms1 ei om. o 8 fituro V tenibilis βA 10 plasphemauerit M blasphemauerat F1 eompora V1 comparat W 11 regum Pblr peccande W 12 orabunt] orabit sacerdos a si autem... pro eo om. A 13 orauit BV* ergo] autem φ plasphemare VIM 15 quātus P 17 quod ubique deus sit pr. W et om. BipWL impleatque W implet Pblr 18 esayae Ms ysaie a inquit BC 19 longinoo P 20 ergo om. a 21 implebo BVCSL de sua] deus sit L ubique] ubiquitate C" 22 praesentia om. BVCsIL praesentia ubique a euangelio] eu. ait MA eu. dicit o ait] inquit M: om. A fuerint ait L
75. 3 Ezech. 36, 27. 4 Sap. I, 7. 7 Ps. 138, 7-10. 13 n Cor. 6, 16. 14 Ioh. 15, 4. 15 II Cor. 13, 5. 17 I Ioh. 4,13. 19 I Cor. 3, 16. 21 1. c. 6, 20.
76. 2 nedio V in medio eorum eam a aeque (-ae) Msab adsit] Bit A 3 propheta dioit p 5 replebit RA rebit P hoc] ob b 6 scientia B sientiam V uoces B et V ut wid. notis W 7 ibo ab] ibo a CMsaLb ibo ad PB 8 ee et si PbA discendero B 9 ad infernum MLb si anmpsero] si recipiam A peanes V pinnas A directio ego: directam BVGs in directum WβA dilaonlo (κατ' ὄρεθρον) Ma 10 extremis a 11 continenit B contenebit P 12 deus om. a 13 quam WA habitacio F1 14 enangelo b 15 christuB iesus a 16 adimpletus V1 17 ei hoc] et hoc a inquit BC 18 suo] sancto b 21 quem uocat deum W 23 Nam] nam et "A spiritus] sps Sps sic BVs'
77. 2 Ps. 49, 16. 3 1. c. 21. 4 Pa. 6, 2. 6 Ioh. 16, 8. 9 Pa. 138, 7. 12 Ps. 118, 68. 14 Ioh. 10, 11. 15 Ps. 142, 10. 20 Mt. 5, 22. 22 Act. 21, 11. 23 I Tim. 4, 1.
78. 1 spalmo C 2 dixit Mab 3 statuam te PB contra] ante A diuid P 4 in om. a 6 sancto spiritu P euangelio] euangelio dicit β 7 inquit BC paraclytua BCM βA paraclituu VWsa 8 de iustitia] et de insticia φ de ante iudicio om. b Dauid om. C 9 clamat Pb1 ab] a MsaLβ 10 tua om. BVC 11 bonns pater BVCWsPb bonus sit p. Mao bonus et spiritus <p 12 probator A 13 domine om. Ms in om. a 14 ipse om. P unitus (unicus 6) ait ego β 15 sancto aeque β splamo C dicit] d. ad deum A d. ad dominum a 16 tarram] uiam A 17 illam om. P 20 reuocans b prophetiē BV. 21 qui A clamant Pb'B sicut] sic ait a agab W actis BVCW actibus rell. 23 inquit BC

79. VII.

80. 5

81. 2 GaL 1,1. 6 Act. 13,2. 8 1. c. 4. 10 Act. 20,28. 16 I Ioh. 2, 1. 19 Ioh. 14, 16.
82. 1 Dicit se Paulua] et paulus quidem dicit se A 2 ex christo P fuisset W 3 inquit BVCs1 4 Iesum om. a et] ad A: om. a deum] dominum BaL -5 actis BVCWMs1 actibna reU. autem om. P apostolorum legitur quod A a MaL 6 enim om. a 7 segrega a barnabam a paulum A 8 quo// B quod Aa inquit BC 9 seleutiam WMβA 10 libro] loco Pb 11 sanctus om. P in §§. 93—98 a mitilus est 12 paracljtus BCP paraclitus VWMsab2 paracliticus b1 18 contentibile b aliquit Ba paraclytuB BVCsPb paraclitus WMa 14 positus BVCIWMsA 15 dicit BV (idem ezuet pro exuit III, 46) docet WβA 16 inquit BC fne] at non A sed si BVCWs: sed et ai rell. 17 paraclctum Bl et sic ter deinceps: paraclctum uel paraclctum rell. adpud b 21 a patre] pater a paracltyi BVCWb paracliti MsaP
83. 2 II Cor. 1, 3-4. 8 I Cor. 6, 11.
84. 1 eat] habet a beneficentiae BVC2WMsPb 2 chorinthioa BVCM corintios P 3 et om. a 4 omnis] totius MsL consolatur nos b 8 inquit BC 9 et sanctificati om. W 10 lesu Christi om. P spiritu] in spiritu 87A adhuc] ad hoc M 11 iuxta] secundum A 13 sed qui A 17 est om. VCMA1 et si] si WaÅ uiucat W 18 praesentiam s§ 22 praefecit a.A 24 is] his BVXWPA plaspheaaerit M 26 quur] sic BVC cum] eum BVlW cum eum a0 27 magnituding B Vs1A1 magnitudo o
85. 5*
86. 15 Ps. 98, 5. 19 I Pet. 1, 12.
87. 1 alienus est β filio BV1 ab om. W operam nirtate M 2 diuinitatis bis scriptum in BV 8 prohibere BV1 perhibeor W prohibeo Ms prohibeo re//am A 4 si ille om. A 7 impiisaimum (- us b) β ei non cum p. e. f. A referam Pb1 BA 8 colendus et filio M nec] non P 9 ai om. A etiam ei o deuite BV deateo Cab2 deuite M 13 adorabo ante et filium om. β et cmte filium om. <p 15 daut B ortatur WP 16 inquit BC Si religionis... pedum eius om. Pb1B 17 religiosum om. M eius spiritus] e. populus BVs1: spiritus om. Pb1B 18 quam β 19 spiritui φ 21 prospicere A quanto ... deapicere om. PB: quanto ... debemus b in marg. m. 2 22 non debemus] non denegemus eum Pbb, sed in b punctis deleta
88. 1 Act. 7, 51. 6 I Cor. 14, 24—25. 21 lob. 14, 13.
89. 2 restitis VC1s1 4 hnc BV (cf. adde huc): huic C adhuc W MsPb; om. a fotius W 6 per] pro V2 quo BV1 Ii] Nisi BVs1 inquit BC 7 aliqua om. y 8 examinatur ab omnibus om. Pb1R 10 sunt] fiunt pA in facie Å in faciem suam Ms, aorauit BV1. adorat Ms deum] dominum A 11 quia] quod β. uerua W .. 12 sanctus. spiritus β prophetat BVWPRAs1 ia faciem cadunt infideles ep 16 sanctus om. A 18 credimns nos] credimus At credimus inuocare spm sc̄m et cum pateam rogamus Pb1(R?), mediis omissis; in b m, 2 inuocare delectum, uerba nos et filium et et adowe & l., reliqua uero in marg inf. addita sunt et post noe om. W spiritus 3. sanctum om. M 19 filium cum 9 20 patre rogamus BA 21 quidquid BVC quicquid rell. 23 ille utique adoratur om. Å
90. 1 nullus ignorat... III, 8 patrimonia ecclesiis desunt ita a, uno folio deperditto ignoret A 4 gloria W acquirit M&L fedeliter M 5 confessionem MIPB 6 contentio et superbia] saperbia et cdntemptio a 7 honorificat W 8 integre trinitatem] integritatem M at A 10 omnes W apellantur W elias BP helyaa M helias reU. 11 apellatns Wa 12 nnnncpantnr et apellantur Ms sic etiam... appellamur om. Pb1R ab] a ML 13 non om. W 15 nec] ne A sibi] sic Ms2 de salute bis P 17 pietatee V1 18 aut creaturam om. A 19 in trinitatem M sascepimur Pb* sed om. Ms 20 scandolo BV1 (Schuch. I, 171) moeamur A1 21 spiritum BVCWMs spiritam sanctam reU. 23 consentia V ctf siljentia sic C partim ex eorr. conscientie tenemus Å 24 sabahot BL dicente W unam om. M'

91. a. 484

92. 3 II Cor. 18, 13.

93. 2 apostolos BVCWwβ apoBtoluM ab apostolo LA ghorintii B chorinti P corinthi SA 5 traditionibus atque auctoritate firmata et A 6 hoc om. Pb1R 7 gratia BV1 dei om. C 8 speramaa amen A 9 Martiarum Papencordt, Gesch. d. vand. Herrsch. p. 115 tWt. 3: at cf. praef. p. VI lattarenensē W zatarensē M zattereosem β 10 epiBoopis mss, item infra numediae BVP1sa bonifatio (-cio) mss bis 11 foratianense SVC foratianense WMsB foracianense P Gatianenaem scripsi; cf. Ruin. ad Notit. prow. Byz. 22: gacianense B gatianensē VC gatianense Wa gazanenBe bIB gazane- Dense b'P gratianense M nizacensis M uizacensis reD. explicit libellns directns sub die xvñ kalendaram maiarum per iannarianum zattarensem uillaticum de casis medianis et bonifatium foratianensem et bonifatium gratianensem pronintiae bizacenaē A. Eiplicit liber II (secndus Pb). Incipit liber (om. P) tertius (tercius VC, HI WMs) BVCWMsPb.

Livro 3

E já tendo um decreto redigido e secretamente enviando seus homens por diversas províncias com o mesmo decreto, fechou as igrejas de toda a África num só dia, com os bispos estando em Cartago, e doou como presente toda a substância dos bispos e das igrejas aos seus próprios bispos. Ignorando também o que dizia e sobre o que afirmava, não se envergonharam de propor contra nós aquela lei, que há tempos nossos imperadores cristãos haviam dado contra eles e contra outros hereges, em honra da igreja católica, acrescentando muitas coisas de sua própria autoria, conforme aprovou ao poder tirânico. Pois esta é a série da lei dada e proposta.

(IV, 2) Genserico, rei dos Vândalos e dos Alanos, a todos os povos sujeitos ao nosso reino. É considerado próprio da virtude triunfal e da majestade real retorcer os maus conselhos contra seus autores: pois quem quer que encontre algo de perverso, a si mesmo imputa o que incorre. Neste assunto, a nossa clemência seguiu o aceno do divino juízo, pois a quaisquer pessoas, conforme os seus atos mereceram, seja o bem, seja talvez o contrário destes, ao fazer que se examine, ao mesmo tempo também ocorre que se compense. Assim, por estes provocadores, que acreditam que a prescrição de nosso pai de ilustre recordação ou a nossa mansidão devem ser desprezadas, a censura da severidade se...

Recebemos. Pois, por meio de decretos, fizemos saber a todos os povos que em nenhuma sorte dos Vândalos os sacerdotes omousianos deveriam ser admitidos em assembleias, nem deveriam reivindicar para si qualquer dos mistérios, os quais mais contaminam. O que, quando vimos que foi negligenciado e muitos foram encontrados dizendo que mantinham a regra íntegra da fé, posteriormente consta que todos foram advertidos, sendo concedido um espaço de tempo de nove meses para a contenda, se algo pudesse ser ajustado de sua proposta, para que se

reunisses sem qualquer temor até as Calendas de Fevereiro do oitavo ano de nosso reinado.

Ora, enquanto estes afluíam à cidade de Cartago, após o prazo de tempo estabelecido, soubemos que concedemos também outra dilação de alguns dias. E enquanto se declaravam preparados para o conflito, no primeiro dia parece ter-lhes sido proposto pelos veneráveis bispos nossos, que aprovassem propriamente, a partir das divinas Escrituras, o homoousion, como haviam sido advertidos, ou certamente que predanassem o que foi cortado por mil e tantos pontífices de todo o mundo no concílio de Rimini ou em Selêucia.

O que de modo algum quiseram fazer, todos os povos, incitados por si mesmos à sedição, chamando de volta. Mas ainda mais, no segundo dia, quando lhes ordenávamos que acerca da mesma fé, assim como havia sido proposto, respondessem, isto parecem ter assumido com temeridade transcorrida, para que, perturbando tudo com sedição e clamores, fizessem com que de modo algum se chegasse ao conflito.

Diante dessas provocações, decidimos que suas igrejas fossem fechadas, com esta condição estabelecida: que permaneceriam assim enquanto se recusassem a chegar ao conflito proposto; o que, com tal obstinação, não quiseram fazer, a qual parecem ter adotado por conselhos perversos. É tão necessário e justíssimo refutar neles o que a própria letra das leis demonstra, as quais, tendo arrastado consigo imperadores para o erro, aconteceram ser promulgadas em tempos diversos.

Pois sua concepção parece conter isto: que nenhuma igreja, excetuando os sacerdotes de sua superstição, estivesse aberta; em nenhum lugar fosse permitido aos outros realizar ou exercer reuniões, nem obter ou construir igrejas, seja nas cidades ou em lugares muito pequenos, mas que, presumindo-se, fossem anexadas às forças do fisco; mas também que seus patrimônios, associados às igrejas de sua fé, revertessem a seus sacerdotes; nem lhes fosse permitido permanecer em

quaisquer lugares que tais licenças estivessem abertas, mas fossem tornados exilados de todas as cidades e lugares; nem tivessem absolutamente qualquer faculdade de batismo ou talvez discutissem sobre religião, e não tivessem nenhuma licença para ordenar, seja bispos, seja presbíteros ou outros, que porventura pertencessem ao clero, proposta a severidade da punição, de modo que tanto aqueles que se permitissem aceitar honras deste tipo, quanto também os próprios ordenadores, fossem multados individualmente em dez libras de ouro, com isto acrescentado, que não houvesse para eles nenhum lugar ou acesso para suplicar, mas mesmo que tivessem merecido alguns favores especiais, de modo algum prevaleceriam; e se persistissem nesta perdição, e fossem tirados de seus bens, seriam enviados ao exílio sob adequada custódia.

Contra os povos também os referidos imperadores agiram com similar ferocidade, de modo que nada lhes restasse que pudesse ser doado, testado ou recebido como herança deixada por outros; nem sob o nome de fideicomisso, nem de legado, nem por doações ou por disposição que por causa de morte se chama, ou por qualquer codicilo ou talvez outras escrituras, a tal ponto que mesmo aqueles que militavam em seus palácios, por mérito de sua dignidade, eram submetidos a uma condenação gravíssima, para que, despojados de todo privilégio de honra, incorressem na infâmia e reconhecessem estar sujeitos a um crime público deste gênero. Aos oficiais dos diversos juizes foi ainda imposta uma pena de trinta libras de prata; a qual, se por cinco vezes persistissem no erro e acontecesse de aplicá-la, então, finalmente, tais condenados e subjugados seriam enviados ao exílio após açoites.

Em seguida, ordenaram que todos os códices dos sacerdotes, a quem perseguiam, fossem entregues às chamas; o que, acerca de livros deste tipo, pelos quais a iniquidade lhes persuadiu o erro daquele nome, ordenamos que seja feito. Isto, pois, como foi dito, haviam ordenado que fosse observado para cada uma das pessoas individualmente: que os

ilustres dessem, cada um, cinquenta libras de ouro; os espectáveis, quarenta libras de ouro; os senadores, trinta libras de ouro; os principais, vinte libras de ouro; os sacerdotais, trinta libras de ouro; os decuriões, cinco libras de ouro; os negociantes, cinco libras de ouro; os plebeus, cinco libras de ouro; os circumceliões, dez libras de prata; e se alguns, porventura, persistissem nesta perdição, seriam punidos com o exílio, tendo todos os seus bens confiscados.

As ordens das cidades, mas também os procuradores e os arrendatários das propriedades, pareciam afligir com tal castigo, que se porventura tais pessoas preferissem esconder e de modo algum as tornassem públicas e não as fizessem apresentar, retidas, ao julgamento, eles mesmos seriam submetidos à pena; também aos arrendatários das propriedades reais foi proposta esta multa, que quanto entregassem à casa real, tanto também fossem obrigados a pagar ao fisco em nome da pena, de modo que geralmente em todos os arrendatários ou possuidores, que na mesma superstição tivessem acreditado que deveria perdurar, estabelecemos que fosse observado; também aos juizes, que não se aplicavam com o máximo empenho a este assunto, fosse imposta a pena de proscricção e o suplício do sangue; mas também dentre os primazes dos officios, três em número fossem punidos, sendo os outros multados com a condenação de vinte libras de ouro.

Por que é necessário que estes sejam obrigados pelas constituições aos omousianos: todos aqueles que se consta terem abraçado e abraçarem a matéria de tão má persuasão; a estes decretamos que se abstenham de todas as coisas supracitadas, na perseguição que virá através das ordens de todas as cidades: mas também os juizes, que se demonstrou terem imposto negligentemente terríveis suplícios a diversos sobre estes assuntos. A todos os envolvidos nos erros da supracitada fé omousiana, que foi condenada por todo o concílio de tão grande número de sacerdotes, ordenamos que se abstenham de todos os bens e contratos preditos, porque nada lhes seja permitido conhecer

como seu, mas que a todos alcance e constanja uma pena similar, se não se converterem à verdadeira religião, que veneramos e cultuamos, até o dia das Calendas de Junho do oitavo ano de nosso reinado. E o dia designado, nossa piedade o estabeleceu de tal modo, que aos que condenam o erro não seja negada a indulgência, e que suplicios dignos reprimam as almas obstinadas.

Aqueles, porém, que permanecerem no mesmo erro, seja ocupados no serviço de nossa casa, seja talvez designados a diversos cargos e necessidades, sejam obrigados a receber, conforme seus graus, as multas impostas acima, nada valendo aquilo que talvez por sub-repção algum deles tenha conseguido merecer. Esta nossa promulgação ordena que seja observado também em relação a pessoas privadas ou de qualquer grau e lugar, o que acerca de tais pessoas parecia expresso nas leis supracitadas, para que fossem submetidos a penas adequadas. Quanto aos juizes das províncias, que negligenciam executar o que foi estabelecido, determinamos que sejam obrigados pela pena superior, a qual está prescrita para tais.

Contudo, aos verdadeiros cultores da divina majestade, isto é, aos nossos sacerdotes, decretamos por este édito que todas as igrejas, ou de todo o clero do supramencionado nome, estabelecidas em quaisquer terras e regiões, as quais, pela propícia divindade, são possuídas sob o governo do nosso império, juntamente com os bens que a elas pertencem, devem progredir, não duvidando que mais proveito trará ao sustento dos necessitados aquilo que é justamente conferido aos sacrossantos pontífices. Esta lei, portanto, emanando da fonte da justiça, ordenamos que seja tornada conhecida por todos, para que ninguém possa alegar ignorar o que foi ordenado. Desejamos que estejais bem. Ano de 484. Dada no sexto dia antes das calendas de março, em Cartago.

(IV, 3) Após estes editos fatais, ordena, com veneno envenenado, que todos os bispos que estavam reunidos em Cartago — cujas igrejas, casas e bens já haviam tomado — fossem despojados nas hospedarias onde

estavam e, uma vez despojados, expulsos para fora dos muros. Não se lhes permite absolutamente levar nenhum animal, nenhum servo, nem mesmo as roupas que vestiam para trocar; acrescentando ainda que ninguém os recebesse em sua hospedaria ou lhes fornecesse sustento; e quem tentasse fazer isso por causa de misericórdia, seria queimado junto com toda a sua casa.

Sabiamente então também os bispos expulsos fizeram, para que ainda que mendigando dali não partissem; porque se se retirassem, não somente violentamente seriam totalmente reconduzidos, e mentiriam sobre eles, como mentiram, terem fugido do conflito; sobretudo porque, para onde retornassem, já de modo algum existia, com as igrejas, os bens ou as casas ocupadas. Enquanto, pois, gemendo ao redor dos muros sob o céu aberto jaziam, aconteceu que o rei ímpio saiu para os tanques de peixes. Ao qual todos preferiram ir ao encontro dizendo: 'Por que somos assim afligidos? Por quais males talvez cometidos sofremos estas coisas? Se para a disputa fomos congregados, por que somos despojados? Por que somos conduzidos, por que somos adiados, e sem nossas igrejas e casas fora da cidade, fome e nudez padecendo, no meio dos esterquilínios rolamos?' Aos quais ele, com olhos torvos fitando, antes que a sugestão deles ouvisse, ordenou que sobre eles com cavaleiros os cavalos fossem soltos, para que com tal violência pudessem não somente ser esmagados, mas também mortos. Dos quais então muitos foram esmagados e principalmente os velhos e enfermos.

(IV, 4) Então, em seguida, ordenam-se que aqueles homens de Deus se dirijam a um certo lugar, que se chama Edícula da Memória, sem saberem que uma armadilha lhes estava preparada. Quando lá chegaram, mostra-se-lhes um documento enrolado e diz-se-lhes com esta sutileza de serpente: 'Nosso senhor rei Hunirico, ainda que lhe doa que fostes desprezadores e até agora vos demoreis em obedecer à sua vontade, para que vos torneis da sua religião, da qual ele mesmo é, contudo agora pensou bem a vosso respeito: se jurareis assim, que fareis

o que este documento contém, ele vos deixa voltar às vossas igrejas e às vossas casas.' A isso todos os bispos responderam: 'Sempre dizemos e dissemos e diremos: Cristãos somos, bispos somos, a fé apostólica, una e verdadeira, mantemos.'

E, feito um breve silêncio após a confissão da fé, aqueles que haviam sido designados pelo rei apressavam-se em arrancar dos bispos o juramento. Então, os bem-aventurados varões Hortulano e Florentiano, bispos, por todos e com todos disseram: 'Acaso somos animais irracionais, para que, ignorando o que a carta contém, juramos facilmente ou temerariamente?' Aceleraram também aqueles designados pelo rei em lhes revelar o teor da escritura, que havia sido colorido com palavras desta natureza.

Pois assim dizia a série caluniosa: 'Jurai se, após a morte de nosso senhor rei, desejais que seu filho Hilderico seja rei, ou se algum de vós enviará cartas às regiões ultramarinas; porque, se prestardes o juramento desta coisa, vos restituirá às vossas igrejas'. Considerou então a piedosa simplicidade de muitos em prestar o juramento, mesmo contra a proibição divina, para que o povo de Deus não dissesse no futuro que, por culpa dos sacerdotes, que não quiseram jurar, não foram as igrejas restituídas. Outros também, bispos mais astutos, percebendo o dolo do engano, de modo algum quiseram jurar, dizendo ter sido proibido pela autoridade evangélica, pelo próprio Senhor que diz: Não jurarás de modo algum. A estes os ministros do rei disseram: 'Apartem-se de um lado', dizem, 'os que estão dispostos a jurar.' E quando se apartaram, com os notários escrevendo quem dizia o quê ou de qual cidade era, semelhantemente se fez como com aqueles que de modo algum juraram; e imediatamente cada parte é entregue à custódia.

(IV, 5) Então, porém, a fraude que se ocultava apareceu. Aos que juraram foi dito: 'Por que, contra o preceito do evangelho, quisestes jurar, ordenou o rei que vossas cidades e igrejas nunca mais vejais, mas, relegados pelo direito de colonato, recebais terras para cultivar, com a

condição, porém, de que não salmodieis, nem oreis, nem para a leitura tenhais em mãos um códice, não batizeis, nem ordeneis, nem vos atreveis a reconciliar alguém'. De modo semelhante, aos que não juraram disse: 'Visto que não desejais o reino do filho de nosso senhor, por isso não quisestes jurar; por qual causa fostes condenados a ser relegados para a ilha da Córsega, para que corteis madeira proveitosa para as naus dominicais.'

(V, 1) Aquele monstro, portanto, sedentoso de sangue inocente, acrescentou ainda o seguinte: aos bispos que ainda não haviam sido enviados ao exílio, destinou, ao mesmo tempo, por todas as províncias da terra africana, carrascos cruéis, de modo que não restasse casa ou lugar onde não houvesse lamento e pranto, para que nenhuma idade, nenhum sexo fosse poupado, exceto aqueles que se submetessem à vontade deles. A uns, esmagavam com varas; a outros, enforcavam; a outros, queimavam em fogo. As mulheres, e principalmente as nobres, contra as leis da natureza, torturavam-nas completamente nuas em plena face pública.

Da qual mencionarei brevemente uma, nossa Dionísia. Quando viram que ela não era apenas ousada, mas também mais bela que as outras matronas, primeiro tentaram despir-lhe as roupas para a açoitar. Ela, porém, suplicou e disse com confiança em seu Senhor: 'A torturai como quiserdes, mas não exponhais os membros pudicos'. Eles, enfurecendo-se ainda mais, fizeram-na subir a um lugar mais alto, despiram-na de suas vestes e a colocaram de pé, fazendo dela um espetáculo para todos. Entre os golpes das varas, enquanto já corriam rios de sangue por todo o seu corpo, ela dizia em voz livre: 'Ó ministros do diabo, o que intentais para meu opróbrio é a minha própria glória'. E porque estava cheia do conhecimento das divinas Escrituras, apertada pelos tormentos e já sendo ela mesma uma mártir, confortava outras para o martírio; a qual, por seu santo exemplo, libertou quase toda a sua pátria.

A qual, ao ver seu único filho, ainda de idade bastante tenra e delicado, temeroso pelo medo dos tormentos, ao repreendê-lo com acenos dos olhos e admoestá-lo com autoridade materna, assim o fortaleceu, que o tornou muito mais corajoso do que a mãe. A ele, posto entre cruéis açoites, assim dizia: 'Lembra-te, meu filho, que em nome da Trindade fomos batizados na mãe católica. Não percamos a veste de nossa salvação, para que, vindo o convidador, não encontre a veste nupcial e diga aos servos: Lançai-o nas trevas exteriores; ali haverá pranto e ranger de dentes. Aquela pena deve ser temida que nunca tem fim, aquela vida deve ser desejada que sempre se possui.' Tais palavras, portanto, fortalecendo o filho, rapidamente o fizeram mártir.

O venerável jovem, Maioricus por nome, entregando o espírito na luta da confissão, completou o curso vitorioso: e abraçando aquela sua vítima, dando graças ao Senhor com quantas vozes pôde, preferiu ser sepultado em sua própria casa para o gozo da esperança futura, para que sempre que derramar orações à Trindade sobre o seu sepulcro, confie nunca estar separada do filho. Quanto, portanto, por meio dela naquela cidade, como dissemos, foram adquiridos para Deus, é longo narrar. Pois tanto sua irmã de nome Dativa, e Leontia filha do santo bispo Germano, e o parente de Dativa, o venerável médico Emílio, e também o religioso Tertius, ilustre pela confissão da Trindade, ou Bonifácio de Sibidensis, quanto sofreram e com quais tormentos foram esventradas ou esventrados, quem puder que o diga por ordem.

(V, 2) Quem poderá descrever as penas que também os servos da cidade de Tuburbitana Maior, homens generosos e nobres, suportaram por Cristo? Os quais, após golpes inumeráveis de bastões, sendo elevados por frequentes roldanas, enquanto pendiam por toda a cidade, ora erguendo-o ao alto, com golpe rápido o deixavam cair novamente sobre as pedras das ruas com cordas de cânhamo, e vindo com o peso do corpo como uma pedra sobre pedras, desabava; mas também, muitas vezes arrastado e esfregado sobre pedras agudíssimas, de modo que,

com as peles separadas, podias ver as peles do corpo penduradas nos flancos e nas costas e no ventre. Este mesmo já nos tempos de Geiserico sofrera coisas não muito diferentes, para não revelar os segredos de um certo amigo seu; quanto mais agora, para guardar os sacramentos de sua fé! E se ao homem mostrou fidelidade gratuitamente, quanto não deve Àquele, que há de retribuir pela fé a recompensa!

(V, 3) Na cidade de Culusitana, porém, não ousou anunciar o que se passou, porque é impossível ao homem calcular até mesmo o número dos mártires ou também dos confessores. Onde certa matrona, autora de seu próprio nome, Vitória, enquanto à vista do povo era queimada em contínuo suplício de suspensão, pelo marido já perdido, na presença dos filhos, era assim rogada: 'O que sofres, ó esposa? Se a mim desprezas, ao menos destes que geraste tem misericórdia, ímpia; por que te esqueces dos pequeninos de teu ventre e por nada tens aqueles a quem com gemido deste à luz? Onde estão os pactos do amor conjugal? Onde os laços da sociedade que outrora entre nós, por direito da honestidade, fizeram as tábuas escritas? Olha, peço-te, para os filhos e para o marido e apressa-te a cumprir o preceito da ordem régia, para que tanto os tormentos ainda iminentes evites, como também a mim sejas concedida e a nossos filhos'. Mas ela, não ouvindo nem o pranto dos filhos nem as lisonjas da serpente, elevando o afeto muito mais alto da terra, desprezava o mundo com seus desejos. A qual, quando já pela continuação da suspensão, com os ombros arrancados, até mesmo aqueles que a atormentavam a viam morta, depositaram-na de todo inanimada em cada parte. A qual depois referiu que certa virgem lhe aparecera e tocara os membros um a um, e imediatamente fora curada.

(V, 4) Como, porém, o cidadão da cidade de Adrumeto, Victoriano, então procônsul de Cartago, tenha pregado, não sei, faltando-me palavras. Em todas as partes da África ninguém foi mais rico do que ele, que também junto ao ímpio rei era considerado fidelíssimo pelas coisas sempre a ele confiadas. Ordena-lhe o rei familiarmente e diz-se que o

teria acima de todos, se ao preceito tivesse facilmente ajustado o assentimento. Mas aquele homem de Deus, desprezadas as coisas que a ele foram enviadas, deu com grande confiança tal resposta: 'Seguro em Deus e em Cristo, meu Senhor, digo o que direis ao rei: que levante fogueiras, que solte feras, que torture com gêneros de todos os tormentos: se eu consentir, em vão fui batizado na Igreja Católica. Pois se esta vida presente fosse a única e não esperássemos outra, que verdadeiramente é eterna, nem assim eu teria feito, para gloriar-me por pouco tempo e temporariamente e mostrar-me ingrato para com aquele que me concedeu sua fé, o Credor'. Por isso o tirano, enfurecido, por quantos tempos e com quantos suplícios o tenha afligido, a linguagem humana não poderá explicar. Ele, jubiloso no Senhor, permanecendo feliz e consumando, recebeu a coroa do martírio.

(V, 5) Quem seria capaz de narrar os combates dos mártires, realizados também na cidade de Tambaia? Onde dois irmãos, da cidade de Aquisrégia, confiantes no Senhor, juraram mutuamente que pediriam aos carrascos para serem torturados com um só castigo e igual suplício. E enquanto, pendurados pela primeira vez no patíbulo, com pesadas pedras amarradas aos pés, pendiam o dia inteiro, um deles pediu para ser baixado e que lhe fosse concedida uma trégua. A ele, o outro irmão, temendo que negasse a fé, gritava do suplício: 'Não, não, irmão; não foi assim que juramos a Cristo: acusar-te-ei, quando chegarmos diante do seu trono terrível, pois juramos sobre o seu corpo e sangue, para que por Ele soframos mutuamente'. Dizendo isto e muitas outras coisas, fortaleceu o irmão para o combate da paixão, que, clamando em alta voz, dizia: 'Aplicai os suplícios que quiserdes e submetei os cristãos a cruéis penas; o que meu irmão vai fazer, isso também farei eu'. Por quantas lâminas incandescentes já foram queimados, por quais garras foram dilacerados, por quais tormentos foram torturados, o próprio fato o demonstra, pois os próprios carrascos os lançaram de sua presença, dizendo: 'Todo o povo os imita, de modo que ninguém absolutamente se

converta à nossa religião'; e sobretudo porque neles absolutamente nenhum sinal de ferida, nenhum vestígio dos tormentos era visto.

(V, 6) Quanto ao que aconteceu na cidade de Tipasa, na Mauritânia Maior, apresso-me a relatar para louvor de Deus. Quando os habitantes viram que um bispo ariano, ordenado pelo notário Cyrila para a perdição das almas, fora designado para sua cidade, toda a população da cidade fugiu de uma só vez por via marítima para a Hispânia, deixando para trás apenas uns poucos que não haviam encontrado oportunidade de navegar. O bispo dos arianos começou a compelir estes, primeiro com lisonjas, depois com ameaças, para fazê-los arianos. Mas eles, fortes no Senhor, não apenas zombaram da insanidade daquele que os persuadia, como também começaram a celebrar publicamente os divinos mistérios, reunidos em uma casa; o que, sabendo ele, enviou secretamente a Cartago uma denúncia contra eles.

Quando isso chegou ao conhecimento do rei, ele enviou com ira um certo conde e ordenou que, no meio do fórum, reunida ali toda a província, lhes cortassem as línguas e as mãos direitas pela raiz. O que, quando foi feito, com a assistência do Espírito Santo, eles falaram e falam assim como falavam antes. Mas se alguém quiser ser incrédulo, vá agora a Constantinopla, e ali encontrará um deles, o subdiácono Reparato, proferindo discursos polidos sem qualquer ofensa; por qual causa ele é tido em veneração excessiva no palácio do imperador Zenão, e principalmente a rainha o venera com admirável reverência.

(V, 7) Mas quem, com discurso adequado, poderia narrar ou enumerar as diversas formas de suplício que, por ordem de seu próprio rei, até mesmo os próprios vândalos infligiram aos seus próprios homens? Também naquilo que se passou em Cartago, se um escritor se esforçasse para relatar cada caso individualmente, mesmo sem ornamento de linguagem, nem mesmo os nomes dos tormentos ele conseguiria pronunciar. O que é algo que, ainda hoje, colocado à vista, demonstra. Uns sem mãos, outros sem olhos, outros sem pés, outros

mutilados, com narizes e orelhas cortados, e outros verias, com o pescoço esticado pela força, com as clavículas arrancadas, terem tido aquilo que costumava sobressair afundado no meio das omoplatas, enquanto continuamente, suspensos no alto, torturando-os na força, com impulso das mãos agitando as cordas, através do vazio do ar, para cá e para lá, faziam-no vaguear pendente. Os quais, não raro, com as cordas rompidas, daquela altura da suspensão, caindo com um golpe violento, muitos perderam a abóbada do crânio junto com os olhos, outros, com os ossos quebrados, entregaram imediatamente o espírito, outros, pouco depois, expiraram.

Mas quem considera isto fabuloso, que interroge o legado Urânio de Zenão, em cuja presença principalmente foram realizadas essas ações, por aquela razão, certamente, porque, chegando a Cartago, ele se vangloriava de ter vindo para a defesa das igrejas católicas. E para mostrar a ele que o tirano não temia ninguém, naquelas praças ou vielas estabeleceu mais torturadores e mais cruéis, pelas quais os legados costumam passar ao subir para o palácio e ao descer: para opróbrio, evidentemente, da própria república e para a escória de nosso tempo já decadente.

(V, 8) Então, portanto, também certa esposa de um copeiro do rei, de nome Dagila, que nos tempos de Genserico já muitas vezes se tinha tornado confessora, matrona nobre e delicada, totalmente debilitada por flagelos e por bastões, é relegada a um exílio árido e inacessível, onde nenhum homem teria acesso para vir, talvez, por motivo de consolação, deixando com alegria a casa, o marido e igualmente os filhos. A ela, depois, diz-se ter sido oferecido que, transferida para um ermo menos severo, gozasse, se quisesse, do consolo de companheiros. Ela, porém, acreditando que um imenso gozo estivesse presente para si onde nenhum afeto humano de consolador existia, suplicou para que não acontecesse.

(V, 9) Então também Eugênio, o pastor, já estabelecido no exílio, e todo o clero da igreja de Cartago, atormentados por matança e fome, cerca de quatrocentos e cinquenta ou mais, entre os quais muitos eram leitores ainda crianças, regozijando-se no Senhor, foram entregues a um cruel exílio distante. Mas não devo calar a liberdade então, enquanto eram golpeados no meio da cidade, do diácono Muritta, mais livre que os outros. Havia um certo Elpidóforo, de nome, extremamente cruel e feroz, a quem fora delegado dilacerar os membros dos confessores de Cristo com suplícios que avançavam. Este, pois, outrora fora batizado entre nós na igreja de Fausto, a quem o venerável Muritta, diácono, recebera gerado da bacia da fonte. Depois, porém, enquanto apostatava, mostrou-se de tal ferocidade contra a igreja de Deus, que fora achado superior a todos os executores da perseguição. Que mais?

Enquanto primeiro os presbíteros eram citados por ordem para serem atormentados com suplícios, depois do arqui-diácono Salutar, é apertado com penas o mencionado Muritta; pois era o segundo no ofício dos ministros. O qual, enquanto Elpidóforo estava sentado e fremente, o honorável ancião começou a ser estendido, antes de ser despido, secretamente, sem que todos soubessem, trazia aquelas faixas com as quais, outrora, recebendo-o da fonte, o envolvera. As quais, sendo agitadas e ao mesmo tempo estendidas à vista de todos, diz-se que com estas palavras comoveu toda a cidade ao pranto e às lágrimas:

Estes são os panos, Elpidioforo, ministro do erro, que te acusarão, quando a majestade do Juiz vier; serão guardados com diligência por mim para testemunho da tua perdição, para te mergulhar no abismo do poço de enxofre ardente: estes te cingiram, imaculado, emergindo da fonte, estes te perseguirão mais severamente, quando começares a possuir o inferno flamejante, porque te vestiste da maldição como de uma veste, rasgando e perdendo o sacramento do verdadeiro batismo e da fé. Que farás, miserável, quando os servos do pai de família começarem a congregar os convidados para a ceia real? Então, o rei,

terrivelmente indignado, te verá, outrora chamado, despojado da veste nupcial, e dir-te-á: Amigo, como entraste aqui, não tendo veste nupcial? Não vejo o que concedi, não reconheço o que dei. Perdeste o manto da milícia, que teci por dez meses no tear dos membros virginais e, estendendo-o nas pequenas traves da cruz, lavei com água e enfeitei com a púrpura do meu sangue. Não contemplo o ornamento do meu selo, não vejo o caráter da Trindade: tal não poderá participar dos meus banquetes.

Amarrai-o pelos pés e pelas mãos com as suas próprias cordas, porque ele mesmo voluntariamente quis separar-se há muito dos seus irmãos católicos. Ele estendeu cordas contínuas para o laço, com as quais a si mesmo atou, e a outros impediu de virem a este convívio. Junto à vereda pôs tropeço a muitos, a quem agora, com rubor perpétuo e desonra sempiterna, lancei fora do meu banquete. Enquanto Muritta dizia estas e outras coisas, Elpidóforo, emudecendo pelo fogo da consciência diante do fogo eterno, era atormentado.

(V, 10) Preparando, portanto, todos alegremente suas costas para os açoites, seguem para o exílio. A eles, que ainda estavam no caminho, detidos por uma viagem mais longa, foram designados, por sugestão dos bispos arianos, homens impiedosos e violentos, para que lhes fosse cruelmente arrebatado aquilo que, porventura, a piedade cristã lhes havia fornecido para o sustento. Quando cada um deles de bom grado talvez cantava: 'nu saí do ventre de minha mãe, e nu tornarei para lá; nu me convém ir para o exílio, pois o Senhor sabe dar o sustento aos que têm fome e vestir no deserto'. Pois também dois vândalos, sob Geiserico frequentemente confessores, acompanhados pela mãe, desprezando todas as suas riquezas, foram para o exílio com os mesmos clérigos.

Quanto à multidão dos confessores que partiam, isto é, dos clérigos da igreja de Cartago, por sugestão de um certo leitor Teuchário, perdido, que ele conhecia como vozes vigorosas e aptas para as melodias do canto, diz-se que, por sua designação, deveriam ser separados doze

meninos, os quais ele, enquanto era católico, tinha então como discípulos. Imediatamente, por sugestão dele, com pressa, são enviados mensageiros a cavalo, e pela violência do furor bárbaro, o número de doze meninos é chamado de volta do caminho. São segregados no corpo, não no espírito, do rebanho dos santos; os quais, temendo o precipício, com suspiros de lágrimas, para não serem arrancados, agarravam com as mãos os joelhos dos companheiros: mas a violência herética, separando-os com ameaças e espadas reluzentes, os fez retornar a Cartago.

Mas enquanto com eles, como se com tal idade, não se agisse com lisonjas, mostraram-se superiores aos seus anos, e para não adormecerem na morte, acenderam para si a lâmpada da luz evangélica. Indignam-se por isso gravemente os arianos e envergonham-se de serem vencidos por crianças; por isso, inflamados, ordenam que sejam continuamente açoitados com varas, aqueles que já poucos dias antes haviam dilacerado com vários golpes. Imprimem-se feridas sobre feridas e novamente o castigo, restaurado, torna-se mais cruel. Aconteceu, com o Senhor fortalecendo, que nem a menor idade fraquejava na dor e mais ainda o ânimo crescia fortalecido na fé. Aos quais agora Cartago venera com afeto admirável e contempla como um coro de doze apóstolos de crianças. Vivem juntos, comem juntos, cantam salmos juntos, juntos se gloriam no Senhor.

Naqueles dias, dois negociantes, Frumêncio e outro Frumêncio da mesma cidade, foram coroados com excelente martírio. Então também sete irmãos, não por natureza, mas pela graça, que habitavam juntos no mosteiro, tendo completado o combate da confissão, alcançaram a coroa imarcescível [isto é, o abade Liberato, o diácono Bonifácio, o subdiácono Rústico, o monge Rogato, o sétimo monge e o monge Máximo].

(V, 11) Pois naquele tempo, os cruéis bispos, presbíteros e clérigos arianos enfureciam-se com o rei e os vândalos. Pois, para perseguir, eles mesmos com seus clérigos corriam por toda parte cingidos de espadas; assim como certo bispo entre eles, mais cruel que os outros, de nome

Antônio, que praticou coisas tão nefandas e incríveis contra os nossos, que não podem ser narradas. Este estava numa certa cidade próxima ao deserto, que é vizinha à província Tripolitana: o qual, como uma fera insaciável, sedentos do sangue dos católicos, rugindo, corria para cá e para lá para arrebatar.

Pois o ímpio Hunirico, conhecendo a ferocidade de Antônio naquelas mesmas regiões do deserto, quis relegar o santo Eugênio. Quando Antônio o recebeu para guardá-lo, cercou-o com tal custódia mais rigorosa que não permitia a ninguém entrar até ele, além de pensar em extingui-lo com variados suplícios de ciladas e penas. Mas Eugênio, o santo, enquanto suportava os inconvenientes de nossa perseguição e atormentava seu corpo envelhecido com a aspereza do cilício, e deitando-se nu sobre o solo, regava a esteira de seu saco com chuvas de lágrimas, certa vez sentiu o ataque hostil da doença da paralisia.

Ao receber essa notícia, Arriano, transformado em alegria, segue apressado para o cubículo do exílio do homem de Deus; e, ao ver o verdadeiro pontífice, sob a pressão da paixão, produzir palavras balbuciantes, pensou em extinguir ao mesmo tempo aquele a quem não desejava que sobrevivesse. Ordenou que se buscasse vinagre azedo, demasiado e extremamente acre; o qual, quando foi trazido, introduzia à força nas gargantas do venerável ancião, que recusavam e não o queriam. Pois se o Senhor comum, que viera para isso, para beber, tendo provado, não quis beber, quanto mais aquele servo e fiel confessor de modo algum o desejaria, se a feridade herética não o houvesse forçado! Daquele vinagre, sobretudo, a doença nociva recebeu aumento para aquela paixão; a qual a piedade de Cristo, socorrendo misericordiosamente, depois exibiu são.

(V, 12) A outro, porém, de nossos bispos, Habetdeus, igualmente relegado da cidade de Tamallum, na qual Antônio estivera, quanto pôde ser molestado, o próprio fato demonstra. Pois, embora o afligisse com diversas perseguições e não pudesse fazê-lo ariano, e visse o soldado de

Cristo sempre constante na confissão — pois prometera aos seus, dizendo: 'Se não o fizer de nossa religião, não seja Antônio'; — mas quando, em sua promessa, foi achado menor, sugerindo-lhe o diabo, cogita outra coisa.

Com os pés e mãos atados com enormes cadeias, o bispo é apertado, e com a boca tapada, para que a língua não gritasse, ele derrama água sobre o corpo, pensando rebatizar: como se pudesse amarrar a consciência junto com o corpo, ou não estivesse presente Aquele que ouve os gemidos dos encarcerados e perscruta os segredos do coração, ou a água mentirosa pudesse superar o propósito de tão grande vontade, a quem já o homem de Deus, com lágrimas temerosas, enviara como legado ao céu. Imediatamente despe o homem das cadeias e, como que alegre, o acompanha com tal voz: "Eis, eis agora, irmão Habetdeum, te tornaste nosso cristão; que mais poderás fazer, senão consentir com a vontade do rei?" A ele Habetdeum responde: "Essa é, ímpio Antônio, a condenação da morte, onde se mantém a adesão da vontade. Eu, firme na minha fé, confessando com frequentes palavras, o que creio e tenho crido, defendi gritando. Mas também, depois que me acorrentaste e obstruíste a porta da boca, no pretório do coração, com os anjos escrevendo, concluí os atos da minha violência e os enviei para serem lidos ao meu imperador." (Y, 13) Era, de fato, geral essa violência dos tiranos.

Pois os Vândalos haviam sido designados por toda parte para este fim, a fim de que conduzissem aos seus sacerdotes os que passavam pelos caminhos, para serem degolados. Mas quando os haviam morto com a espada da água enganosa, entregavam-lhes um sinal de sua perdição, atestado pela Escritura, para que não fossem arrastados por violência semelhante em outro lugar, porque não era permitido a ninguém, seja a particulares seja a mercadores, passar em qualquer lugar, a menos que mostrassem, pelo sinal do caractere, sua miserável morte; a qual Cristo já havia mostrado outrora, por revelação, ao seu

servo João, onde diz: "Ninguém poderá comprar nem vender, senão aquele que tiver o sinal da besta na sua testa ou na sua mão."

Pois também os bispos e presbíteros deles, com um bando de homens armados, nos tempos noturnos percorriam as vilas ou povoados, e assim, desprezados os umbrais das portas, trazendo água e espada, entravam como ladrões de almas; e aqueles que achavam em casa, alguns talvez adormecidos em seus leitos, aspergindo-os com chuva ígnea e fulminante, com vociferação demoníaca, a seus próprios cristãos igualmente chamavam, para que mostrassem antes um espetáculo de sua heresia do que alguma religião. No que os menos capazes e indolentes imputavam a si mesmos o sacrilégio da poluição consumada, os mais prudentes, porém, alegravam-se de que nada lhes prejudicasse aquilo que foi imposto contra sua vontade e enquanto dormiam. Pois também muitos, na mesma hora, lançaram cinza sobre suas cabeças, outros se cobriram, ou porque foi feito, com cilício de luto, alguns se untaram com lama fétida e as vestes violentamente impostas, rasgando-as em fios, e as lançaram com mão fiel em latrinas e lugares fétidos.

(V, 14) Com tal violência, diante de nossos olhos, ali em Cartago, um filho de um certo nobre, de cerca de sete anos de idade, por ordem de *Cyrlae*, foi separado de seus pais, com a mãe, sem a vergonha própria de uma matrona, com os cabelos soltos, correndo por toda a cidade atrás dos raptos, enquanto o menino gritava como podia: 'Cristão sou, Cristão sou, por santo Estêvão, Cristão sou'. E, tapando-lhe a boca, afogaram a inocente infância em seu próprio abismo.

Assim se prova que aconteceu com os filhos do venerável médico *Liberato*. Pois, quando por ordem do rei ele, com a esposa e filhos, foi mandado para o exílio, a impiedade ariana pensou em separar os pequenos filhos dos pais, para que não pudesse, pelo afeto da piedade e também pela virtude, prostrar os genitores. Separaram-se as tenras prendas dos filhos. E quando ele quis derramar lágrimas, repreendido pela autoridade da esposa, no próprio curso de sua partida logo as

lágrimas secaram. Pois disse também a esposa: "E por causa dos filhos, Liberato, perderás a tua alma? Considera-os como não tendo nascido; pois também a eles Cristo totalmente vindicará. Não vês que eles clamam e dizem: 'Cristãos somos?'"

Mas não se deve calar o que esta mulher fez diante dos juízes. Pois, embora ela e o marido, ainda que separados, estivessem sob a custódia da prisão, de modo que não se vissem de modo algum, foi ordenado à mulher e dito-lhe: "Abandona já a tua dureza; eis que o teu marido obedeceu ao mandato do rei e tornou-se cristão nosso". E ela disse: "Quero vê-lo e farei também eu o que Deus quiser". Conduzida, pois, para fora da prisão, encontrou o seu marido de pé, com uma grande multidão, ligado diante do tribunal, e julgando verdadeiro o que os inimigos haviam fingido, lançando a mão e agarrando as bordas de suas vestes próximas à garganta, à vista de todos, sufocava-o, dizendo: "Perdido e réprobo, indigno da graça de Deus e da sua misericórdia, por que quiseste gloriar-te por um momento e perecer eternamente? Que te aproveitará o ouro, que a prata? Porventura te livrarão do caminho do inferno?" Disse também muitas outras coisas. A ela o marido respondeu: "O que sofres, mulher? O que te parece ou o que porventura ouviste a meu respeito? Eu, em nome de Cristo, permaneço católico, nem poderei jamais perder o que possuo". Então os hereges, conscientes de sua mentira e descobertos, não puderam de modo algum disfarçar o seu engano.

(V, 15) E porque acima falamos brevemente sobre a violência da crueldade deles, muitos, temendo-a, uns se encerravam em cavernas, outros em lugares desertos, homens ou mulheres, sem que ninguém soubesse deles, e ali, sem que ninguém lhes trouxesse sustento de alimentos, vencidos pela fome ou pelo frio, exalavam o espírito quebrantado e atribulado, levando, no meio destas aflições e dificuldades, a segurança da fé inviolada. Assim, de fato, Crescônio,

presbítero da cidade de Mizeita, foi encontrado numa caverna do monte Zique, já em decomposição, solto do cadáver.

(V, 16) E porque já mencionamos o santo Habetdeu, ele então partiu para Cartago, decidindo procurar o rei ímpio, para tornar manifesta também aos homens a sua consciência, que a Trindade sempre teve por familiar e amiga; e Antônio não pôde detê-lo, devido à sua própria reverência. Oferece ao rei ímpio um libelo nestas palavras semelhantes: 'Que tendes, pergunto, agora com os desprezados? Que combates diariamente com aqueles que relegastes ao exílio? Tirastes os bens, privastes as igrejas, a pátria e as casas; só restou a alma, a qual vos empenhais em capturar. Ó tempos, ó costumes! Todo este mundo compreende e o próprio que persegue vê. Se se diz que é a fé que sustentais, por que agitais os membros da verdadeira fé com tantas perseguições? Que temos nós com o nosso exílio, que temos nós com os necessitados no século, cuja vida está sempre escondida em Cristo? Permiti ao menos que se alegrem com a companhia das feras, aqueles que lançastes fora da face de todos os povos.'

Enquanto o pontífice de Deus dizia estas coisas e outras semelhantes, conta-se que o ímpio tirano lhe ordenou isto: 'Vai aos nossos bispos, e segue o que te disserem, porque se sabe que eles têm, em tudo, o poder sobre este assunto'. Mas nem mesmo isto pôde fazer Antônio recuar de sua loucura, sabendo que poderia agradar muito mais ao rei ímpio por isso. O bispo, porém, verdadeiramente alegre com o bem de sua consciência, preferiu retornar ao lugar do exílio.

(V, 17) Naquela época, sobreveio uma fome incrível e começou a devastar toda a África com uma só depopulação. Não houve então chuva alguma, nenhuma gota absolutamente do céu fluiu: e não sem razão, mas por verdadeiro e justo juízo de Deus, para que, enquanto os perseguidores arianos ferviam na água do pântano lodoso, fogo e enxofre, a chuva da indulgência celestial, que sempre estava presente abundantemente, fosse negada. A face de toda a terra permaneceu lívida.

A videira não se cobria no verão, sombreada por ramos frondosos, as searas semeadas não esverdeavam o rosto dos campos salpicados, a oliveira, sempre verde e cheia de folhas agradáveis, não tinha o manto habitual de seu ornato, os ramos das árvores frutíferas, com a terra como mãe, não haviam produzido as gemas das flores, para depois, como costumam, darem frutos.

Tristes e terríveis foram todas as coisas, e uma fome semelhante à pestilência havia devastado toda a África. A terra não produziu nenhum vigor, nem para os homens pelos seus nomes, nem para os animais, nem para a erva que germina. Há muito haviam secado os leitos dos rios, pelo ímpeto precipitado das correntes, e igualmente as veias das fontes, que antes borbulhavam com perenidade, haviam secado por completo. Ovelhas e bois, todos, além dos rebanhos do campo e também as feras das florestas, consumidos pela inanição, em parte alguma eram vistos. E onde por acaso um gramado úmido, então situado num vale, começava a produzir a cor pálida, mais do que verdejante, do feno nascente, imediatamente soprava um vento ardente e ígneo, ressecando tudo ao torrão, porque uma tempestade poeirenta, sob um ar seco, cozinhando e consumindo todas as coisas, havia enevoado todo o lugar.

Naquele tempo, não se realizava nenhum comércio; nenhum torrão de terra era revirado pelo arado que fende o solo, puxado por bois, porque nem bois existiam, nem acampamentos de modo algum haviam restado. Mas também a mão dos camponeses, em parte, havia perecido, e logo em seguida a que porventura sobrava, já buscava sepultura. E porque, com o incômodo da fome a pressionar, nem o comércio, como dissemos, era devolvido ao costume, nem o cultivo era prestado às terras como devido, multidões e funerais de jovens, velhos, adolescentes e moças, meninos e até meninas, onde podiam, como podiam, eram espalhados por toda parte, indo ao redor de povoados, aldeias ou cidades isoladas. Convertidos, pois, num arco perverso e irritando a Deus nas

águas da contenda, padeciam fome como cães, não para comerem pão, mas para sentirem a ira que negavam.

Havia aqueles que negavam a Trindade. Outros, espalhados pelos campos, buscavam os recônditos das florestas, procurando raízes antigas de ervas ou outros detritos. Alguns, ao tentarem sair de casa, caíam em grupos no próprio limiar, vencidos pela fome; as ruas e até as veredas estavam repletas de cadáveres, e o fedor dos que expiravam matava por todos os lados os vivos que por ali passavam. E não faltavam diariamente, por toda parte, funerais dos que expiravam, e não havia força que pudesse dedicar-se à piedade do sepultamento; pois nem mesmo os vivos, dominados pela fome e eles próprios prestes a morrer em breve, bastavam para sepultar. Cada um desejava reduzir sua liberdade e a de seus filhos à servidão perpétua, e não conseguiam encontrar quem os aceitasse. Montanhas e colinas, praças das cidades, estradas e veredas tornaram-se um único sepulcro para todos, aos quais a inanição, devorando, negara sustento.

Os próprios vândalos, que a pilhagem frequente de muitas províncias e a posse da África primeiro haviam tornado ricos, eram atormentados por uma necessidade ainda maior: e quanto mais se julgavam orgulhosos pela multidão de escravos, tanto mais pereciam, atormentados pela fome, exaustos e derrotados. Ninguém reteve seu filho, ninguém sua esposa, ninguém seu próprio escravo; mas saindo cada um, não para onde não queria, mas para onde podia, ou imediatamente pereceu ou nunca mais retornou.

A infeliz multidão era pressionada a se reunir na própria cidade de Cartago: e quando para lá afluíam em bandos, cadáveres animados, onde o rei, vendo a devastação das mortes a serem infligidas, ordena imediatamente que todos sejam expulsos da cidade, para que o contágio dos que pereciam não preparasse também para o seu próprio exército uma sepultura comum. Ordena, portanto, que cada um seja reconduzido às suas próprias províncias e lares; mas não havia quem retornasse, visto

que cada um carregava sua sepultura no rosto. E por isso, talvez, pôde sobrevir uma maior perda dos rebatizados, porque enquanto pelos arianos era prometida a transação da vida presente, nem isso se realizava e a morte seguinte, segunda, sobrevinha à primeira. Em tal medida a fome, devastando, reivindicou para si o domínio, que alguns lugares e até bastante populosos, com seus habitantes extintos, agora repousam em profundo silêncio, com apenas as paredes permanecendo de pé.

(V, 18) Mas por que ainda me demoro nisto, que não consigo explicar? Pois se agora sobrevivessem e lhes fosse permitido falar sobre tais coisas, o rio da eloquência de Túlio secaria e Salústio permaneceria completamente mudo. E, para deixar de lado outros indignos de tão grande assunto, se o cesariense Eusébio, apto para esta obra, se levantasse, ou seu tradutor Rufino, adornado com as flores da eloquência grega e latina — e para que muito? — nem Ambrósio, nem Jerônimo, nem mesmo o nosso próprio Agostinho seriam suficientes. Ouvi isto, todos vós, escutai com os ouvidos, todos vós que habitais o mundo, vós, terrenos e filhos dos homens, juntamente em um só, rico e pobre.

Alguns de vós que amais os bárbaros e por vezes os louvais para vossa própria condenação, examinai o nome e compreendei os costumes. Porventura poderiam ser chamados por outro nome próprio, senão para que fossem ditos bárbaros, possuidores, certamente, de um epíteto de ferocidade, de crueldade e de terror? A estes, por quantos presentes que os favoreçais, por quantas deferências que os lisonjeais, eles nada mais sabem senão invejar os romanos. E no que concerne à sua vontade, sempre desejam macular o esplendor e a linhagem do nome romano; nem desejam absolutamente que nenhum dos romanos sobreviva, e onde ainda se sabe que poupam os subjugados, poupam-nos para fazer uso dos seus serviços; pois nunca amaram nenhum romano.

Se alguém se esforçava para discutir conosco sobre a fé, a feroz barbárie e a heresia ariana discutiriam racionalmente? — mas quando ela alguma vez manteve a razão, aquela que separa o Filho Deus, o Salvador, do Pai Deus? — por que recorreram a enganos e calúnias, e como um espírito de tempestade, uma procela de sua fúria, quiseram subverter tudo? Se fosse necessária uma disputa episcopal, por que forcas, por que fogos, por que garras e cruces simultaneamente? Por que a prole serpentina dos arianos inventou contra os inocentes gêneros de tormentos tais, quais nem mesmo o próprio Mezcêncio requereu? A cobiça da fúria e a avareza da crueldade lutaram contra a inocência, para que perdessem tanto as almas quanto saqueassem os bens. Se uma comparação era desejada, por que a rapina dos bens alheios, não apenas dos sacerdotes, mas também de todos os leigos? Mas aqueles que foram despojados se alegraram, e receberam com gozo a rapina de seus próprios bens.

(V, 19) Esteja presente, pois, suplico, toda idade, todo sexo e toda condição; esteja presente, imploro, toda a multidão do nome católico, que é carregada no seio materno por todo o mundo, porque só ela sabe oferecer um afeto genuíno, que aprendeu com o mestre Paulo a alegrar-se com os que se alegram e a chorar com os que choram. Reúnam-se juntos à casa da nossa dor e com olhos iguais derramemos rios de lágrimas, porque da nossa causa e da nossa fé é um só combate.

Não quero que nenhum hereje venha condoer-se comigo, que porventura deseje acrescentar sobre a dor das minhas feridas e se regozija diariamente com os meus males. Não quero, não quero o estranho, mas busco o afeto fraterno; não quero filhos alheios, cuja boca falou vaidade e a sua destra é destra de iniquidade, porque filhos alheios sempre me mentiram, os quais envelheceram e coxearam dos seus caminhos. Estes me dizem cada dia: Onde está o teu Deus? enquanto é afligido o povo comprado pelo precioso sangue do Cordeiro. Entre cujos opróbrios eu, preparado para os açoites, não cesso de cantar ao Senhor

que me açoita: Desvia de mim os teus açoites, porque desfaleci não pela força da tua mão, mas pela perseguição da heresia Ariana.

Venham todos os que comigo trilham o caminho da angústia e, por causa das palavras dos lábios de Deus, guardam as duras veredas, e vejam se há dor como a minha dor, pois fui vindimada no dia do furor do Senhor. Abriram sobre mim a sua boca todos os meus inimigos, assobiaram e rangeram os dentes, disseram: Nós a devoramos; eis que este é o dia que esperávamos; achamo-lo, vimo-lo.

Aproximai-vos, anjos de Deus meus, que nunca deixais de estar constituídos no vosso ministério por causa daqueles que não de herdar a salvação eterna, e vede toda a África, outrora sustentada pelos grupos de tantas igrejas, agora deserta por todos, outrora adornada com tantas ordens de sacerdotes, agora sentada viúva e rejeitada. Seus sacerdotes e anciãos pereceram em lugares desertos e ilhas, buscando para si alimentos para comer, e não os encontram. Considerai e vede, porque Sião, a cidade do nosso Deus, tornou-se vil, tornou-se como poluída com menstruação entre seus inimigos. O inimigo estendeu sua mão a todas as suas coisas desejáveis, pois viu as nações invadirem e entrarem em seus átrios, dos quais ordenaste que não entrassem na tua igreja. Seus caminhos estão de luto, porque ninguém se reúne no dia da festa.

Saiu de diante dele toda a beleza e as delícias. Aprenderam a andar por caminhos ásperos as virgens e os seus jovens, criados nos átrios dos mosteiros; foram levados em cativeiro dos mouros, enquanto as pedras do seu santuário são espalhadas, não somente nas cabeças de todas as praças, mas também nos lugares sórdidos das minas. Dizei ao nosso Deus, que a acolhe, tendo confiança em suplicar, pois está atribulada e o seu ventre está perturbado pelo seu pranto, porque se assentou entre as nações e não achou descanso, nem há quem a console. Buscou das partes do Oriente quem juntamente se entristecesse, e não houve, e quem a consolasse, e não o encontrou, enquanto comia na sua comida fel e na

sua sede lhe davam a beber vinagre, imitando as paixões do seu esposo e senhor, que por isso mesmo sofreu por ela, para que siga os seus passos.

(V, 20) Suplicai aos patriarcas, da cuja linhagem de raça nasceu aquela que agora sofre na terra; orai, santos profetas, reconhecendo a aflita, a qual outrora, com vaticínio precursor, cantastes; sede apóstolos, seus intercessores, a qual, para que a congregásseis, todo o orbe percorrestes como cavalos velocíssimos, com o Senhor ascendendo em vós. Principalmente tu, Pedro bem-aventurado, por que te calas pelas ovelhas e cordeiros a ti confiados com grande cuidado e solicitude pelo Senhor comum? Tu, santo Paulo, mestre dos gentios, que desde Jerusalém até ao Ilírico pregaste o evangelho de Deus, reconhece o que fazem os vândalos arianos, e teus filhos gemem, prisioneiros, lamentando; gemei todos juntamente, santos apóstolos, por nós.

Mas sabemos que é indigno para vós orar por nós, porque estas coisas que vieram sobre nós para prova, não como para santos, mas como suplícios devidos a maus méritos. Mas orai também agora pelos filhos maus, porque também Cristo orou até pelos inimigos judeus. Bastem as castigações que justamente nos foram infligidas, e já, já, seja pedido perdão para os delinquentes; diga-se ao anjo que fere: basta, agora contém tua mão. Quem ignora que estes crimes de nossos pecados nos trouxeram isto, por nos desviarmos dos mandamentos de Deus e não quereremos andar em sua lei? Mas prostrados rogamos, que não desprezeis vossos miseráveis pecadores, por aquele que vos elevou ao cume apostólico, humildes pescadores.

(V, 21) O perversíssimo Hunerico manteve o domínio do reino por sete anos e dez meses, consumando a morte conforme seus próprios méritos. Pois, apodrecido e fervendo de vermes, não seu corpo, mas partes de seu corpo parecem ter sido sepultadas. Porém aquele transgressor da lei dada, vindo da heresia dos donatianos para aqueles outrora de Nicasio, pereceu em breve com morte semelhante.

Aparato Critico

1. 11 cf. I Tim. 1, 7.
2. 1 oblatum Ws2 2 caeci oculi W 3 nefandis W inferentes β 4 direximus Blb2 5 strepidum BV fecermus V 6 ora BVC et credens om. M 7 Et iam] etiam BVWMLB decertum C1 11 mnere in B s. l. additum : monera b1 14 ereticos P 15 dederant om. BVC1s1 : tulerant C1 propoenerant haec WI' promulgauerant L 17 praepositae BWPB 18 unira P nnicos W hnsrich M 19 maiestatis et ,v: cf. Indic. III 1genetiuis qualitat.' 20 protnrbatnr P
3. 1 inpntet W impudet Ms : ef. Indic. III 'praesens=futur.' quid Vs1 2 rem P indicia V1 8 quiboa neque PB merniwint V 4 expendi VC* ependit Wo etiam timul tp 6 nostri patris φ masuetudinis W 7 crediderunt M temendam BML: tempneadam VCs. tenendam W reteneadam PB re//nitendum b securitatis bl 8 ignotesci PB 9 nullus PB homousiani W omousion PblB U sibimet uindicarent om. W neclectum BVs1 : neglectum rell. 14 spacio et praerogato ML mensium MLb mensum PB noue BV* . quae deleui nouem ut contentionis gfa si quid ab eis propositum posset aptari ad kl ste M contentioni siquidem C contentionis si quid rll. 15 pposito b poisit o possent optari C* februiarias B febroarias P'b 16 anno octauo M aliquod BVC1s1 17 oartaginensem Bφ W ciuitate BV1 19 Et] ut o astruerent BMS asstruerent WCL 21 admoniti W solus ex meis 28 quodam . ille BY quot Cb
4. 1 excurrit scripsi : excurrunt mss ariminesi b2s2 arimensi BY WCL arminensi M arimense PR arienensi b' consilio W 2 seletiam VCW MLPb amputatatfl V praedamnarrent V Ms 3 uniensā M 5 sicut Pb 6 uidenter BVs1 9 hoc om. P pronocantes a 10 peraeripta BVWs1 Pb(LR) essent] essent clausae V2CmsL 11 ad eonfliotum om. BVC2sL conflictum om. C2M 12 qua C uidentur] dentur BVC1s1 13 ideo Cs* hii] hoa C'L eos s2 15 induxisse cum terrore β errorem WCMs2 temporum om. BtpL: diu. temp. Ws2 aduersum nostros C* diuersis prouintiis M 16 continere praecoepfo M 17 exceptis bl: super exceptis a exepto WPb'B superstitionis β : institutionibus BVCMaL institutionis WsC2b2 siue C': om. M antestitibus B antistibus WPb 18 ecclesiae Pb1R nostra ecclesia M patuisset WCβ : paruisset BVsL nlllibi scripsi : nlllis o* nulli rell. aliis] illis M ex aliis b' coniunctus b conuinctus dare aut ex. eis conuentus liceret neo in ecclesiis aut M 19 ecclesias] in ecclesiis V2C1. 20 optinere WbB 21 praesupta C fasci P uiribua] usibus C' iuri Ms1 etiam et] et si qua C'
5. 1 ecclesiae MslPb antestitibus B antistibus WC1MsP peruenissent b* 2 commorari Mab*: commemoras BV commemorans WPbxR commemore C1 commear C commorandi s2 atqne cumque BVC 8 set b 5 religioni BV (Schuch. 1, 461 sqq.) 6 seu... sen bR seu ... siue P si epiecopos W clerios ego: cleroB a clerum Wβ 7 nindicta Ba c uindictā (sic!) V1 nindicta V2s nindicate PR hii Wa 9 auris BY' adlecto PB 11 mernissent] minnisae Pb1 R 12 et de proprio BVL et d proprio V1 et proprio C et a proprio Ms de proprio a et de proprio solo β et de pr. ablati solo W persectioe aLβ 13 populo β 14 donandi licentia 6* eis licentia nec donandi a donandi libertas Lv 15 directum V (ex directū ut uid.) M relictum β subiacerent W 16 fideicommissae a6* delegati β relictio neq; Pb1B 17 appellantur W quodlibet o codicello CPaPb 18 aliusue BV alii suae MsP ita aut BV1 placatiis (-tus CM) VCM 19 condempnationi a condempnationis BφWβ dignatis Vs* meriti β uerba meriti facerent... snperiori (§. 13) in β post confessionem (g. 18) leguntur, uno folio in archetypo transposito
6. 1 omnis W honoris sui WPb 2 crimine β 3 triginta Waβ arganteorū Ws* auri a 4 pondus W proposita ā W propositū β 5 tunc a§ 7 praeceperunt £ 8 einsmodi β sibi om. W 9 errorum M praecipimas] ptium p 10 hoc] haeo. a pr. CWa: pe. rell. singulas quibusque personas b 11

- obseruandum C (cf. infra §. 13 hoc ... praecipit obseruandum) : obseruanda rell. illustres PR, pondera Ws2 et sic deiruxps 12 quinquagena darent spectabiles suri pondo om. p daient speotabiles ausi, pondo quadragena om, M senttores anri pondo tricena om. Pb 13 principales Gothofredus : pupulares W popalarw rdl. sacerdots W 14 tricena] ena W negotiature* aari pondo qaina om. p 15 plebeii Wa circumcillions q> 16 argenti WI: ari B (= auri; cf. Schuch. II, 314 sq.) auri rell. dena] quina C si quis Pb 17 confisscatis W 19 adffigere Pb 20 celere BVs1 deligerent C2Ws2L retontos V 22 hac] haec b ppoeita W proposita est a
7. 2 ut] quod C' id aLv 3 Buperstitutione BVs1 5 non om. Pb 6 supplicium om. β punirentur o officiarum BV1 7 numero VC2s 9 hic o 10 huiusmodo C'6 malae persuagionis CVa: mali per sua signis B V mali persuasores W mali persuasiignia C1(?)Ms1 malis persuasis ignis Pb 11 matheriam P omnibus WCVA: hominibus rell. obtinere b 12 persecutione M: prosecutione BVeL prosecutionem Wa persecutionem rell. 13 iudicibus Pb super his (scil. rebus) Cx: superius rell. neglecte C2 : neglegenda W neglecta reU. dyra BVW 14 aduersis o non intulisse L monstratur a β omnibus C omnes ergo β 15 in(im-)plicatos Ws2a2: in(im-)plicatis BVCMs1 a1β cuncta Ml 16 numerum BVCMs1 supradictia Pb 17 et] ei a abstinere C2s 19 asstringat W ueneramus b 20 ianuariarum s1b 21 ideo 8* 22 praedam(damp Ma)natis aW errorum CL errore Wa erroribus M
8. 1 eundem a errorem BV'a erre W domos BVM (Schuch. II, 189 sq., III, 226, Roensch p. 520) 2 aucupet militis o 3 propositi BVCWMSxL decuras BV de quibus C decimas Jfs; in a spat. circit. 12 litt. uac. relict. 5 surreptionem aL contiogit C priuatos B ex priuatus: priuatis φ 6 loci] duci o personis C2 7 promulatio BVCLms praee(coe)pit aW 8 poenis congrue a 9 statum P 10 exequi Wmsa superiore a praescripta est a'a constituimur P 11 uiris b 16 non dubitantes ... proficere om. W quod] quid C: om. ML, deletum in s b; cf. Indic. 111' quods 17 pontifitibus W est collatum a est om. P 18 profluente BVWfi praecipimus] fecimus o 19 quatinus aLp innotum BVIW 20 optendere W obtamus P 21 data om. β sexta VMs marci tp martias a cartha Pb post cartagine VC iterant Data cartagine 22 dicta b 23 episcopo W carthagini aβ erant a
9. 1 ceperat a coeperat WP,b 2 furis P muros aL§ 5 quepia V cum ras. sup. e et a praetitisent BVCWsa: praetitisset MLβ; cf. ' Indic. III ' constructio ad sensum 8 proiecti] praedicti a 9 habirent PR quia si] quasi tpP non tantum] ne tenti C in ras. 12 ecclesiae β substantię BVM substantiis s occupatus BV 14 occurre P 18 dif (diff- P)errimur BVPR diferimur C ciuitatem aL 19 stercoris BVc1 nolitamne P uolitamur bi uolutamur CWMLb* 22 enecari Waβ 23 et infirmi om. β 24 tunc MaL 26 aptatata a charta P 27 mils V ita b
10. 1 honirez P honoriz b huniricus W hunericas MaL et adhuc Ws2aL: at adhuc reU. 2 non tardetis C2β ut Ws1a : et rell. efficiami V efficiamini eius a 3 de nobis bonum o 4 charta P cartha b dimittet Waβ 7 et unam β 8 factumque est ut post β 10 hortolanus WaPR ortolanus b florentinianus BL florintinianus a 12 sumus nescientes ut quod charta (cartha) b β 13 auc b ab oni. Halmius; ad BV1 a reU. 14 sermonibus C bis 15 coleratus VC1 colaratus W colatus b siries P senes M 16 si] quod Wa' domni B: domini reR. eus b hilderi W§ hylderi a 17 regionem PR 18 epistulis BVI dirigat V2CMsβ qui si B qui si Wp ai om. C regi W 19 restuet W 20 prohiuionem BV. 21 populos ex populus P dicere BV dicerS Vx (ex dicerent?) uitii W 22 fuerunt P
11. 2 Mt. 5, 84.
12. 1 noluerant Vs* 3 partS C1s 4 notarius BVM 5 quis quid] quid quid C1 quia qui C' quis M diceret uel ego: diceretur BVCMs diceretur et W diceret a diceret et Lβ 6 ut de BVC et de reR. minime] non o statiuque W 8 quae] qua P cęlebatu V 11 religati W eolonias o colendum a agrum aβ acopiuetis β 12 spallatis Cl 18 in om. β geBtatis a aut] nec M 14 reontiliare W

- praevumetis P1 15 filii BV1 filii rell. domui BW domini reU. optastis s1 16 coNica W 17 relegare V1 religari W dominis a 19 eziliis β uniuersis BVs1 20 terrae afriaaae W 22 ululatus o nullo aetati BVCs1 nulli parceretur WmMl 23 iUos BVs1 illi C ez cerr. soccumberet BVCW
13. VII
14. 6
15. 1 cremabant φ mulieres uero a 2 naturae iura φ 3 dyonisiam a§ 4 hac W 5 matrimoniis PB pulchriorem mss praeter BV 6 apatre BV appetere W mactare Ms cruclare a peteret] pateretur βinepte; nondum enim patiebatur 7 saoj sum § ^8 magisque Wst 9 ezuta BVib eam om. a i 10 facienteaque BV1 riuulis BVC1MS1. 11 fluitaret Y (es corr.) M 12 obrobrium W probrium P 13 est ipsa laus mea W ipsa est laua mea MsL est post mea om. BVG quia eat] qui erat W quia esset o quia erat aL sientia V1 14 artatu BV1 areatu C artatur W arcatur a aptatis artata p martyrum Vb1 15 corfortabat B paene om. a: recte ? 16 fium W addomum Pb 18 eum om. W 19 materna scripsi cum 82 Lv; cf. §. 50 auctoritate uxoria increpatua: eterna Ba iterna C ex corr. aeterna rell. 21 mi filii a catholica] ecclesia catholica a 23 inueniet P
16. 1 Mt 22, 13.
17. 1 tenebris B ibi WsaP et Vulgata 2 oculorum om. a 3 desideranda est uita W 4 filium om. a 5 adulescens V aduloens B adolescens rell. maiorius a 7 coneuauit WP illam PB 8 uotibus W deo P spqis b 9 suo domo B malluit BV1C1 (cf. Cassiodor. de orthogr. c. 1) quocienscumque a sepnlcrum aP 10 prsece W effundat V2Ms, effudit β aliena BV1a esse om. a 11 in om. b fa//ti B ex facti 15 confessio a uel Sibidensis] uesnbensis a uel sibiddensis o 16 bonifacius CWMSaP crnatibus B euisceratae uel om. M 17 uiscerati W eunt MP ei om. a 18 seruii Wa seruius C2 sernus PB suruus b trnrbitanae W maiorus β generosus C'L 19 nobiles ClM uir CL explicit BVs1 20 festium V1 flequentibus PB 21 totam per urbem CWb: tota (toto V) per urbe BV1 tota p. urbem (ulbe V) die V2Ms p. totam urbem a tota p. urbem PB nunc eam C* sublimes BV-sublimi a
18. 6*
19. 1 dimissus C1 demissus PS 2 pondore BV1CW pendere b 3 tractus et defricatus V2OMS: tractum et defricatum rdl. 4 cautibus V2M cute separata Ws' lateribus dorsoque] lateribusque § 5 nentre a'L iam] autem a 7 sua a 8 homi P hominis grati B φ Wa ezibuit W debuit o 10 uaro om. MS1. ualent... nuntuari b 11 quantitate W martyriom Cx 12 impossibili BVIC 14 concremaretur β 15 coniunx CWSiab 17 gemite P 18 ecocietaa BV1C1 20 ferunt b 21 at et] nt ao 22 tormonta W h lucreris V 23 bbandimenta Y 24 multo] oculorum β: om. VCMs1 ab terra scripsi: ad terra B ad terri V* a terra rell. cum] cur P 35 contgptenebat W qua W continuatone BV1 (Schuch. II, 444 sqq., 457) coutinuati nece C continuati honere a continuato suspensio β
20. 1 auulsis β 2 deposuerant W exanimem V2C2MsL examinatam Pb tulit W 3 quendam V1 tetigesse F1 4 saluatam β 5 adrumitenae Pb 7 Qoo] quod BV2M1s1L 8 apnt P regem impium a aibi semper b 9 ei ot b 10 eu W si ad praeoptum Ms: si et praeceptum BV (et eras. in V) sed praeopto C1 si praecepto C9 si et praecepto a si eius praeopto (praecepto WI) Wlfl 11 facile W 12 tale CWML: in BY talem bis script. est 13 de chriato domino deo raoe dico quod a de cbristo deo et domino meo quae (diao quae W haec b) Wβ 14 me subigat W exruciet omnium tormentorum genere o 15 si] si et a con sero BV. 17 aeteram om. a ista Ws2 18 gloriarer Ms existerem BVlaL: exitere W existorē ei VMs exiaterem rell. 19 contulit mihi a creatori b tirranus W 20 adfixit et 21 potuit P trepndians P in domino V2CMsL in quo BVIW: om. aβ 22 feliterque b consumans BVWLPVR
21. 16 cf. Ps. 50, 13.

22. 1 tambianensem W tabayensem M tabaiensem a tambadensem (S quisq; ad BV2 queq; ad certamina martyrim quis potest explicare MS 3 secure W ut rogarent BWafu ut roganerant V1C1 et roganerunt V2C2MSL 4 ut] et BVCWaPH supplicia BV C1. 6 petiit C se Waft indacias W MsaLbR 7 etj ei a p: om. WC282L; cf. Ind. III part. praes. = uerb. finit.' uspendio P 8 noli noli] noli mi a 9 eine ante terribilem om. ϕ 11 patimur BV1 et alia dicens C multa om. o 12 proelium Wb addicite PR adicite b 13 et uultis o arcate a 15 laminis a qualibus] quabus V1 quibus VMs unguilis] sin. guli o 17 facie sua MsL 19 libores B 21 uero om. MS1. mauretanae BVWMs: mauretaniae C mauritaneae a maaritaniae rell. 22 insinnare om. β feetinem BWab: festimemos Y festinemus reU. 23 arrianoram b cyrillae Ma
23. 2 nauali de] ualide β de om. a ispaniam W ad Hispaniam om. BVCMs1L confugiunt CMs confugit aLb 3 quia dictum VICIP quia ductum C* 6 miniateria a 7 celebrare congregati VC1Ms 8 carthagini $\alpha\beta$ 9 innotuissent V2C28 $\alpha\beta$ 10 omne BV1C1 omnia PR 11 ei a dexteris qp abaidisset W Quod cum factum fuisaet] et (sic) β 12 loquuti BV: locuti rell. 13 locuntur CMsaLQ 14 uoluerint W reperiet MaLbI: repperiet rell. 15 subdiaconum β polytoa W 19 exequi ϕ WaLP1b coaceruate C 20 iussa P 22 quae om. BVCM scripto acriptor (sic) W 23 nomin// P 24 dicere β promptu BWLP 25 demonstratur Ms manibus aliis B VC abque W'
24. 2 uspendio W spatulis a β capud C 3 dimeroum WL 4 iopalsione WPb manum W 5 pendentes Wt* 6 disruptis WaPb1R 7 celebri P 8 contraotib: BV1C1 deriderant b 9 palulu V1 10 anium β 11 caraam BV1 12 carthagini p 18 et ut] ut et E tyrannus W 14: in illis] illis β 18 et ad palatium ascendeado (ascendo V1C1) et de. scendendo (descendo V1C1) ϕ 16 descendendo P descendo bR ipsius om. a rei puplice P 17 in om. W β nostris BV1C1 Msl fecem mss 19 daliga ϕ dagilu W dagilium qui o 20 confensor B conuensor V1O1 e converse restiterat C2 21 debelitata et relegata a religatur W 23 et] ac a 24 filium β oblitum BV1C1 (cf. Roenseh 296) in om. W 26 fueretur W ingenM BV1C1 ingens rell.
25. 22 Eoai. 6, 13.
26. 1 naUaa CaL humane C2 hamanus aL 2 esset C2aL β affectus C2L accessusa effectum P 4 et om. aL maceratur Lb 7 traduntur α W (cf. II, 37 tali exilio mancipatis = traditis) traduntur bB taadnntur P libertatem WS2aL: liber tamen BVC M libertate PB libvmt b cum de media W 8 muritae b liberioem Bermonem V2MS1 9 helpidoforas W feraas W 10 crassantibus BVCWsaPb1 11 aput] sic BWa fuerat apud nos dudum o 12 marritta W morita b alueo] alieno P 16 presbitero (prto V) BV1 17 arddiaoonum B archidiaconus salutaribus C7 aptator s morita b 18 helpidoforo W 21 eam P baiolabat ML 22 eteinaone a 28 totum BV1 tota W 24 eiuitati BV1 sunt om. P
27. 6 Ps. 108, 18. 11 Mt. 22, 12. 20 cf. Ps. 139, 6.
28. 3 dimergendum WPR et ad mergendum M abyssum s2 β abissum Wa 4 cinxerunt bR cinxerant P persequentg BV 5 flamantem b gehenam W qui P 6 te om. Ms maledictione et uestimenta b scindens ... sacramentam om. W 7 admittens P 9 congregari PR 10 stoIa C28 α conspiciet et Ms1 conspiciens o 11 nuptiali C2sdicebitque BVCWsR: dioebatque P dicetque CMaL dicet/// b 13 cogno W quun] quae b 14 uirgine horum VC1Ms1 membrorum] m. gestator (-ur ab) a β decem] nouem C* textui h': texti reU. tendiculi a tendiculo WS2b2 15 aquam BVMs1aL mandau] V1 pnrpuram BVPR 16 docorau] B conspicioio cultum signaculi] conspiciunt oculi BVCML caractere B caractarem P 17 non uideo] . nouudd V1 nouum deifloem V'M non conspicio occultu signacali mei caractarem non uideo trinitatis amicum sic Ws4 18 manibus et pedibus $\alpha\beta$ ipse se a 19 separari P a om. P dudum om. p 20 quibus ut PR 21 iunxit W uerent BY'
29. 1 1. c. 12 Iob 1, 21.

30. 2 robore BVl decore P 3 marita b malta a consieotiae V 4 obmutiscens ab corriebatur C 6 parentes BVMS1α1P utique M nerbebia W 7 itenere 8 8 deatinatur BV1C1 9 niolenti C2WS2Lβ 10 contnlerant BV181 11 aufereretnr W 12 utero] nentre a matri W nudum etiam Wa 16 peiruenernt W 17 confessores VMs1 18 cleri. corum] electorum Ws1 quoddam W lectore a 19 theucbario Ws'L theochario M theucario p 20 catilinae Vsl 21 separare V1 22 discipulus b abnit P 28 neredi mittuntnr ego (IL, 38): nero dimittuntur BVWsPB uiri dimittuatnr ab niri/// mittuntur C dimittuntur M uiro dimittuntur Lv ui] in MP bisseos numeros BVsx 24 reuocantur V*
31. 6 cf. Ps. 12, 4.
32. 2 costrigebant W constrigebaa b 3 minatibus W 4 gla- . dii BV1C1 dum om. BVGMS1L 5 tale P1 blanditus B blanditer C blanditiis sed uerberibus Ws2 8 a pueros albi 9 iugiter ego: igitur BVCS' iterum WS2αβ; om. CML 10 dissiparant β 11 reBtanrat BV1 14 corum P 15 salIunt P 17 et duo] duos W negutiatores B negatiatores b 18 ipci eiusdem Caβ ipsius Ms eiusdem Lr 19 simnl in monasterio si* mul b 20 inmaroesBibilem VCsta 21 id est et rel.] nomina e Pass. §. 7 neque ivtgre neque eodem ordime inlata deleui abbas Lb bonefacius a bonifacius sLβ 22 diaoonorum W ante Rosticns WL addunt sernos aabdiaoonns rogatus monacus P 23 septiminus BW Sept. mon. om. Cβ et Max. mon. om. C mazimus monacns P
33. .2 presbiterici B et ante clerici om. b . cum ego: quam mss rege et BVII reges et L rex et V2CMSβ; om. a uuradalis W uuandalos BV1 uuandali rell. seruiebant V feruebant VIM 3 clericis suis a aocinti Wa 5 inoredebilia V nostros φ WL 9 fugiens BVCaL furens V2M8 unirikus B hunericus MaL honoricus β 10 antoni BV: antonii rell. 11 religare W dum ad W 12 unixit a1 13 insuper eum a insidiatorum b 16 senile mss praeter BVls 17 saccis ui rigaret VCl Baccis (sacci b) inrigaret Mβ 18 parilysis BV, gaudium Ws* 19 cubile mss praeter BV1 exilli W enmii cpL 20 balbutientia (-cia a) MsaLb 22 acqtu W 28 qui BV': quod V2CWM 8 α β cui L adlatum Pb1 uenerabili senis B'V 01 uenerabili seni C2αβ 24 faucibus om. W Ii] sicut β
34. 17 cf. Ps. 101, 21.
35. 1 potaret] pateretur C* portaretur M's' potaretur M282 2 omino W 3 neritas V1 ingeaisset C ingessisset W 4 obnoxio o' accipit PB ancrementum W argnmentum P cnijcum a 6 epm W habetdens a 7 religato WPB tam alumensis M tamullumensis a 8 potuerit αβ 9 posse BVX potesset b' 12 religioni P sit] sum V2Msb2 non ait antonius antonius C1 13 cogit B 15 obdnrato CM optnrato o aqua B 16 aspergit b conscientia BVl 18 et om. a superaret posset W 19 noluntis propositum (sic) V praepositum PR quem] qui C* quod WS2aL 20 metentibus a ligatum PB in caelum legatum a exnet B V1 21 ecce iam] ecclesiae PblB 22 habetdeus a et sic deinceps nostrae PB quid ... regis ow. β 24 impię BY antonii BV1C1M
36. 14 Apoc. 13, 16-17.
37. 1 assentio a ergo M meae om. W 2 confite W credi BV1C1 et credidi et α 3 cathenis Wβ uincxieti b ianua B opilasti WM 4 praeterio W snbscribentibus αβ 5 et om. Wa lectitanda VC: lectitandam BV1MSPR lectitandaque W lectitandam ab 6 quidam BV1MSL1PbRquaedam Halmius generania P 8 ad BV'Cl 9 iudicium ab 10 scriptnrq V1 simili] sibi B1VC1Ms1 sini B2 sua L 12 decriptam B decripto V2CMs miser] amiseris P miseris bB ostAlnderet P 13 per uelationem 01 iam om. aL 14 ostenderet V1C18licenit B 15 uel] ant a carraetaerem b 18 uicos mss praeter BV. sic om. M despicias postibus] despiciatibus BVC1MS1L despicias iannis C' innarum W 20 reppererant] sic BVCWsdB aliis BVC1 alio W in lectulis forte a 21 respargentes a daemoniaca Wa dominica β.
38. 1 heroseos b qua mali qui V1C1 tam malis quam irreligione C2 3 sibi] si P nollentibus Wl uolentibus PR 5 horam BYIW suis capitibus o 6 texuerunt BVCWS1αL ceDO sPRL coeno b fqtdo BVCWML 7 perfida a considerunt PB 8 in om. W faedisque W 9 talis Bl 10 iussum BV1

- cyrille Ma 11 separata P matre om. BVCMs1 12 correntē BVMS1 quoque clamante C 18 Christianussum bis tantum habet C per om. C2ML(81?) 14 sanctum Stephanum om.
- BVCMs1L et om. a obttirantes VCWs obdurantes ML 15 insontes V1 gurgite BV dimerserunt LPB 17 iubetur β 18 paraolos W 19 ne BVG: at V2W Msab non PB possent W etiam om. Pb 20 disiunguntur mss praettf BV1 C tenera] a parentibus tenera αβ pignora MaL 21 Qui cum] qui liberatus cum a uellet] uellet liberatas o mittere PbLB increpatur W 22 meato BV meatus M exitin C enim at] enim ei VICMsL
39. 1 coniunx CWaLb et] en aLb; in C & eras. est 3 esset BY C1817 mandaturque W mulier P 8 iam om. W impio P 9 ait V2 atque C2 10 et ego] ego φ Wab2 et ducta b1 12 fecerant BVC181L dixerant C 13 oram (horam o) Co L: om. a 14 proximam CaL 15 prodite P gratia ab misericordia aa ei P 16 gloriari mss praeter BV1 17 quod tibi V1 21 ibi Ws* 22 eretici b et om. a tetecti C1 detectim b' 26 nnllos ibi BV1 27 succnrentes BV1 sustentatione sic V
40. VII.
41. 7
42. 1 afflictionis ioommoda W 2 secnritate BPF sucuritatem Cl I creaconus β 3 mizetanae Wb mixatiene a quizenais § qaitensis F reppertns PR 4 patrescenti βF 5 habetdeus a ut solet iam om. a 7 trinitatis WPbIRF 10 bellum b 11 pronectis afiF quos] quod BVIW 12 religastis BVCI religatie W relegatis PbxBF dicatis W dominicatis P1RF 13 pri- , natis MPbIBF 14 contemp(tep P)nitis PblR o tempora] cf. Cic. in Cat. I, 1, 2 16 tenes PblRF fidef imbra B et V1 fidei imbrā V* fidei umbrA CMs 18 saltim ML 20 hae P I is F 21 peribetur b 22 regi W habere huius rei (regi b) cognoscuntur (IF 23 omns PBF 24 magis om. al impio regi ego (impio in imfio transitit wt in titulo Passioni praefixo): imperio regi BVslPBF imperio regis rell. imperioso regi Halmiusimperio regio E. Ludwig
43. 18 cf. Pa. 8, 8.
44. 1 multum om. b placare P aere epm BVCWMSL gaadentem C12WS2L 2 bone C meare W 8 incredibiles BV1 4 affuit mss praeter BVb 5 fostra C1 6 insto et nero βF caenosi Wbl: coenosi BVC cenosi MSPb2F 7 aquam abF snlphoris BW sulphur ab ibi indalgentiae Ws* 8 adherat βF 9 panpinea BVcbWs pampinea reU. 10 opocata a opagata Pb1 RF respers. non nnltas C niridebant φ niridabat Pb1RF 11 oleo BVC1Ms1 olina C° iocundis φWaLb2 12 tecmen W 14 editurae (scil. pomi) BVC1MsL; cf. Indic. III 'constr. ad sens.' reditarē PBF redditurē b1 editura C'Wa redditura b2 edituras Halmius tristitia BVC181 terraque BVM traq; CV tristaque PBF tristiaque bl terre ab2 et] nt L pars βF 15 confnnderet BVC281L 16 germinante BrCL germinans V* M herbas V2O2ML qdixerat W niroram BV1C1 nirori V* nirore M omnis omnino uior aruerat C* 17 impetuI PRF praecipitati PbxF 18 perhennitate afiF snbtractae b siccarant W 19 uniuersa C'F pecara Y 20 imedia V consum ante C
45. 7*
46. 15 cf. Ps. 77, 57; 105, 32 ; 58, 7.
47. 1 fortes BV* cespes WaLb 2 nascenti BVXC* faenis W fqui MLR feni sab fine P coe(çe- ce-)perant BV1CMS1 3 igens W igneas F 4 harido PRF aridos ubere BVCM dequocens BV1C1 (Schvch. II, 483 sqq.) dequocens βF 7 scidens C'b. 8 castra PBF astra BVX astara V2C1 aratra C2WMs ra-. stra ab omnino] omnino naquam W usquam omnino fJF 9 sepnltnra BW 10 inqumodo W incommoda PblBF comercia Pb 11 fuerant consuetudini a 13 puerorum om. a uel om. βF ubi poterant a 14 circumtentes W 15 opida Ma enim] eunt a 16 aquas a 17 fame B 18 paDe B infessam PR confessam bF' 19 silnarum secreta] secrets silnae pF 20 alia om. Ms1: aliaque Ws* aliqua αβF 21 domfl b egredi niterentur a 22 famem BV1 famen b' 28 repleta BV* foetore BVC Jaetore W

48. 1 inuos V* in os V*M omni] morti P, sed eras. 3 expirantom W non om. W 4 mortni P 9 frequentia W solus ex meie (in B ens in ras. script.; sed litteris entia locusomnino non trat) 10 recentio W primos fecerat BF 11 torqebantur B 19 uidebanturj seruantur P adiectione a 18 deflebant W 14 aeororum b 15 defioit BV (Schuch. I, 811 sqq.) 16 se om. βF urbe W 17 congregari b adhuc cateruatim illuc βF adhuc om. a, qui cateruatim post cadauera habet 18 motium W 19 contagio V defientium BVG (Rhein. Mus. 1879 p. 639) 20 commune Wab etiam om. MS, exercitui] examini βF quoque om. W 22 erat BipL reuertetur VCMSL (erat... reuertetur ?) 23 portaret ML 24 potui BV1 25 arriani W
49. 13 Pb. 48, 2-3.
50. 1 prima CW secundam α W prouenit ego (prouenit rebaptizatis mora secunda i. e. perditio aeterna, sequens mortem primam I i. e. naturalem); peruenit BVlb praenenit reU. tatum W 2 dominum CLPB et om.' a populos BVICWPBF populis b 6 iam iam] iam WqβF moror b 6 nequeo φa nunc om. a semper essent W 7 rebue talibua pF et post licuisset om. W siccaurentur BV1 8 salostias V2 Msa L et lingnis W PB alienos V* alios V2CMS 9 tantae rei a 10 non idoneas V3CMS eis F fe(fe-F)cundiae BVIW 11 ruffinus ornatasI non eplicaret et quid multa a 12 ieronimus WMa 13 haec! omnes gentes MS2αβF omnes ante qui om. β 14 quique saat (i) P vt uid. terriginae BWPb1 (Schuch. I, 896 aq.) 16 condep- nationem W condemnatione b condemnatione aPBF aestra Baß F 17 laudastis βF 18 proprio om. p acoitare BVS1 uotitari! W 19 atique et a 20 poasidentis PBF quantisumque muneribug fonoris om. C quos quantiscumque delinieris obsequiis mlneribaB foaeris illi a
51. 23 cf. Esai. 46, 3. 24 Bom. 12, 15.
52. 4 omnino romanorum a 5 parcere subiectis] cf. Verge Aen. VI, 853 6 parcut om. B φ WL romanorum W 7 ferotitas W 8 arriana om. tp racionobiliter P 9 quae] quando PRF 10 gerunt §F uelud b 11 furoris sui φ. 12 fuerit P fuit b 13 crucis BV' (Schuch. I, 247) 15 meziencii(-ti) Rus PR 16 furoris cupiditas β crudelitas P et ut W uel urriperet animam β 17 arpaguret a arripere β 18 tantum] tum W. 19 omnium om. Ms 21 iam om. a 23 pateino Wβ qpi W solum a* 24 a om. a 25 lameotare BV'aL (Roench 298) lamentari reU.
53. 4 Ps. 68, 27. 5 Ps. 34, 26. 7 Ps. 143, 7-8. 9 PS. 17, 46. 11 Ps. 41, 4 et 11. 13 Ps. 37, 18. 14 Ps. 38, 11. 15 Ps. 38, 12. 17 Pa. 16, 4. 18 Thren. 1, 12. 20 Thren. 2, 16.
54. 2 fromina Bl 3 mecum ad condolendum o condolendam VC1 colendum W 6 nolo ego nolo ego W ego non β 7 nolo aliquem filiorum aL 8 dextra eorum V 9 ecquitatis F* semper] super PR 11 Isti] et o 12 affligitor cotidie a Bangnini ex sanguinis B (Schuch. I, 451 sqq.) sanguine agni a 13 paratus sum W 14 plagas tnas Ms 16 ad persecutione B ad persectioem 9 mihi omnes Wa 17 an- (au-C)gastiae BVC181P1. carpunt V2C2MsaP2 capiont 6* nerba om. b 19 sicut meus VC1Ms uindemiatus a die ire frnoris αPb2R diei furoris b 20 apperuerunt BV1CW 21 siuilauerunt B 22 deorabimue Mx (Oraec. xatepiew) ■ enim scripsi (Graec. πλῆν: nam fragm. Wirceburg. et hoc loco et Thren. 3, 3): enon BV. en /// 8 et α en reU.
55. 6 Esai. 47, 8. 7 Thren. 1, 19. 9 Thren. 1, 11. 10 Thren. 1, 17. 11 Thren. 1, 10. 15 Thren. 1, 4. 16 Thren. 1, 6. 17 Thren. 1, 18. 19 Thren. 4, 1. 21 Fs. 41, 10. 23 Thren. 1, 20.
56. 1 quem BVICb et uidimus b 2 adeste BVC: adestote rell. 3 oapieuri b 4 totam ... ecclesiarum om. W 5 ab hominibus ab tanti BVl 6 sedendem F1 7 eius om. a 8 et in insulis § 9 inuenerunt bl 10 syon mei praeter B syon illa Ms facta est quasi polluta α β 12 ad] et P 13 in atria Ms 14 praeceparas VCl 15 coueniet P 16 facieius b 17 et deliciae om. β ambulare iuuenes uirgines eius W 18 aulab b abiecerunt PR 19 captiuitatS aurorum BVsx captiuitate inaurorum P captiuitatem maurorum WMS2ulapidS B lapidem V1 sanctuarii MS2 21 scaldis b 22 nostro om. o iius WS2α2β om. a1 et rell.

57. 1 Thren. 1, 3 et 2. 3 Ps. 68, 21—22. 6 I Pet. 2, 21. 16 Rom. 15, 19.

58. 1 fetu] facie W quia] qui a 2 consulatur b partibus W: patri bua rell. 3 orientes P orientibus b1
4 consolantem se a 5 potaretrn] potauerunt me P 6 passionSs (sic) W paasionS b 8 patriarce P
10 quem b1 ante b uaticinando β 12 per uniuersaih M ascendente om. P ut qui b 13 cursitastis
s'aLbR: cursitatis rell. fort. recte beate petre ip 14 communi magno domino magna W 15
commendatus P* tu] ut 6* 16 ierusalem a ierosolimis M hierosolimis s ad om. Waβ ylliricum
β φ W ylliricu P illiricum b 17 quid] quod M quia 6 faciun V1 18 ingemiscite mss praeter BP' &
19 est om. P 20 nobis ante ad om. qp 21 non om. BVCWMS1 comodo b modo a malis mentis b'
male mentis b7 decebant P 22 qui BV1 et om. WMSb 23 inimicis suis iudeis a castigaciones
Ms7 qui VI inlatę Ms7

59. a. 484 mense Decembri

60. 2 I Paral. 21, 15. 4 Ps. 77, 10.

61. 1 ueniã W peBtuletur V 2 dicaturque Ms peronenti P 6 misereros W per eum om. a 7 humiles
pecca-. tores β, 8 Tenuit et rel. spuria; del. HcUmius scelaratissimus W hunericus MaLb*
honoricus Pb1 9 morte Wβ 10 consumans VCWfi bulliens (J 11 parte b nidetur V* sed et o 12
illa lege V2CM datae] data et BVC datae et W sedata et M dator et s lata ez a transwersor ex]
transuerso rex BVa transnersa rex VCM transgre(ge- P)ssor rex Pb donationorum V1aP1b
donatistarum V2Ms heresi V2 CWS2 heresium Pb 13 condam W nicassius W ucasius Pb in
brebi BV1 perit.. Eiplicit (sic BWA: om. rell.). Inoipit passio beatiMimorum (om. φ) martyrum
(martirum V: om. W) qai apud cartaginem passi sunt snb imperio (imp. om. W) rege (regis a)
L hunirico [hunerici a: sub huni(hune-M)rico lege φ] die VInon. iul. (nonas iulii Mš die sexto
nonarum iulii a) BVCWMSa Pb sine titulo, alter eadem linea, alter una intermissa pergunt

stoa0292p.stoa001

PASSIO DOS BEATÍSSIMOS MÁRTIRES QUE PADECERAM EM CARTAGO SOB O ÍMPIO REI HUNIRICO, NO DIA VI DAS NONAS DE JULHO. (I) Ao anunciar os triunfos dos bem-aventurados mártires e narrar os feitos ocorridos, imploro o auxílio divino, para que Aquele que lhes concedeu a vitória de superar, a mim, indigno e imerecedor, conceda, ainda que pequenos, os ornamentos das palavras. Pois então conseguirei indicar o que é desejado, se eles próprios se dignarem suplicar por mim, miserável, ao Senhor.

(II) Pois já se completava o sétimo ano do cruelíssimo e ímpio rei Hunirico, e eis que o antigo inimigo, a antiga serpente, sacudindo os venenos de sua língua trifurcada, serviu-se de Cirila, outrora bispo dos arianomaniacos, como seu mínimo ministro, subvertendo e dominando a mente do rei sanguinário, de modo que o persuadissem de que ele não poderia manter seu reino em paz e por muito tempo, a menos que destruísse o nome dos inocentes. O qual, contudo, por juízo de Deus, após não muitos dias, tur-

prevenido pela morte piedosa, expirou cheio de vermes. Começou a perseguir com boca sanguinolenta toda a multidão dos católicos, que por toda a província africana se havia multiplicado à semelhança, como foi predito ao patriarca Abraão, da areia do mar, para que a ferísse com a espada do rebatismo e manchasse com sujeira imunda de negrume hediondo aquela veste singular e pura do batismo, que Cristo, purificando no novo lugar de sua carne, espremendo no prensador da cruz, fizera alva. Recebendo também o tirano, como era detestável e feroz, a sugestão serpentina, com éditos funestos começou a agitar de uma vez toda a África.

Primeiro, a uma copiosíssima e máxima multidão de sacerdotes e ministros, lançou ao exílio cruel nas regiões longínquas e extremas: aos quais ordenou que, por misericórdia, fosse dado, não o trigo duas vezes aguçado, que é concedido apenas aos animais comer, de modo algum triturado pela indústria do moinho, mas, permanecendo a casca do farelo, revestido como couraça; depois, porém, crescendo a insânia da impiedade, também isto

Ordenou que fossem removidos com a maior crueldade. Pouco tempo depois, também mandou que todas as igrejas fossem fechadas de uma só vez, com as veneráveis portas pré-julgadas, seladas com enormes blocos de cimento: pois ordenou que todos os mosteiros de homens ou de santas virgens fossem dados aos gentios, isto é, aos Mouros, juntamente com seus habitantes. Houve um único lamento para todos, um afeto íntegro e pleno de morrer por Cristo. Corriam rios iguais de lágrimas, porque o Senhor permitira que comessem pão de lágrimas e que fossem saciados com lágrimas em medida, ou talvez sem medida.

Embora tenha sido encontrada, saindo da arca e cobiçando cadáveres mortos, uma parte dos corvos perecíveis, maior é, contudo, em nome da Trindade, o número das felizes pombas. Quantos nobres e ótimos varões, senhores de amplo e vasto solo, trocaram a terra pelo céu e entregaram de uma vez o corpo com os bens, e delicadas e nobilíssimas mulheres, contra a vergonha da natureza, com a multidão olhando, foram açoitadas com varas, golpeadas e atormentadas com vários tormentos, carregando troféus vitoriosos! Quantas crianças, rindo dos éditos fúnebres, desprezaram o mundo antes de entrarem em sua sedutora vereda!

(III) Então foram presos também sete irmãos, quanto à concórdia do serviço do Senhor, habitando juntos num mosteiro, porque é bom e agradável que os irmãos habitem juntos, isto é, Bonifácio diácono, Servo subdiácono, Rústico subdiácono, Liberato abade, Rogato monge, Sétimo monge e Máximo monge, em número igual ao dos irmãos Macabeus, os quais uma só mãe, a Igreja Católica, gerara e pelas entranhas da fonte

eterna dera à luz para a salvação, do território da cidade de Capsa, à qual presidia o santo Vindemial, sacerdote insigne e fiel bispo de Cristo.

Aqueles que foram trazidos à cidade de Cartago, primeiramente a serpente quis sibilá-los com seduções lisonjeiras, prometendo honras caducas e riquezas de imensos prazeres, bem como amizades do rei e muitas outras coisas, que costumam capturar as almas dos insensatos com a visco mundana, ao passo que o diabo as espreita. Mas todos estes os soldados de Deus rejeitaram como contágios, clamando a uma só voz: 'Um só Senhor, uma só fé, um só batismo. Nem poderá ser repetido em nós, com o auxílio do Senhor, o que no santo evangelho uma vez foi ordenado que se desse; porque aquele que uma vez foi lavado, não tem necessidade de lavar-se outra vez, porque está limpo por completo. Fazei o que quiserdes, infligi penas aos nossos corpos: melhor é sofrer por um pouco de tempo suplícios temporais, do que padecer e suportar tormentos eternos. Tende vós as coisas que prometeis, pois com essas mesmas riquezas dentro em pouco perecereis. A nós, porém, ninguém poderá arrancar dos umbrais das frentes o que em um só batismo o Artífice da Trindade dignou-se inscrever.

(IV) Que mais? Enquanto com tal constância eram divinamente fortalecidos, foram ordenados a serem entregues à custódia carcerária, e assim, mais cruelmente sobrecarregados com pesos de ferro, foram destinados a lugares tenebrosos, onde nenhuma misericórdia de brandura sorria. Mas o povo da mencionada cidade, sempre fiel no Senhor, oferecendo um donativo aos carcereiros, dia e noite frequentava os mártires de Cristo e assim por eles era fortalecido na doutrina e na virtude da fé, de modo que também eles próprios, pelo nome de Cristo, desejassem suportar tais coisas com pleno deleite e oferecessem facilmente o pescoço sob a lâmina do perseguidor.

Isto, porém, chegou aos ouvidos do tirano; o qual, furioso pela embriaguez do furor, ordena que eles sejam submetidos a suplícios ainda inauditos e sobrecarregados com cadeias maiores, e manda que um

navio seja cheio de feixes de lenha seca e que, com todos amarrados no mesmo, sejam queimados no alto mar com fogo posto por baixo. (V) E, conduzidos para fora da prisão, a multidão do povo de Deus levava os guerreiros da Trindade como cordeiros inocentes para o sacrifício, e via os pesados grilhões rugindo como certas joias, porque aqueles não eram cadeias, mas sim ornamentos.

Caminhavam, pois, com confiança para o suplício, como se corressem para um banquete, com uma só voz, através das extensões das praças, cantando ao Senhor: 'Glória a Deus nas alturas, e paz na terra aos homens de boa vontade. Este dia é para nós votivo e mais festivo que toda solenidade. Eis agora o tempo aceitável, eis agora o dia da salvação, quando, com fé, somos conduzidos ao suplício preparado pelo Senhor nosso Deus, para que não percamos a veste da fé adquirida'. Mas também ao povo clamavam em voz pública: 'Não temais, ó povo de Deus, nem vos assusteis com as ameaças e terrores das tribulações presentes, mas antes morramos por Cristo, assim como Ele mesmo morreu por nós, remindo-nos com o preço do seu sangue salvífico'.

Contudo, com veemente esforço, procuravam os autores dos males separar da companhia dos santos aquele que entre eles parecia um menino, de nome Máximo, dizendo: "Menino, por que te apressas para a morte? Deixa-os, estão loucos, e ouve o nosso conselho, para que possas encontrar o remédio da vida e chegar ao palácio de tão grande rei." Então ele, embora de idade infantil, porém com maturidade senil, clamava: "De modo algum me separem de meu santo pai, o abade Liberato, e de meus irmãos, que me criaram no mosteiro. Com eles tenho vivido no temor de Deus, com eles desejo receber o sofrimento, com os quais creio encontrar também a futura glória."

Não penseis que podeis seduzir a minha juventude: ao mesmo tempo o Senhor quis reunir-nos a sete, ao mesmo tempo dignar-Se-á coroar a todos com um só martírio. Assim como ninguém pôde perecer daquele número setenário dos felizes Macabeus, assim também o número

setenário da nossa congregação não encontrará nenhum detrimento. Pois se eu o negar, também ele me negará, visto que por ele foi dito: 'qualquer que me negar diante dos homens, eu também o negarei diante de meu Pai, que está nos céus; e qualquer que me confessar diante dos homens, eu também o confessarei diante de meu Pai, que está nos céus'.

(VI) Conduzidos, pois, com pressa ao suplício naval por vontade do rei ímpio ou de seus ministros cruéis, com mãos e pés estendidos foram cravados, sendo carregados mais como tal do que amarrados. E quando o fogo foi lançado sobre a lenha, imediatamente por ordem divina, à vista de todos, foi apagado; e embora fosse reacendido repetidamente com alimento combustível, uma e outra vez se extinguíam os montes de lenha e as chamas. E como daí o tirano se enchesse ainda mais de fúria e ao mesmo tempo de vergonha, ordenou que fossem mortos a golpes de remos e assim cada um, à semelhança de cães, com os cérebros esmagados, foi eliminado. Os quais, por tal gênero de morte, felizmente entregaram o espírito devido ao Senhor, e não temeram ser mortificados por madeiras que os golpeavam, pois toda a sua esperança sempre esteve na madeira.

Mas quando lançavam ao mar os veneráveis corpos, imediatamente, contrariando a natureza do mar sereno, na mesma hora o oceano se apressou em devolver ilesos os corpos à praia, e não ousou, como é costume, retê-los por três dias no profundo, para não desobedecer minimamente ao preceito do Senhor. Diante desse tipo de milagre, até mesmo o próprio tirano, embora impenitente, como se conta, ficou atônito. Regozijando-se, porém, a multidão que ali estava, entregou os corpos dos santos mártires a uma cuidadosa sepultura, precedida pelo clero venerável da igreja Cartaginense; onde também os diáconos da pregação, já pela terceira vez confessores, Salutaris e Muritta, portadores das relíquias, estiveram presentes.

(VII) Foram então levadas com hinos solenes as relíquias benditas dos santos no mosteiro de Bigua, contíguo à basílica que se chama de

Celerina. E assim, na confissão da Trindade, os beatíssimos mártires sofreram e completaram o formoso curso de seu combate, com o Senhor coroando-os. A quem é a honra e a glória pelos séculos dos séculos. Amém. TERMINA A HISTÓRIA AFRICANA. COMEÇA O LIVRO PRIMEIRO DA HISTÓRIA ROMANA.

Aparato Critico

1. 4 triumphos P martyrtyl W 7 etenim] edenim W etiam P 10 atque impiissimi om. W 11 hueroici φab2 honirici P hostis antiquus a ueternus W 12 triaulci lingua Ws2β librans W chirila BVCsL cirilla M cjrilla a quondam P OMs: quendam BVXB quedam P quodam WaLb 18 ariromaaitarum W arrianitarum Pb1R arrianorum a episcopum BV1PR optinens V2sa 14 ita ut Ms2 15 optinere V2aPb 17 praeuenitur b expirauit WaLβ 20 habrahē VCs habrpe a patriaroe a arenae WPL 21 eam] etiam PB sauciare b
2. 18 Ps. 79, 6.
3. 2 proelo BVC18 prelo C'o fecerat] fuerat PR terrae a thetre (-e b) o 3 nigridinis W 4 docibilis aβ 7 et in longinquis a 8 acutum M solum β 9 molarum β. contritam om. β 10 luricatum BV1C1 (Schuch. II, 110; III, 200; Roensch 465) 12 quoque] uero M 14 cimentia W 16 donari 82aPR 18 promiserat et fcybari Pb 19 panem BV1 (Ψωμετεῖς ἡμῶς ἄστρον δακτύλων) : pane rell. 20 mensuram BVCa (Commodian. Instr : II, 17, 1 Ludww) : mensura rell. 21 archa M aP iniens P 22 praeuentium M 24 ceapites P1 25 carpuB V1 26 expectante Bφ WL expetente a
4. 7 Ps. 182, 1. 20 Eph. 4, 5.
5. 1 uictoriae β tropea b 2 ferocia a 3 priusquam] quam Ws* 5 et om. β continet om. β 6 monasteria F* 7 iocundum φ Wab2 bonum et iocundum est M 8 bonifaciub Ms LPb1B bonefaciub ab2 10 septiminus WaPR septimus monachua et maximus monachus om. C et maximus monachus om. β 11 machabeorum W MsALβ germanorum om. C 18 territorio BV1 (Schuch. II, 103) praeerat a 14 egreiua s antestis BY (Schuch. III, 187) antestes C* ut uid. qui acti β 15 cartaginiensem BVC1 cartaginensem WC2Ms carthaginensem reL. 16 serpens] sibi P 17 uoluptatum om. b amicitias W 18 occupante Pb 19 captiuare a milites christi β 20 unus deus unus dominus b 21 baptismum β 23 qui qui P locutus V1 W1 est lotus a
6. 1 lauare P' 2 poenis BV1 est om. P admodum b 3 pendere] pati P 4 paulum M 5 de postibus frontium] furentium a 6 unum b1 bapismate C 7.talia et munerentur P 8 custodia P honorati a artantis p 9 ponderebua s* 10 ille] iate P 11 fidelis] delia b 12 doctrinae uirtute P 13 tali PR ipsi om. W christi om. P 14 dilectione M profferre V1 ferre β. persequenti β 15 facile ab facili PR tyranicas W 16 ascensus b 17 honerari aPh* nauimque WbL nanem a 18 adque B 19 in om. BY'L in medio pelagns a per medium pelagus (pelegus V1) V2C Ms 21 trinitatis Bequebatur. quos quasi Ws* deducebat inimienis et Ws* 22 rugentium a cathenarum a munilia BV (Schuch. II, 137; Roensch 465) peruidebat] plucebant WS2 '23 fuerant M 24 incedebantque a
7. 2 Luc. 2, 14. 4 II Cor. 6, 2.
8. 1 currentes a decantee V1 canentes W 4 aollempnitati b 5 nuc dies W dei om. Ms 6 proferimur ad Ba (ad in B erasum): proferimur V1 proferimus s1PR perferimus rell. 7 populi W publica P

- clamabat b 8 o om. β adque b tortores P 10 et om. W 11 pretia sanguine PB p̄cioso sanguine b 13 seperare 8 14 eoe si a 16 etàtè V1 18 abbate liberato Wβ a om. Ms 22 sēptē W 24 potuit perire Ms sptenario W illo om. Ms 25 machabeorum φ a L β monachabeorum W etiam] et W 26 dementam V1C1
9. 1 Mt. 10, 32-33.
10. 1 quoniam] quia a 2 et ego om. P ego om. b 3 et qui me confessus ... caelis om. W 6 producti a confestinatione b naualem BV1: nauale rell. 7 nefandi a 8 clauati] eleuatis β legati b1 9 inlectus β 10 extinctus W 11 papulis V1C1R populis P extinguebatur B V1 C1aL 12 globi WS2: globo reU. extinguebatur... globus Halmius rogi globi flammaram om. a 14 cominutis W 15 generi M rediderunt VG 16 expauerunt al linguis Pb 18 ictarentur C' 19 eadem in b eras. et post hora addit. m. 2 pelagus in P eras. 20 ausua Bl (Kuehner, Gr. 1, 300): auBum rell. est om. o1 21 detinere β 22 inpenitus V1 penitus C
11. VII.
12. 8
13. 1 uenerabilia B1 cartaginensis Btp carthaginensis ab 2 dyaconis P R diaconi b confessoris β saluatoris W muriUe P murrite b ex corr. 4 ymnis CW Mβ lipsanae Vav 5 beatae om. P sanctorum reliquiae Wa biguae om. ap 6 celebrinae BVCWsaL cezebrine M celerinae PR 8 domino coronante a 9 amen amen M amen. Explicit historia africana a amen. Finit historia b Y in marg. inf. paginae sequentis, 'quae uacua relicta est, haec habet: Ezpiicit historia africana. Incipit liber primus EutropiL In B desinit Passio fol. 8ST; fol. 88* in marg. inf. leguntur:

stoa0292p.stoa002

NOTÍCIA DAS PROVÍNCIAS E CIDADES DA ÁFRICA. A = 113 séc. IX; cf. pref. p. XII. H = em Ortelius no Thes. geogr. (Antuérpia 1596). Começam os nomes dos bispos católicos das diversas províncias, que em Cartago, por ordem real, vieram para prestar contas da fé no dia das Calendas de Fevereiro, no sexto ano do rei Hunerico. Nomes dos bispos da província proconsular ou que foram enviados ao exílio. Eugênio de Cartago Tamalleni. Félix de Aborita. exílio. Paulo de Sinnara. exílio. Félix de Pia, Córsega. exílio. Mariano de Hippzarita, como acima. Pascásio de Gunela, como acima. Sacônio de Uzala, como acima. Bonifácio de Membresa. fug. Gulosus de Benevento, Córsega. Reparato de Utimira, como acima. Pastinato de Puppi, como acima. Reparato de Puppiano. Fortunaciano de Aradita. Córsega. Deumhabet de Thela. Córsega. Liberato de Mullita, como acima. das províncias A sexto] antes oitavo; cf. Viet. III, 4 província A 1 Tamalleni] este lugar (torre Tamalleni Itin. Ant.) Ruinart confundiu muito mal com a cidade Tamallumense (Viet. III, 45; Not. Byz. 55): cf. Not. Dignit. seção L, onde se distinguem o prepósito do limite Tamalense e o prep. lim. Tamallomense 2 Aboritanus conj. Ruin.: abaritanus A; conhecemos a província Abaritana, não conhecemos a cidade 5 hipzarintensis H 6 gunelmensis H 7 uzialensis AH 8 membrositanus A 9 benentensis H 10 utimiensis H Mâncio de Duas-Senemsal. Hirundino de Missua. Córsega. Jonas de Lapda. como acima. Peregrino de Assurita, no exílio. aqui. Quintiano de Uricita. Crescônio de Tonno. prbt. Florêncio de Útica. Córsega. Pascásio de Migirpa, como acima. Caríssimo de Gisipa. no exílio. Caio de Uzita. prbt. Excioso de Uera. Córsega. Crescente de Cicisa. no exílio. Bonifácio de Uolita. Córsega. Félix de Carpi, como acima. Carcádio de Maxula, como acima. Cipriano de Bonusta. Dalmácio de Tina. Córsega. Emiliano de

Culusita. Córsega. Félix de Bulla. prbt. Clementino de Nápoles. Córsega. Félix de Curuba, como acima. Deatério de Simmina, como acima. Aurélio de Clipea, como acima. Corônio de Megalópolis, como acima. Benenato de Timida, como acima. Vicente de Zigga. no exílio. Florêncio de Semina. Córsega. 16 Duasaenemsalensis Haimius Duas-Senemsal Baluzius: duassedemsaí AH 19 aqui] cf. Papencordt p. 371 sq. 20 arcitanus A uracitanus H; cf. Viet. I, 10 21 Tonnonensis eu (conc. Cartago a. 525): tennonensis A prbt] sobre esta sigla consulte a advertência de Ruinart na Notit. Afric. (LVIII, p. 267 Migne) e Papencordt p. 372 26 exitziosus A 27 cresces cicsitanus A (Cicisa Tab. Peut.) 98 bolitanns AH (as letras b e u em A frequentemente se confundem) 82 Tinisensis eu: tinnisensis A, tinicensis H (?) 33 Culnsitanns eu (Viet. III, 26): culsitanus AH 36 Curubitanus eu (Agostinho C. D. XXII, 8): curbitanus A 37 simminiensis H 39 megapolitanus H 40 timidianensis H Honorato de Tagarata. prbt. Vindêmio de Altuburita. exílio. Cipriano de Cella, no exílio. Augêncio de Uzipparita. no exílio.

Cassoso de Ausana. Aqui. Maximino de Naraggarita. Aqui. Félix de Muzua. João de Bulla Régia. Crescitur de Tituli. Benenato de Tuburbo. Vítor de Teudala. Pascásio de Tulana. São em número de 50. Nomes dos bispos da província da Numídia. Félix de Bercera. Augêncio de Gazaufala. presbítero. Quodvultdeus de Calama. Honório de Castelo. Leôncio de Burco. Firmiano de Centúria. presbítero. Rufiniano de Vada. Paulo de Niba. presbítero. Marcial de Gira. Vítor de Cuículo. Crescônio de Ampora. Adeodato de Fessei. presbítero. Vitaliano de Bocconia. Duumviral de Bamacora. presbítero. Donato de Ausucuro. Paládio de Idicra. presbítero. Gaudêncio de Putia. Vítor de Suggita. Benenato de Lambira. Timóteo de Tagura. Melior de Fossala. Na. Frumêncio de Tubursico. Félix de Lamsorta. Abúndio de Tididi. presbítero. Valentiniano de Monte. presbítero. Adeodato de Nova-Barbares. Adeodato de Idassa. Florêncio de Nova-Germânia. Vilático das Casas

Médias. Eusébio de Susicazia. Victorino da Nova Cesaréia. Vitaliano de Uazarita. Júnior de Tigillaba. Vigílio de Bessana. presbítero. Lepório de Augura. Pascêncio de Octava. Pedro de Mada. Félix de Mathara. presbítero. Florêncio de Centenária. Félix de Gilba. presbítero. Florêncio de Midila. Flumínio de Tabuda. Optânncio dos Casenses Calanenses. Peregrino de Pudentiana. presbítero. Félix de Nova-Sparsa. presbítero. Feliciano de Meta. Domnico de Cesaréia. presbítero. Cândido de Nova-Sina. presbítero. Quodvultdeus de Caeliana. nam. Januário de Iattara. Victorino do Castelo Tituliano. Frutuoso de Giro Marcelo. Crescônio de Tbarasa. Máximo de Sillita. presbítero. Vigílio de Hizirzada. presbítero. Vítor de Município. Servo de Arsicara. Félix de Casa-Nigra. Donaciano de Vegesela. Pudêncio de Madaura. Donato de Rusticiana. Donato de Vila-Ege. Crescente de Buffada. presbítero. Adeodato de Sistrioniana. presbítero. Rústico de Tipasa. Simplício de Tibili. Estêvão de Sinita. Pascêncio de Cathaqua. Córsega. Donaciano de Teglata. Crescônio de Zaba.

Antoniano de Musti. Reparato de Tubunio. Anastásio de Água-Nova. Victorino de Babra, presbítero. Félix de Tebessa. Domnino de Moxori, do metal. Segundo de Tamogazi, presbítero. Victorino de Legi. Quodvultdeus de Respecta. Januário de Velefito. Benenato de Mazaca, presbítero. Donato de Iuguri, presbítero. Vítor de Cirta, presbítero. Pardálio de Macomadi. Januário de Legi, presbítero. Quodvultdeus de Torres da Concórdia. Máximo de Lamfu, presbítero. Marcelino de Uagrauti. Domnicoso de Tígisita. Donato de Gilba. Fortúnio de Regiana, presbítero. Donato de Sila. Vítor de Gaudíaba. Januariano de Masculi. Januário de Centúria. Félix de Suavi. Crescentiano de Germânia. Aníbonio de Vadesita. Januário de Gauriana, presbítero. Fortunaciano de Naratcata. Máximo de Lamiggiga. Félix de Garba, presbítero. Júlio de Vagarmelita. Ponticano de Forma, presbítero. Vítor de Torres Ammeniarum. Servo de Belesasa. Honorato de Fata. Mensor de Forma. Peregrino de Mulia. Gedálio de Ospita. Fulgêncio de Vagada, presbítero.

Secundino de Lamasba. Crescêncio de Tacarata. Benenato de Milevi. Quodvultdeus de Ullita. Profício de Seleuciana, presbítero. Profício de Vada, presbítero. Januário de Tagaste, presbítero. Donato de Maximiana. Adeodato de Zaradta, presbítero. Feliciano de Giru Tarasi. Cardelo de Lamiggiga. Flaviano de Vico-Pacense. São em número cento e vinte e cinco. Nomes dos bispos da província da Bizacena. De Uassinassa. E de Águas. Liberato de Amudarsa, presbítero. Mansueto de Afufeni. Pascásio de Septimunci. Hortulano de Beaeſi. Victorino de Anonsa. Evódio de Mididi. Terenciano de Tubulbaci. Rogaciano de Valentiniana. Bonifácio de Mascliana.

Vitorino de Severiana. Vitor de Nara. Leôncio de Decoriana. Servo de Deus de Tambéia. Leto de Nepta. Félix de Custra, presbítero. Flaviano de Buleliana. Décimo de Teuzita. Servando de Putia. Restituto de Tagamute. Presídio de Sufétula, no exílio. Eustrácio de Sufes. Secundino de Gárria, presbítero. Prefeciano de Abaradira, presbítero. Sabinico de Octávia. Adélfio de Máctaris. Restituto de Aquiaben. Antácio de Mediana. Mêncio de Tures. Filtioso de Aggárita. Eubódio de A. Valentiniano de. Seberiano de. Leto de. Custense de. Flaviano de Bubeliana. Zteasitano de. Servando de. Enstrásio de. Garrense de. Sabinico de Octabiense. Aquiabense de. Fastidioso de Egnácia. Germano de Parádamos. Donato de Érmia. Pascásio de Tenita. Domnino de Taraza. Hilarino de Trofimiana. Fortunaciano de Leptis Minor. Honório de Tagária. Albino de Octávia. Aurélio de Feradi Maior. Félix de Crepedula. Cipriano de Unuzibira. Inocêncio de Muzuca. Possídio de Massimana. Vitor de Vita não ocorre. Vitorino de Scebatiana. Adeodato de Pederodiana. Atenio de Circina. Florêncio de Tuzira. Vindiciano de Marazana. Adélfio de Máctaris. Adeodato de Praecausa. Restituto de Águas Albas. Félix de Irpínia. Vitorino de Usula. Habetdeus de Tamalluma. Concórdio de Cululis. Servo de Menefessa. Quintiano de Casulis Cária. Restituto de Acolita. Vindemial de Capsa. Quodvultdeus de Dura, presbítero. Heliodoro de Cufruta. Marcelino de Tasbalta.

Fortunaciano de Cilita. Honório de Tízia. Bonifácio de Foratiana. Sérvio de Arsúrita. Félix de Forontoniana. Succensiano de Febiana. Juliano de Vararita. Bonifácio de Frontoniana. Secundiano de Mimiana. No exílio. Donato de Boana. Bonifácio de Marágua. Pirasio de Nátio. Fausto de Presídia. Rústico de Tetcita. Primiano de Gurgis. Bonifácio de Filaca. Honório de Macriana, presbítero. Frumêncio de Telepte. Honório de Oppena. Fortunaciano de Tagarbala. Simplício de Carcabiana. Donato de Rufiniana. Liberato de Águas Régias, presbítero. Victoriano de Questoriana. Rufiniano de Victoriana. Máximo de Gummita. Peregrino de Materiana. Fortunato de Mozotcorita.

62 cufratense H 63 tasbaltense H 66 Foratianense de Ruin. (Viet. II, 101): fortianense A, forianense H 68 ferontonianense H 71 frotonianense H 72 cf. Vict. II, 45 74 maraguinense H 78 Gurgitense Ruin.: gnrkaitense AH 82 opemieniB H 83 tagarbolense H 85 ruffianense H 87 QaaestorianenBia Ruin.: questorianense AH Pacatus de Uico - Ateriense. Proficius Sublectino. Saturated Ireense. Mangentius Ticualtense. Uillaticus Auzezerense. Cresconius Temonianense presbítero. Paulus Turre-Blandino presbítero. Restitutus Segermitano no exílio xii. Uictor Gauuaritano. Donatianus Aeliense. Stephanus Ruspense. Uinitor Talaptulense. Hortensius Autentense. Tertullus Iuncense. Eusebius Iubaltianense presbítero. Seruitius Unuricopolitano. Donatus Aggaritano. Uigilius Tapsitano. São em número cvu. E cátedras que não tiveram bispos. Madassuma. Dionisiana. Sulianis. Orrea Célia. Cunculiana. Ticibus. São em número v. 92 Uicoateriense Ruin.: uicoateiense A 97 Temonianense coni. Ruin.: temoniarensiB AH 99 restutus A; cf. Schuch. II, 436 100 gaunaritano H 101 Aeliense scripsi (Aeliae Tab. Peut.) : eliense A 102 rnsfense A rufenais H 103 taleptlnenaia H 104 Antentense scripsi: antentesis A auteniense H 106 iabalcianense H 107 nnorecopolitano H; este lugar é manifesto que recebeu o nome do rei Hunirico que A 110 madyssumma H 111 donisiana AH; cf. Schuch. II, 445 112 sulianae H Nomes dos bispos de Manr

Cesariense. 1 Glorinus Iuncense. Tiberianus Quizense. Uictor Sufaritano. SjrusSyrus Corniculanense. Lucius Itense. Honoratus Timicitano. Donatus Nouicense presbítero. Patera Milianense. Reparatus Giru - Montense. Auus Altabense. Donatus Panatoriense. Martialis Columnatense. Subdatius Sucardense. Subitanus Idense presbítero. Donatus Tifiltense. Felicianus Idense. Onesimus Fidolomense. Uictor Taborentense. Uerecundus Nouense. Stephanus Zucabaritano. Apocorius Cesariense. Felix Rusubiritano. Donatus Subbaritano. Ianuarius Aquense. Martianus Murus - Tagense presbítero. Claudius Uagalitano. Passitanus Tigsawitano. Salo Fallabense. Donatianus Usinadense. Paulus Flumen - Zeritano. Nicetius Castello - Minoritano. 2 teberianus et quidiensis A; cf. Schuch. II, 2; I, 68 7 nobicense AH 9 girumentense H 12 columpnatense A 19 nobense AH 20 Zucabaritano scripsi: zucabiaritano A 22 cf. PtoI. IV, 2 'Ρουσουβιρρσρ 23 aubarritano H 29 usidanense H Restitutus Florianense. MensinsMensius Ala-Miliarense. Maxentius Tigamibenense presbítero. Urbanus Amaurense presbítero. Crescens Sestense presbítero. Donatus Ternamusense. Fortis Caput - Cillense. Ianuarius Nasbineense presbítero. Palladius Bacanariense. Ualens Uillae-Nouense. Passinatus Masncoabense presbítero. Longinus Pamariense. HonorinsHonorius Benepotense. BnrcoBurco Uardimissense presbítero. Felix Ambiense. Emilius Mediense. Arator Catulense. Caecilius Minnense. Lucidus Cartennitano. Uictor BegiensisRegiense. Rogatianus Uannidense presbítero. Primus Caprense. Metcun Rusuccuritano. Rufus Sfasferiense. Eusebius Obbitano.

Securo de Timidana. Donato de Fronte. Vítor de Loos. Quodvultdeu de Tabala, presbítero. Restituto de Lápide, presbítero. Donato de Voncar. 32 Restituto A 34 Tigamibe H 36 Cresce A 37 Ternamo Balúsio: Ternamuno A 89 Narbinca B 41 Balens (Bolena H) Villenova AH; cf. Num. 25, Maur. Caes. 86 42 Mazuca H 44 Benepote Ruin.: Benepotente A 49 Cecílio corrigi; cf. infr. 91: Cecílios A Minuense H 57 Timidana H 61

Restituto A VII. 9 Bonifácio de Rusguni. Venâncio de Ópido Novo, presbítero. Matásio de Castelo Abaritano. Félix de Águas Sirenses. Vítor de Caltátria, presbítero. Crescêncio de Tigava. Idônio de Busada. Geliano de Reperita. Inácio de Ubada. Pedro de Oborita. Fausto de Castra Severiana. Vital de Castra Nova. Pedro de Castelo, presbítero. Quintásio de Muteca. Paulino de Bubioara. Pascásio de Mammila. Tacano de Albula. Emptácio de Sicesa. Talásio de Gratianópolis. Vítor de Manaccensa, presbítero. Panônio de Bitá. Félix de Flenucleta, presbítero. Campano de Bida. Valentino de Castelo Mediano. Romano de Sufar. Segundo de Mauriana. Reparato de Vultur. Lúcio de Maturba, presbítero. Cecílio de Baliana. Rogato de Sereddela. 64 Venâncio AH Ópido Nova A Ópido Nova H 65 Abaritano corrigi: Iabaritanas A; Castelo Aboritano mencionado por Ortélio 66 Águas Sirenses A 68 Cresce Tigabitano A 69 Rusaxu Tab. Peut., *Πουσατουίς Ptol. IV, 2; portanto, erroneamente Harduino conjectura Ruaadira 70 Geliano eu: cf. Mawr. Sit. 16, Trip. 1: Geliano A 71 Ubadense H: Ubabense A 78 Castra Severiana AH 74 Castra Nova A Castra Nova H 81 Gratianópolis corrigi: Gratinópolis A 89 Vultur corrigi: Vultur AH Minguin de Nova, presbítero. Reparato de Castelo Tatroporto. Filo de Arsinnara. Bassino de Elefantária, presbítero. Patera de Cataba. Vincemalo de Bapara. Reparato de Tipasa, presbítero. Romano de Tamada, presbítero. Vítor de Vncariana. Maddânio de Murcona. Crispino de Tabadcara. Quodvultdeu de Subbula, presbítero. Davi de Tadamata. Candidiano de Catra, presbítero. Reparato de Cissa. Poequário de Tasaccur, presbítero. Quinto de Tabunio, presbítero. Máximo de Tuscamia. Auxílio de Gunugu, presbítero. Reparato de Sita. Saturnino de Uissalsa, presbítero. Félix de Maxita, presbítero. Caio de Adsinnada, presbítero. Crescêncio de Satafa, presbítero. Saturnino de Serta, presbítero. Vítor de Numídia, presbítero. Cereal de Castelo Bipa. Lúcio de Tamazuca. 'São N. cxx. 93 Nova A 96 Bassino de Elefantária corrigi: Vassino de Elefantária A 98 Vincemalo] cf. Drac. Satisf. 302 Duhn. 100 Tamada H Ruin.: Tamadempse A 103 Tababoarena H 104 Subbula eu (Optat. III, 4):

Sommula A Sumula H 105 Tadama H 110 Tuscania H 111 Gunugu Ruin.:
Gunagu A Gunaita H 113 Uissalsa H 116 Cresce A 119 Este é o Cereal de
Castelo, de quem existe um libelo contra Maximino, o ARIANO 120
Tamaz H 9* e das cátedras que não tiveram bispos.

Maiucense. Maurense. Nabalense. Tingariense. Tubunense.
Oboritano. N. m. Nomes dos bispos da província da Mauritània
Sitifense. Bufino Rufino Tamalumense. Donato Sitifense. Máximo
Cobiense. Domitiano Igilgitano. Honório Aquae-Albense. Festo
Satafense. Vítor Horrense. Máximo Thubusubditano. Vítor Ierafitano.
Vádio Lesbitano. Pacato Equizotense. Félix Castellano presbítero.
Constâncio Gegitano. Vítor Eminentianense. Saturnino Sociense
presbítero. Tiago Lemellefense. Cresciturio Cellense presbítero. Emerito
Macrense presbítero. Redux Nova-Licianense. Argentio Zallatense.
Vindêmio Lemfoctense. Avus Ficense. Restituto Macrianense presbítero.
Vital Assafense. Vítor Flumen-Piscense. Invenino Maronanense.
Romano Molicunzense. Vitorino Serteitano presbítero. Montano
Cedamusense. Clemente Thamagristense. Adeodato Privatense. Bogato
Rogato Parteniense. Vildático Mozotense. Honrado Tamascaniense
presbítero. Justo Acufidense presbítero. Emílias Asuoremixtense. Uzulo
Thuccense. Aufídio Suristense. Vitorino Perdicense. Possessor Zabense.
Pascásio Salditano. Flaviano Uamallense. São em número XLIIII. Nomes
dos bispos da província Tripolitana. Calípedes Lepti-Magnense. Leão
Sabratense. Faustino Girbitano. Crescônio Oeense. Servílio Tacapitano.
São em número V. Nomes dos bispos da ilha da Sardenha. Lúçifer
Calaritano. Martiniano de Fórum Trajano. Bonifácio de Sanafer. Macário
de Minorca. Vital Sulcitano. Félix de Turribus. Elias de Maiorica. Opílio
de Ebuso. São em número VIII. E assim são todos os bispos das diversas
províncias em número CCCCLXVI. Dos quais pereceram em número
LXXXVm., isto é, da Proconsular em número m., da província da
Numídia em número XXXIII, da província da Mauritània Cesariense em
número XXXII. Permaneceram em número CCCLXXVIII. Relegados

para a Córsega em número XLVI. Aqui relegados em número CCCII. Fugitivos em número XXVIII. Sofredor em número i. Confessor em número i.

Aparato Critico

1. prouintiarum A sexto] immo octauo; cf. Viet. III, 4 prouiotiae A 1 Tamalleni] hunc locum (turris Tamalleni Itin. Ant.) Ruinartus pessime confudit cum ciuitate Tamallumensi (Viet. III, 45; Not. Byz. 55): cf. Not. Dignit. sect. L, ubi distinguuntur praeporitus limitis Thamallensis et praep. limo Tbamallomensis 2 Aboritanus con. Ruin.: abaritanus A; Abaritanam prouinciam scimus, oppidum nescimus 5 hipzarintensis H 6 gunelmensis H 7 uzialensis AH 8 membrositanus A 9 benentensis H 10 utimiensis H
2. 16 Duasaenemsalensis Haimius Duas-Senemsal Baluzius: duassedemsai AH 19 hic] cf. Papencordt p. 371 sq. 20 arcitanus A uracitanus H; cf. Viet. I, 10 21 Tonnonensis ego (conc. Carth. a. 525): tennonensis A prbt] de hoc siglo conferas Ruinarti admonit. in Notit. Afric. (LVIII, p. 267 Migne) et Papencordt p. 372 26 exitziosus A 27 cresces cicsitanus A (Cicisa Tab. Peut.) 98 bolitanns AH (Zitterae b et u in A saepe confunduntur) 82 Tinisensis ego: tinnisensis A, tinicensis H (?) 33 Culnsitanns ego (Viet. III, 26): culsitanus AH 36 Curubitanus ego (August. C. D. XXII, 8): curbitanus A 37 simminiensis H 39 megapolitanus H 40 timidianensis H
3. 43 tagarensis H 44 altubaritanus H 48 maraggaritanus A, naraggaritensis H 50 regio A 53 TeudalensiB scripsi (Vict. J, 23): eudalensis AH, Theudalensis Balueius prouintiae A 1 becerritanus H 2 gazaufalensis AH 5 bursensis H 6 Centurionensis uulgo: centurianensis AH 14 dumuirialis A; cf. Hoffmann, Ind. gramm. ad Afr. prou. tit. p. 24, Schuch. II, 506 et 330 Bamaccorensis scripsi; cf. Cyprian. ed. Hartd I, p. 448, 14: damatcorensis A
4. 19 iammritanus AH 21 siglum N& (cf. infr. 49) Halmius deprauatum esse censet ex noc = non occurrit 22 tubusicensis AH 23 iamsortensis A H 24 tiditanus H 25 monteeis A; cf. Hoffmann l. c. p. 15 26 nobabarbarensis A 27 idaoensis H 28 nobagermaniensis A nobagermanensis H 29 billaticus (Byz. 96, Maur. Sit. 33) de casis medianensis A: at cf. Uict. II, 101 36 octabensis A 43 Casensium Oalanensium scripsi: casensi calanensi A Casensicalanensis Ruin.; sed cf. prou. proc. 50 Bullensium Regiorum et JButn. ad. prou. Num. 29
5. 44 Pudentianensis Ruin.: punentianensis AH 45 nobasparsensis A nobaspartensis H 48 nobasinensis A 50 Iattarensis ego (i = z Schuch. I, 69); cf. Vict. II, 101: iacterensis AH 51 eastellu titalianu A; cf. Schuch. II, 92 sqq. castello titulitano H 62 giga marcellae H 58 cassenignensis H cassennignensis A 59 Uegeselitanus Buin.: ueselitanus A uesolitanus H 62 Uillategensis Ruin.: uilladegensis AH 63 cresces A 66 tiblitanus H 68 Catbaquensis Baluzius, Corsica ego: cetbaquensuca A 72 tnbaniensis H
6. 73 aquenobensis A 76 maxoritanus H metallo] cf : Uict. III, 68 80 uelesitanus H 83 circensib AH (mss antiqui Augustm. ep. 139 non habent circensem, sed cirtensem, item ep. 144 cirtensibuB, quod propter Buinartum et Halmium moneo) 85 legiensis B 86 a ego, cf. infr. 105 de Tnrres Ammeniarum: ad turres concordia A turris concordiae H 87 Lamfuensis Ruin.:

- iamfuensis AH 94 Masculitana Ruin.: marculitanui AH 96 suauiensis H suabensis A 100 narateatensis H 101 lamigginensis H
7. 103 uagormelitanuB H Magarmelitanus Baluzius 105 turris sammeriarum H 106 balesasensis H 111 uagradensis H 112 Lamasbensis uulgo: lamasuensis A 115 uillitanus H: Ululitana susp. est Halmius 116 seleutianensis A seleuciaemeia H 118 tagartensis H 119 maximinensis H 120 Zaradtensis Ruin.: zaradtassis AH 123 flabianus A uicas pacensis H Nomina etc. desunt in A 1 prbt amudarsensis A: transposui
8. 6 eubodius A (= Εὐβόδιος; cf. Schuch. II, 523 not.) 7 tnbolbacensis H 8 Ualentinianensis scripsi, cf. Buin.: uadentinianensis A 10 seberianensis AH 13 cf. Vict. III, 28 14 letns A; cf. Vict. II, 52 15 custensis H 16 flabianus A bubelianensis H 17 zteasitanus H 18 serbandus A 20 cf. Viet. II, 46 21 enstrasius A; cf. Vict. I, 23 22 garrensis H 24 sabinicaus A; cf. Schuch. II, 507; III, 809 octabiensis A 26 aquiaben/// (s eras.) A, Aquiabensis uulgo; scrib. fort. Aquis-Albensis; cf. infr. 52 Aquis-Albensium et Maur. Sitif. 5 Aquae- Albensis
9. 31 paradamiensis H peradamiensis A 33 teuitanus H 35 Trofimianensis scripsi (coll. Carth. 133): trofianianensis A 36 leptimiensis H 38 octabensis A 41 cf. Viet. II, 33 43 non occurrit] cf. Papencordt, Gesch. d. vand. Herrsch. p. 372; Ebm, Gesch. d. christl.-lat. Lit. p. 434 47 circitanus H 49 marazianensis A 55 habetdeu A; cf. Vide III, 45 60 cabsensis A
10. 62 cufrentensis H 63 thasbaltensis H 66 Foratianensis Ruin. (Viet. II, 101): fortianensis A, forianensis H 68 ferontonianensis H 71 frotonianensis H 72 cf. Viet. II, 45 74 maraguinensis H 78 Gurgitensis Ruin.: gnrgaitensis AH 82 opemieniB H 83 tagarbolensis H 85 ruffianensis H 87 QaaestorianenBia Ruin.: questorianensis AH
11. 92 Uicoateriensis Ruin.: uicoateirensis A 97 Temonianensis con. Ruin.: temoniariensB AH 99 restutus A; cf. Schuch. II, 436 100 gaunaritanus H 101 Aeliensis scripsi (Aeliae Tab. Peut.) : eliensis A 102 rnsfensis A rufenais H 103 taleptnlenia H 104 Antentensis scripsi: antentensis A auteniensis H 106 iabalcianensis H 107 nnorecopolitanus H; hunc locum ab Hunirico rege nomen accepisse manifestum est qui A 110 madyssumma H 111 donisiana AH; cf. Schuch. II, 445 112 sulianae H
12. 2 teberianus et quidiensis A; cf. Schuch. II, 2; I, 68 7 nobicensis AH 9 girumentensis H 12 columnpatensis A 19 nobensis AH 20 Zucabaritanus scripsi: zucabiaritanus A 22 cf. Ptol. IV, 2 'Ρουσουβιρρηρ 23 aubarritanus H 29 usidanensis H
13. 32 restutus A 34 tigamibemensis H 36 cresces A 37 Ternamusensis Baluzius: ternamunensis A 89 narbincansis B 41 balens (bolena H) uillenobensis AH; cf. Num. 25, Maur. Caes. 86 42 mazuccabensis H 44 Benepoteasis Ruin.: benepotentis A 49 Caecilius scripsi; cf. infr. 91: eecilios A minuensis H 57 timidianensis H 61 restutus A
14. VII.
15. 9
16. 64 benantias AH oppidonebensis A opidonobensis H 65 Abaritanus scripsi: iabaritanus A; Castellum Aboritanum Ortelius memorat 66 aquisirensis A 68 cresces tigabitanns A 69 Rusaxu Tab. Peut., *ΡουσοιῦςPtol. IV, 2; male ergo Harduinusconi. Ruaadrianus 70 Gellianus ego : cf. Mawr. Sit. 16, Trip. 1: gelianvs A 71 ubadensis H: ubabensis A 78 castraseberianensis AH 74 castranobensis A castronobensis H 81 Gratianopolitanus scripei: gratinopolitanus A 89 Uulturiensis scripsi: bulturiensis AH
17. 93 nobensis A 96 Bassinus Elefantariensis scripsi: uassinus elfantariensB A 98 Uincemalos] cf. Drac. Satisf. 302 Duhn. 100 Tamadensis H Ruin. : tamadempsis A 103 tababoarenais H 104 Subbulensis ego (Optat. III, 4): sommulensis A sumulensis H 105 tadamensis H 110 tnscaniensis H 111 Gunugitanus Ruin.: gunagitanus A gunaitanns H 113 uissalensis H 116

- cresoes A 119 hic est Gerealis Castellensis, cuius extat contra Maximinum Arianum libellus
120 tamazensis H
18. 9*
19. 3 couienis A 4 igillitanus H 8 Thubusubditanus scripsi: thugusubditanus AH 9 gerafitanus B
10 lesuitanus A 11 equotensis H 16 Lemellefensis ego: lemelefenis AH 19 nobalicianensis AH
22 Aans ego: abus A; cf. Maur. Caes. 10 23 restutus A
20. 26 maronengis H 27 molicontensis B 30 tamagristensis H
21. 1 Callippidee (Καλλιπιδῆς) scripsi: calipides A; cf. Maur. Sit. 16, Maur. Caes. 70 4 oenais A;
cf. Vict. I, 23
22. 2 troiani A; cf. Schuch. I, 171
23. 8 euuso A 1 prouintiarum A 5 numidie A 7 CCCCLXXVIII A
24. prouintiarum A sexto] immo octauo; cf. Viet. III, 4 prouitiiae A 1 Tamallen] hunc locum
(turris Tamalleni Itin. Ant.) Ruinartus pessime confudit cum ciuitate Tamallumensi (Viet. III,
45; Not. Byz. 55); cf. Not. Dignit. sect. L, ubi distinguuntur praeporitus limitis Thamallensis
et praep. limo Tbamallomensis 2 Aboritanus coni. Ruin.: abaritanus A; Abaritanam
prouinciam scimus, oppidum nescimus 5 hipzarintensis H 6 gunelmensis H 7 uzialensis AH 8
membrositanus A 9 benentensis H 10 utimiensis H
25. 16 Duasaenemsalensis Haimius Duas-Senemsal Baluzius: duassedemsai AH 19 hic] cf.
Papencordt p. 371 sq. 20 arcitanus A uracitanus H; cf. Viet. I, 10 21 Tonnonensis ego (conc.
Carth. a. 525): tennonensis A prbt] de hoc siglo conferas Ruinarti admonit. in Notit. Afric.
(LVIII, p. 267 Migne) et Papencordt p. 372 26 exitiosus A 27 cresces cicisitanus A (Cicisa Tab.
Peut.) 98 bolitans AH (Zitterae b et u in A saepe confunduntur) 82 Tinisensis ego:
tinnisensis A, tincensis H (?) 33 Culnsitans ego (Viet. III, 26): culsitanus AH 36
Curubitanus ego (August. C. D. XXII, 8): curbitanus A 37 simminiensis H 39 megapolitanus
H 40 timidianensis H
26. 43 tagarensis H 44 altubaritanus H 48 maraggaritanus A, naraggaritensis H 50 regio A 53
TeudalensisB scripsi (Vict. J, 23): eudalensis AH, Theudalensis Balueius prouintiae A 1
becerritanus H 2 gazaufalensis AH 5 bursensis H 6 Centurionensis uulgo: centurianensis AH
14 dumuirialis A; cf. Hoffmann, Ind. gramm. ad Afr. prou. tit. p. 24, Schuch. II, 506 et 330
Bamaccorensis scripsi; cf. Cyprian. ed. Hartd I, p. 448, 14: damatcorensis A
27. 19 iammritanus AH 21 siglum N& (cf. infr. 49) Halmius deprauatum esse censet ex noc = non
occurrit 22 tubusicensis AH 23 iamsortensis A H 24 tiditanus H 25 mteeensis A; cf. Hoff-
mann I. c. p. 15 26 nobabarbarensis A 27 idaoensis H 28 nobagermaniensis A
nobagermanensis H 29 billaticus (Byz. 96, Maur. Sit. 33) de casis medianensis A: at cf. Uict.
II, 101 36 octabensis A 43 Casensium Oalanensium scripsi: casensi calanensi A
Casensicalanensis Ruin.; sed cf. prou. proc. 50 Bullensium Regiorum et JButn. ad. prou.
Num. 29
28. 44 Pudentianensis Ruin.: punentianensis AH 45 nobasparsensis A nobaspartensis H 48
nobasinensis A 50 Iattarensis ego (i = z Schuch. I, 69); cf. Vict. II, 101: iacterensis AH 51
eastellu titalianu A; cf. Schuch. II, 92 sqq. castello titulitano H 62 giga marcellae H 58
cassenigrensensis H cassennigrensensis A 59 Uegeselitanus Buin.: ueselitanus A uesolitanus H 62
Uillategensis Ruin.: uilladegensis AH 63 cresces A 66 tiblitanus H 68 Catbaquensis Baluzius,
Corsica ego: cetbaquensusca A 72 tnbaniensis H
29. 73 aquenobensis A 76 maxoritanus H metallo] cf: Uict. III, 68 80 uelesitanus H 83 circensib
AH (mss antiqui Augustm. ep. 139 non habent circensem, sed cirtensem, item ep. 144
cirtensibuB, quod propter Buinartum et Halmium moneo) 85 legiensis B 86 a ego, cf. infr.

- 105 de Tnrres Ammeniarum: ad turres concordii A turris concordiae H 87 Lamfuensis Ruin.: iamfuensis AH 94 Masculitana Ruin.: marculitanu AH 96 suauensis H suabensis A 100 narateatensis H 101 lamigginensis H
30. 103 uagormelitanuB H Magarmelitanus Baluzius 105 turris sammeriarum H 106 balesasensis H 111 uagradensis H 112 Lamasbensis uulgo: lamasensis A 115 uillitanus H: Ululitanas susp. est Halmius 116 seleutianensis A seleuciameneia H 118 tagartensis H 119 maximinensis H 120 Zaradtensis Ruin.: zaradtassis AH 123 flabianus A uicas pacensis H Nomina etc. desunt in A 1 prbt amudarsensis A: transposui
31. 6 eubodius A (= Εὐόδιος : cf. Schuch. II, 523 not.) 7 tnbolbacensis H 8 Ualentinianensis scripsi, cf. Buin.: uadentinianensis A 10 seberianensis AH 13 cf. Vict. III, 28 14 letns A; cf. Vict. II, 52 15 custensis H 16 flabianus A bubelianensis H 17 zteasitanus H 18 serbandus A 20 cf. Viet. II, 46 21 enstrasius A ; cf. Vict. I, 23 22 garrensis H 24 sabinicaus A; cf. Schuch. II, 507; III, 809 octabiensis A 26 aquiaben/// (s eras.) A, Aquiabensis uulgo; scrib. fort. Aquis-Albensis; cf. infr. 52 Aquis-Albensium et Maur. Sitif. 5 Aquae- Albensis
32. 31 paradamiensis H peradamiensis A 33 teuitanos H 35 Trofimianensis scripsi (coll. Carth. 133): trofinianensis A 36 leptimiensis H 38 octabensis A 41 cf. Viet. II, 33 43 non occurrit] cf. Papencordt, Gesch. d. vand. Herrsch. p. 372; Ebm, Gesch. d. christl.-lat. Lit. p. 434 47 circitanus H 49 marazianensis A 55 habetdeu A; cf. Vide III, 45 60 cabsensis A
33. 62 cufratensis H 63 thasbaltensis H 66 Foratianensis Ruin. (Viet. II, 101): fortianensis A, forianensis H 68 ferontonianensis H 71 frotonianensis H 72 cf. Vict. II, 45 74 maraguinensis H 78 Gurgitensis Ruin.: gurgaitensis AH 82 opemieneiB H 83 tagarbolensis H 85 ruffianensis H 87 QaestorianenBia Ruin.: questorianensis AH
34. 92 Uicoateriensis Ruin.: uicoateirensis A 97 Temonianensis con. Ruin.: temoniariensisB AH 99 restutus A; cf. Schuch. II, 436 100 gaunaritanus H 101 Aeliensis scripsi (Aeliae Tab. Peut.) : eliensis A 102 rnsfensis A rufenais H 103 taleptlenaia H 104 Antentensis scripsi: antentensis A auteniensis H 106 iabalcianensis H 107 mmoreopolitanus H; hunc locum ab Hunirico rege nomen accepisse manifestum est qui A 110 madyssumma H 111 donisiana AH; cf. Schuch. II, 445 112 sulianae H
35. 2 teberianus et quidiensis A; cf. Schuch. II, 2; I, 68 7 nobicensis AH 9 girumentensis H 12 columpnatensis A 19 nobensis AH 20 Zucabaritanus scripsi: zucabiaritanus A 22 cf. PtoI. IV, 2 Πουσσουβήρρηρ 23 aubarritanus H 29 usidanensis H
36. 32 restutus A 34 tīgamibemensis H 36 cresces A 37 Ternamusensis Balusius: ternamunensis A 89 narbincansis B 41 balens (bolena H) uillenobensis AH; cf. Num. 25, Maur. Caes. 86 42 mazuccabensis H 44 Benepoteasis Ruin.: benepotentis A 49 Caecilius scripsi; cf. infr. 91: eecilios A minuensis H 57 timidianensis H 61 restutus A
37. VII.
38. 9
39. 64 benantias AH oppidonebensis A opidonobensis H 65 Abaritanus scripsi: iabaritanas A; Castellum Aboritanum Ortelius memorat 66 aquisirensis A 68 cresces tīgabitanns A 69 Rusaxu Tab. Peut., *ΠουσσουῆςPtol. IV, 2; male ergo Harduinusconi. Ruaadiranus 70 Gellianus ego : cf. Mawr. Sit. 16, Trip. 1: gelianvs A 71 ubadensis H: ubabensis A 78 castraseberianensis AH 74 castranobensis A castronobensis H 81 Gratianopolitanus scripei: gratinopolitanus A 89 Uulturiensis scripsi: bulturiensis AH
40. 93 nobensis A 96 Bassinus Elefantariensis scripsi: uassinus elfantariensisB A 98 Uincemalos] cf. Drac. Satisf. 302 Duhn. 100 Tamadensis H Ruin. : tamadempsis A 103 tababoarenais H 104 Subbulensis ego (Opat. III, 4): sommulensis A sumulensis H 105 tadamensis H 110

- tmscaniensis H 111 Gunugitanus Ruin.: gunagitanus A gunaitanns H 113 uissalensis H 116 cresoes A 119 hic est Gerealis Castellensis, cuius extat contra Maximinum Arianum libellus 120 tamazensis H
41. 9*
42. 3 couiensis A 4 igillitanus H 8 Thubusubditanus scripsi: thugusubditanus AH 9 gerafitanus B 10 lesuitanus A 11 equotensis H 16 Lemellefensis ego: lemelefensis AH 19 nobalicianensis AH 22 Aans ego: abus A; cf. Maur. Caes. 10 23 restutus A
43. 26 maronengis H 27 molicontensis B 30 tamagristensis H
44. 1 Callippidee (Καλλιπιδῆς) scripsi: calipides A; cf. Maur. Sit. 16, Maur. Caes. 70 4 oenais A; cf. Vict. I, 23
45. 2 troiani A; cf. Schuch. I, 171
46. 8 euuso A 1 prouintiarum A 5 numidie A 7 CCCCLXXVIII A
47. prouintiarum A sexto] immo octauo; cf. Viet. III, 4 prouiotiae A 1 Tamalleni] hunc locum (turris Tamalleni Itin. Ant.) Ruinartus pessime confudit cum ciuitate Tamallumensi (Viet. III, 45; Not. Byz. 55): cf. Not. Dignit. sect. L, ubi distinguuntur praeporitus limitis Thamallensis et praep. limo Thamallomensis 2 Aboritanus con. Ruin.: abaritanus A; Abaritanam prouinciam scimus, oppidum nescimus 5 hipzarintensis H 6 gunelmensis H 7 uzialensis AH 8 membrositanus A 9 benentensis H 10 utimiensis H
48. 16 Duasaenemsalensis Haimius Duas-Senemsal Baluzius: duassedemsai AH 19 hic] cf. Papencordt p. 371 sq. 20 arcitanus A uracitanus H; cf. Viet. I, 10 21 Tonnonensis ego (conc. Carth. a. 525): tennonensis A prbt] de hoc siglo conferas Ruinarti admonit. in Notit. Afric. (LVIII, p. 267 Migne) et Papencordt p. 372 26 exitziosus A 27 cresces cicitanus A (Cicis Tab. Peut.) 98 bolitanns AH (Zitterae b et u in A saepe confunduntur) 82 Tinenis ego: tinnisensis A, tinicensis H (?) 33 Culnsitanns ego (Viet. III, 26): culsitanus AH 36 Curubitanus ego (August. C. D. XXII, 8): curbitanus A 37 simminiensis H 39 megapolitanus H 40 timidianensis H
49. 43 tagarensis H 44 altubaritanus H 48 maraggaritanus A, naraggaritensis H 50 regio A 53 TeudalensiB scripsi (Vict. J, 23): eudalensis AH, Theudalensis Balueius prouintiae A 1 becerritanus H 2 gazaufalensis AH 5 bursensis H 6 Centurionensis uulgo: centurianensis AH 14 dumuirialis A; cf. Hoffmann, Ind. gramm. ad Afr. prou. tit. p. 24, Schuch. II, 506 et 330 Bamaccorensis scripsi; cf. Cyprian. ed. Hartd I, p. 448, 14: damatcorensis A
50. 19 iammritanus AH 21 siglum N& (cf. infr. 49) Halmius deprauatum esse censet ex noc = non occurrit 22 tubusicensis AH 23 iamsortensis A H 24 tiditanus H 25 monteeis A; cf. Hoffmann I. c. p. 15 26 nobabarbarensis A 27 idaoensis H 28 nobagermaniensis A nobagermanensis H 29 billaticus (Byz. 96, Maur. Sit. 33) de casis medianensis A: at cf. Uict. II, 101 36 octabensis A 43 Casensium Oalanensium scripsi: casensi calanensi A Casensicalanensis Ruin.; sed cf. prou. proc. 50 Bullensium Regiorum et JButn. ad. prou. Num. 29
51. 44 Pudentianensis Ruin.: punentianensis AH 45 nobasparsensis A nobaspartensis H 48 nobasinensis A 50 Iattarensis ego (i = z Schuch. I, 69); cf. Vict. II, 101: iacterensis AH 51 eastellu titalianu A; cf. Schuch. II, 92 sqq. castello titulitano H 62 giga marcellae H 58 cassenigrensensis H cassennigrensensis A 59 Uegeselitanus Buin.: ueselitanus A uesolitanus H 62 Uillatagensis Ruin.: uilladegensis AH 63 cresces A 66 tiblitanus H 68 Catbaquensis Baluzius, Corsica ego: cethbaquensuca A 72 Inbaniensis H
52. 73 aquenobensis A 76 maxoritanus H metallo] cf.: Uict. III, 68 80 uelesitanus H 83 circensib AH (mss antiqui Augustm. ep. 139 non habent circensem, sed cirtensem, item ep, 144

- cirtensibuB, quod propter Buinartum et Halmium moneo) 85 legiensis B 86 a ego, cf. infr. 105 de Tnrres Ammeniarum: ad turres concordii A turris concordiae H 87 Lamfuensis Ruin.: iamfuensis AH 94 Masculitana Ruin.: marculitanuī AH 96 suauensis H suabensis A 100 narateatensis H 101 lamiginensis H
53. 103 uagormelitanuB H Magarmelitanus Baluzius 105 turris sammeriarum H 106 balesasensis H 111 uagradensis H 112 Lamasbensis uulgo: lamasuensis A 115 uillitanus H: Ululitanas susp. est Halmius 116 seleutianensis A seleuciamenea H 118 tagartensis H 119 maximinensis H 120 Zaradtensis Ruin.: zaradtassis AH 123 flabianus A uicas pacensis H Nomina etc. desunt in A 1 prbt amudarsensis A: transposui
54. 6 eubodius A (= Εὐβόδιος; cf. Schuch. II, 523 not.) 7 tnbolbacensis H 8 Ualentianensis scripsi, cf. Buin.: uadentinianensis A 10 seberianensis AH 13 cf. Vict. III, 28 14 letns A; cf. Vict. II, 52 15 custensis H 16 flabianus A bubelianensis H 17 zteasitanus H 18 serbandus A 20 cf. Viet. II, 46 21 enstrasius A; cf. Vict. I, 23 22 garrensis H 24 sabinicaus A; cf. Schuch. II, 507; III, 809 octabiensis A 26 aquiaben/// (s eras.) A, Aquiabensis uulgo; scrib. fort. Aquis-Albensis; cf. infr. 52 Aquis-Albentium et Maur. Sitif. 5 Aquae-Albensis
55. 31 paradamiensis H peradamiensis A 33 teuitanos H 35 Trofimianensis scripsi (coll. Carth. 133): trofimianensis A 36 leptimiensis H 38 octabensis A 41 cf. Viet. II, 33 43 non occurrit] cf. Papencordt, Gesch. d. vand. Herrsch. p. 372; Ebm, Gesch. d. christl.-lat. Lit. p. 434 47 circitanus H 49 marazianensis A 55 habetdeu A; cf. Vide III, 45 60 cabsensis A
56. 62 cufratensis H 63 thasbaltensis H 66 Foratianensis Ruin. (Viet. II, 101): fortianensis A, forianensis H 68 ferontonianensis H 71 frotonianensis H 72 cf. Viet. II, 45 74 maraguinensis H 78 Gurgitensis Ruin.: gnrkaitensis AH 82 opemieneiB H 83 tagarbolensis H 85 ruffianensis H 87 QaaestorianenBia Ruin.: questorianensis AH
57. 92 Uicoateriensis Ruin.: uicoateirensis A 97 Temonianensis con. Ruin.: temoniariensiB AH 99 restutus A; cf. Schuch. II, 436 100 gaunaritanus H 101 Aeliensis scripsi (Aeliae Tab. Peut.): eliensis A 102 rnsfensis A rufenais H 103 taleptnlenea H 104 Antentensis scripsi: antentensis A auteniensis H 106 iabalcianensis H 107 nnorecopolitanus H; hunc locum ab Hunirico rege nomen accepisse manifestum est qui A 110 madyssumma H 111 donisiana AH; cf. Schuch. II, 445 112 sulianae H
58. 2 teberianus et quidiensis A; cf. Schuch. II, 2; I, 68 7 nobicensis AH 9 girumentensis H 12 columpnatensis A 19 nobensis AH 20 Zucabaritanus scripsi: zucabiaritanus A 22 cf. PtoI. IV, 2 'Ρουσουβιρρορρ 23 aubarritanus H 29 usidanensis H
59. 32 restutus A 34 tigamibemensis H 36 cresces A 37 Ternamusensis Balusius: ternamunensis A 89 narbincansis B 41 balens (bolena H) uillenobensis AH; ef. Num. 25, Maur. Caes. 86 42 mazuccabensis H 44 Benepoteas Ruin.: benepotentis A 49 Caecilius sripsi; cf. infr. 91: eecilios A minuensis H 57 timidianensis H 61 restutus A
60. VII.
61. 9
62. 64 benantias AH oppidonebensis A opidonobensis H 65 Abaritanus scripsi: iabaritanas A; Castellum Aboritanum Ortelius memorat 66 aquisirensis A 68 cresces tigabitanns A 69 Rusaxu Tab. Peut., *ΡουσοουῆPtol. IV, 2; male ergo Harduinusconi. Ruaadiranus 70 Gellianus ego; cf. Mawr. Sit. 16, Trip. 1: gelianvs A 71 ubadensis H: ubabensis A 78 castraseberianensis AH 74 castranobensis A castronobensis H 81 Gratianopolitanus sripei: gratinopolitanus A 89 Uulturiensis scripsi: bulturiensis AH
63. 93 nobensis A 96 Bassinus Elefantariensis scripsi: uassinus elfantariensiB A 98 Uincemalos] cf. Drac. Satisf. 302 Duhn. 100 Tamadensis H Ruin. : tamadempsis A 103 tababoarenais H

- 104 Subbulensis ego (Optat. III, 4): sommulensis A sumulensis H 105 tadamensis H 110 tnsكانيensis H 111 Gunugitanus Ruin.: gunagitanus A gunaitans H 113 uissalensis H 116 cresoes A 119 hic est Gerealis Castellensis, cuius extat contra Maximinum Arianum libellus 120 tamazensis H
64. 9*
65. 3 couiensis A 4 igillitanus H 8 Thubusubditanus scripsi: thugusubditanus AH 9 gerafitanus B 10 lesuitanus A 11 equotensis H 16 Lemellefensis ego: lemelefensis AH 19 nobalicianensis AH 22 Aans ego: abus A; cf. Maur. Caes. 10 23 restutus A
66. 26 maronengis H 27 molicontensis B 30 tamagristensis H
67. 1 Callippidee (Καλλιπιδης) scripsi: calipides A; cf. Maur. Sit. 16, Maur. Caes. 70 4 oenais A; cf. Vict. I, 23
68. 2 troiani A; cf. Schuch. I, 171
69. 8 euuso A 1 prouintiarum A 5 numidie A 7 CCCCLXXVIII A
70. prouintiarum A sexto] immo octauo; cf. Viet. III, 4 prouiotiae A 1 Tamalleni] hunc locum (turris Tamalleni Itin. Ant.) Ruinartus pessime confudit cum ciuitate Tamallumensi (Viet. III, 45; Not. Byz. 55): cf. Not. Dignit. sect. L, ubi distinguuntur praeporitus limitis Thamallensis et praep. limo Tbamallomensis 2 Aboritanus con. Ruin.: abaritanus A; Abaritanam prouinciam scimus, oppidum nescimus 5 hipzaritensis H 6 gunelmensis H 7 uzialensis AH 8 membrositanus A 9 benentensis H 10 utimiensis H
71. 16 Duasaenemsalensis Haimius Duas-Senemsal Baluzius: duassedemsai AH 19 hic] cf. Papencordt p. 371 sq. 20 arcitanus A uracitanus H; cf. Viet. I, 10 21 Tonnonensis ego (conc. Carth. a. 525): tennonensis A prbt] de hoc siglo conferas Ruinarti admonit. in Notit. Afric. (LVIII, p. 267 Migne) et Papencordt p. 372 26 exitziosus A 27 cresces cicsitanus A (Cicisa Tab. Peut.) 98 bolitanns AH (Zitterae b et u in A saepe confunduntur) 82 Tinisensis ego: tinnisensis A, tinicensis H (?) 33 Culnsitanus ego (Viet. III, 26): culsitanus AH 36 Curubitanus ego (August. C. D. XXII, 8): curbitanus A 37 simminiensis H 39 megapolitanus H 40 timidianensis H
72. 43 tagarensis H 44 altubaritanus H 48 maraggaritanus A, naraggaritensis H 50 regio A 53 TeudalensiB scripsi (Vict. J, 23): eudalensis AH, Theudalensis Balueius prouintiae A 1 becerritanus H 2 gazaufalensis AH 5 bursensis H 6 Centurionensis uulgo: centurianensis AH 14 dumuirialis A; cf. Hoffmann, Ind. gramm. ad Afr. prou. tit. p. 24, Schuch. II, 506 et 330 Bamaccorensis scripsi; cf. Cyprian. ed. Hartd I, p. 448, 14: damatcorensis A
73. 19 iammritanus AH 21 siglum N& (cf. infr. 49) Halmius deprauatum esse censet ex noc = non occurrit 22 tubusicensis AH 23 iamsortensis A H 24 tiditanus H 25 montees A; cf. Hoffmann l. c. p. 15 26 nobabarbarensis A 27 idaoensis H 28 nobagermaniensis A nobagermanensis H 29 billaticus (Byz. 96, Maur. Sit. 33) de casis medianensis A: at cf. Uict. II, 101 36 octabensis A 43 Casensium Oalanensium scripsi: casensi calanensi A Casensicalanensis Ruin.; sed cf. prou. proc. 50 Bullensium Regiorum et JButn. ad. prou. Num. 29
74. 44 Pudentianensis Ruin.: punentianensis AH 45 nobasparsensis A nobaspartensis H 48 nobasinensis A 50 lattarensis ego (i = z Schuch. I, 69); cf. Vict. II, 101: iacterensis AH 51 eastellu titalianu A; cf. Schuch. II, 92 sqq. castello titulitano H 62 giga marcellae H 58 cassennigrens H cassennigrens A 59 Uegeselitanus Buin.: ueselitanus A uesolitanus H 62 Uillatagensis Ruin.: uilladegensis AH 63 cresces A 66 tiblitanus H 68 Catbaquensis Baluzius, Corsica ego: cetbaquensuca A 72 tnbaniensis H

75. 73 aquenobensis A 76 maxoritanus H metallo] cf : Uict. III, 68 80 uelesitanus H 83 circensisB AH (mss antiqui Augustm. ep. 139 non habent circensem, sed cirtensem, item ep. 144 cirtensibuB, quod propter Buinartum et Halmium moneo) 85 legiensis B 86 a ego, cf. infr. 105 de Tnrres Ammeniarum: ad turres concordiae H 87 Lamfuensis Ruin.: iamfuensis AH 94 Masculitana Ruin.: marculitanui AH 96 suauensis H suabensis A 100 narateatensis H 101 lamiginensis H
76. 103 uagormelitanuB H Magarmelitanus Baluzius 105 turris sammeriarum H 106 balesansis H 111 uagradensis H 112 Lamasbensis uulgo: lamasuensis A 115 uillitanus H: Ululitanas susp. est Halmius 116 seleutianensis A seleuciameinea H 118 tagartensis H 119 maximinensis H 120 Zaradtensis Ruin.: zaradtassis AH 123 flabianus A uicas pacensis H Nomina etc. desunt in A 1 prbt amudarsensis A: transposui
77. 6 eubodius A (= Εὐόδιος : cf. Schuch. II, 523 not.) 7 tnbolbacensis H 8 Ualentinianensis scripsi, cf. Buin.: uadentinianensis A 10 seberianensis AH 13 cf. Vict. III, 28 14 letns A; cf. Vict. II, 52 15 custensis H 16 flabianus A bubelianensis H 17 zteasitanus H 18 serbandus A 20 cf. Viet. II, 46 21 enstrasius A ; cf. Vict. I, 23 22 garrens H 24 sabinicaus A; cf. Schuch. II, 507; III, 809 octabiensis A 26 aquiabent/// (s eras.) A, Aquiabensis uulgo; scrib. fort. Aquis-Albensis; cf. infr. 52 Aquis-Albensium et Maur. Sitif. 5 Aquae- Albensis
78. 31 paradamiensis H peradamiensis A 33 teuitanus H 35 Trofimianensis scripsi (coll. Carth. 133): trofianianensis A 36 leptimianensis H 38 octabensis A 41 cf. Viet. II, 33 43 non occurrit] cf. Papencordt, Gesch. d. vand. Herrsch. p. 372; Ebm, Gesch. d. christl.-lat. Lit. p. 434 47 circitanus H 49 marazianensis A 55 habetdeu A; cf. Vide III, 45 60 cabsensis A
79. 62 cufratensis H 63 thasbaltensis H 66 Foratianensis Ruin. (Viet. II, 101): fortianensis A, forianensis H 68 ferontonianensis H 71 frotonianensis H 72 cf. Viet. II, 45 74 maraguinensis H 78 Gurgitensis Ruin.: gnrgaitensis AH 82 opemieneiB H 83 tagarbolensis H 85 ruffianensis H 87 QuaestorianenBia Ruin.: questorianensis AH
80. 92 Uicoateriensis Ruin.: uicoateirensis A 97 Temonianensis con. Ruin.: temoniariensB AH 99 restutus A; cf. Schuch. II, 436 100 gaunaritanus H 101 Aeliensis scripsi (Aeliae Tab. Peut.) : eliensis A 102 rnsfensis A rufenais H 103 taleptnlenaia H 104 Antentensis scripsi: antentensis A auteniensis H 106 iabalcianensis H 107 nnorecopolitanus H; hunc locum ab Hunirico rege nomen accepisse manifestum est qui A 110 madyssumma H 111 donisiana AH; cf. Schuch. II, 445 112 sulianae H
81. 2 teberianus et quidiensis A; cf. Schuch. II, 2; I, 68 7 nobicensis AH 9 girumentensis H 12 columpnatensis A 19 nobensis AH 20 Zucabaritanus scripsi: zucabiaritanus A 22 cf. PtoI. IV, 2 'Ρουσουβιρρορρ 23 aubarritanus H 29 usidanensis H
82. 32 restutus A 34 tigamibemensis H 36 cresces A 37 Ternamusensis Baluzius: ternamunensis A 89 narbincans B 41 balens (bolena H) uillenobensis AH; cf. Num. 25, Maur. Caes. 86 42 mazuccabensis H 44 Benepoteasis Ruin.: benepotentis A 49 Caecilius srips; cf. infr. 91: eecilios A minuensis H 57 timidianensis H 61 restutus A
83. VII.
84. 9
85. 64 benantias AH oppidonebensis A opidonobensis H 65 Abaritanus scripsi: iabaritanas A; Castellum Aboritanum Ortelius memorat 66 aquisirensis A 68 cresces tigabitanns A 69 Rusaxu Tab. Peut., *ΡουσοουεPtol. IV, 2; male ergo Harduinusconi. Ruaadiranus 70 Gellianus ego : cf. Mawr. Sit. 16, Trip. 1: gelianvs A 71 ubadensis H: ubabensis A 78 castraseberianensis AH 74 castranobensis A castronobensis H 81 Gratianopolitanus scripei: gratinopolitanus A 89 Uulturiensis scripsi: bulturiensis AH

86. 93 nobensis A 96 Bassinus Elefantariensis scripsi: uassinus elfantariensis B A 98 Uincemalos] cf. Drac. Satisf. 302 Duhn. 100 Tamadensis H Ruin. : tamadempsis A 103 tababoarenais H 104 Subbulensis ego (Optat. III, 4): sommulensis A sumulensis H 105 tadamensis H 110 tncaniensis H 111 Gunugitanus Ruin.: gunagitanus A gunaitanns H 113 uissalensis H 116 cresoes A 119 hic est Gerealis Castellensis, cuius extat contra Maximinum Arianum libellus 120 tamazensis H
87. 9*
88. 3 couiensis A 4 igillitanus H 8 Thubusubditanus scripsi: thugusubditanus AH 9 gerafitanus B 10 lesuitanus A 11 equotensis H 16 Lemellefensis ego: lemelefensis AH 19 nobalcianensis AH 22 Aans ego: abus A; cf. Maur. Caes. 10 23 restutus A
89. 26 maronensis H 27 molicontensis B 30 tamagristensis H
90. 1 Callippidee (Καλλιπιδής) scripsi: calipides A; cf. Maur. Sit. 16, Maur. Caes. 70 4 oenais A; cf. Vict. I, 23
91. 2 troiani A; cf. Schuch. I, 171
92. 8 euuso A 1 prouintiarum A 5 numidie A 7 CCCCLXXVIII A
93. prouintiarum A sexto] immo octauo; cf. Viet. III, 4 prouiotiae A 1 Tamalleni] hunc locum (turris Tamalleni Itin. Ant.) Ruinartus pessime confudit cum ciuitate Tamallumensi (Viet. III, 45; Not. Byz. 55): cf. Not. Dignit. sect. L, ubi distinguuntur praeporitus limitis Thamallensis et praep. limo Tbamallomensis 2 Aboritanus coni. Ruin.: abaritanus A; Abaritanam prouinciam scimus, oppidum nescimus 5 hipzarintensis H 6 gunelmensis H 7 uzialensis AH 8 membrositanus A 9 benentensis H 10 utimiensis H
94. 16 Duasaenemalensis Haimius Duas-Senemal Baluzius: duassedemal AH 19 hic] cf. Papencordt p. 371 sq. 20 arcitanus A uracitanus H; cf. Viet. I, 10 21 Tonnonensis ego (conc. Carth. a. 525): tennonensis A prbt] de hoc siglo conferas Ruinarti admonit. in Notit. Afric. (LVIII, p. 267 Migne) et Papencordt p. 372 26 exitziosus A 27 cresces cicsitanus A (Cicisa Tab. Peut.) 98 bolitanns AH (Zitterae b et u in A saepe confunduntur) 82 Tinisensis ego: tinnisensis A, tinicensis H (?) 33 Culnsitanns ego (Viet. III, 26): culsitanus AH 36 Curubitanus ego (August. C. D. XXII, 8): curbitanus A 37 simminiensis H 39 megapolitanus H 40 timidianensis H
95. 43 tagarensis H 44 altubaritanus H 48 maraggaritanus A, naraggaritensis H 50 regio A 53 Teudalensis B scripsi (Vict. J, 23): eudalensis AH, Theudalensis Balueius prouintiae A 1 becerritanus H 2 gazaufalensis AH 5 bursensis H 6 Centurionensis uvlgo: centurianensis AH 14 dumuirialis A; cf. Hoffmann, Ind. gramm. ad Afr. prou. tit. p. 24, Schuch. II, 506 et 330 Bamaccorensis scripsi; cf. Cyprian. ed. Hartd I, p. 448, 14: damatcorensis A
96. 19 iammritanus AH 21 siglum N& (cf. infr. 49) Halmius deprauatum esse censet ex noc = non occurrit 22 tubusicensis AH 23 iamsortensis A H 24 tiditanus H 25 montees A; cf. Hoffmann l. c. p. 15 26 nobabarbarensis A 27 idaensis H 28 nobagermaniensis A nobagermanensis H 29 billaticus (Byz. 96, Maur. Sit. 33) de casis medianensis A: at cf. Uict. II, 101 36 octabensis A 43 Casensium Oalanensium scripsi: casensi calanensi A Casensicalanensis Ruin.; sed cf. prou. proc. 50 Bullensium Regionum et JButn. ad prou. Num. 29
97. 44 Pudentianensis Ruin.: punentianensis AH 45 nobasparsensis A nobaspartensis H 48 nobasinensis A 50 Iattarensis ego (i = z Schuch. I, 69); cf. Vict. II, 101: iacterensis AH 51 eastellu titalianu A; cf. Schuch. II, 92 sqq. castello titulitano H 62 giga marcellae H 58 cassenigrens H cassennigrens A 59 Uegeselitanus Buin.: ueselitanus A uesolitanus H 62

- Uillatagensis Ruin.: uilladagensis AH 63 cresces A 66 tiblitanus H 68 Catbaquensis Baluzius, Corsica ego: cetbaquensusca A 72 tnbaniensis H
98. 73 aquenobensis A 76 maxoritanus H metallo] cf : Uict. III, 68 80 uelesitanus H 83 circensib AH (mss antiqui Augustm. ep. 139 non habent circensem, sed cirtensem, item ep, 144 cirtensibuB, quod propter Buinartum et Halmium moneo) 85 legiensis B 86 a ego, cf. infr. 105 de Tnrres Ammeniarum: ad turres concordi A turris concordiae H 87 Lamfuensis Ruin.: iamfuensis AH 94 Masculitana Ruin.: marculitanui AH 96 suauensis H suabensis A 100 narateatensis H 101 lamigginensis H
99. 103 uagormelitanuB H Magarmelitanus Baluzius 105 turris sammeriarum H 106 balesasensis H 111 uagradensis H 112 Lamasbensis uulgo: lamasuensis A 115 uillitanus H: Ululitanas susp. est Halmius 116 seleutianensis A seleuciamenea H 118 tagartensis H 119 maximinensis H 120 Zaradtensis Ruin.: zaradtassis AH 123 flabianus A uicas pacensis H Nomina etc. desunt in A 1 prbt amudarsensis A: transposui
100. 6 ebodius A (= Εὐόδιος : cf. Schuch. II, 523 not.) 7 tnbolbacensis H 8 Valentianensis scripsi, cf. Buin.: uadentinianensis A 10 seberianensis AH 13 cf. Vict. III, 28 14 letns A; cf. Vict. II, 52 15 custensis H 16 flabianus A bubelianensis H 17 zteasitanus H 18 serbandus A 20 cf. Viet. II, 46 21 enstrasius A ; cf. Vict. I, 23 22 garrensis H 24 sabinicaus A; cf. Schuch. II, 507; III, 809 octabiensis A 26 aquiaben// (s eras.) A, Aquiabensis uulgo; scrib. fort. Aquis-Albensis; cf. infr. 52 Aquis-Albensium et Maur. Sitif. 5 Aquae- Albensis
101. 31 paradamiensis H peradamiensis A 33 teuitanos H 35 Trofimianensis scripsi (coll. Carth. 133): trofinianensis A 36 leptimiensis H 38 octabensis A 41 cf. Viet. II, 33 43 non occurrit] cf. Papencordt, Gesch. d. vand. Herrsch. p. 372; Ebm, Gesch. d. christl.-lat. Lit. p. 434 47 circitanus H 49 marazianensis A 55 habetdeu A; cf. Vide III, 45 60 cabsensis A
102. 62 cufratensis H 63 thasbaltensis H 66 Foratianensis Ruin. (Viet. II, 101): fortianensis A, forianensis H 68 ferontonianensis H 71 frotonianensis H 72 cf. Viet. II, 45 74 maraguinensis H 78 Gurgitensis Ruin.: grgaitensis AH 82 opemieneiB H 83 tagarbolensis H 85 ruffianensis H 87 QaestorianenBia Ruin.: questorianensis AH
103. 92 Uicoateriensis Ruin.: uicoateirensis A 97 Temonianensis con. Ruin.: temonianiensB AH 99 restutus A; cf. Schuch. II, 436 100 gaunaritanus H 101 Aeliensis scripsi (Aeliae Tab. Peut.) : eliensis A 102 rnsfensis A rufenais H 103 taleptnlenaia H 104 Antentensis scripsi: antentesis A auteniensis H 106 iabalcianensis H 107 nmorecopolitanus H; hunc locum ab Hunirico rege nomen accepisse manifestum est qui A 110 madyssumma H 111 donisiana AH; cf. Schuch. II, 445 112 sulianae H
104. 2 teberianus et quidiensis A; cf. Schuch. II, 2; I, 68 7 nobicensis AH 9 girumentensis H 12 columpnatensis A 19 nobensis AH 20 Zucabaritanus scripsi: zucabiaritanus A 22 cf. PtoI. IV, 2 Πουσουβιρρορρ 23 aubarritanus H 29 usidanensis H
105. 32 restutus A 34 tīgamibemensis H 36 cresces A 37 Ternamusensis Baluzius: ternamunensis A 89 narbincansis B 41 balens (bolena H) uillenobensis AH; cf. Num. 25, Maur. Caes. 86 42 mazuccabensis H 44 Benepoteasis Ruin.: benepotentis A 49 Caecilius srips; cf. infr. 91: eecilios A minuensis H 57 timidianensis H 61 restutus A
106. VII.
107. 9
108. 64 benantias AH oppidonebensis A opidonobensis H 65 Abaritanus scripsi: iabaritanas A; Castellum Aboritanum Ortelius memorat 66 aquisirensis A 68 cresces tīgabitanns A 69 Rusaxu Tab. Peut., *ΠουσατουῦPtol. IV, 2; male ergo Harduinusconi. Ruaadiranus 70 Gellianus ego : cf. Mawr. Sit. 16, Trip. 1: gelianvs A 71 ubadensis H: ubabensis A 78

- castraseberianensis AH 74 castranobensis A castronobensis H 81 Gratianopolitanus scripei: gratinopolitanus A 89 Uulturiensis scripsi: bulturiensis AH
109. 93 nobensis A 96 Bassinus Elefantariensis scripsi: uassinus elfantariensis B A 98 Uincemalos] cf. Drac. Satisf. 302 Duhn. 100 Tamadensis H Ruin. : tamadempsis A 103 tababoarenais H 104 Subbulensis ego (Opat. III, 4): sommulensis A sumulensis H 105 tadadensis H 110 tnsكانيensis H 111 Gunugitanus Ruin.: gunagitanus A gunaitanns H 113 uissalensis H 116 cresoes A 119 hic est Gerealis Castellensis, cuius extat contra Maximum Arianum libellus 120 tamazensis H
110. 9*
111. 3 couiensis A 4 igillitanus H 8 Thubusubditanus scripsi: thugusubditanus AH 9 gerafitanus B 10 lesuitanus A 11 equotensis H 16 Lemellefensis ego: lemelefensis AH 19 nobalicianensis AH 22 Aans ego: abus A; cf. Maur. Caes. 10 23 restutus A
112. 26 maronengis H 27 molicontensis B 30 tamagristensis H
113. 1 Callippidee (Καλλιπιδῆς) scripsi: calipides A; cf. Maur. Sit. 16, Maur. Caes. 70 4 oenais A; cf. Vict. I, 23
114. 2 troiani A; cf. Schuch. I, 171
115. 8 euuso A 1 prouintiarum A 5 numidie A 7 CCCCLXXVIII A
116. prouintiarum A sexto] immo octauo; cf. Viet. III, 4 prouiotiae A 1 Tamalleni] hunc locum (turris Tamalleni Itin. Ant.) Ruinartus pessime confudit cum ciuitate Tamallumensi (Viet. III, 45; Not. Byz. 55): cf. Not. Dignit. sect. L, ubi distinguuntur praeporitus limitis Thamallensis et praep. limo Thamallomensis 2 Aboritanus con. Ruin.: abaritanus A; Abaritanam prouinciam scimus, oppidum nescimus 5 hipzarintensis H 6 gunelmensis H 7 uzialensis AH 8 membrositanus A 9 benentensis H 10 utimiensis H
117. 16 Duasaenemsalensis Haimius Duas-Senemsal Baluzius: duassedemsai AH 19 hic] cf. Papencordt p. 371 sq. 20 arcitanus A uracitanus H; cf. Viet. I, 10 21 Tonnonensis ego (conc. Carth. a. 525): tennonensis A prbt] de hoc siglo confegas Ruinarti admonit. in Notif. Afric. (LVIII, p. 267 Migne) et Papencordt p. 372 26 exitziosus A 27 cresces cicitanus A (Cicisa Tab. Peut.) 98 bolitanns AH (Zitterae b et u in A saepe confunduntur) 82 Tinishensis ego: tinnisensis A, tinicensis H (?) 33 Culnsitanns ego (Viet. III, 26): culsitanus AH 36 Curubitanus ego (August. C. D. XXII, 8): curbitanus A 37 simminiensis H 39 megapolitanus H 40 timidianensis H
118. 43 tagarensis H 44 altubaritanus H 48 maraggaritanus A, naraggaritensis H 50 regio A 53 TeudalensiB scripsi (Vict. J, 23): eudalensis AH, Theudalensis Balueius prouintiae A 1 becerritanus H 2 gazaufalensis AH 5 bursensis H 6 Centurionensis uulgo: centurianensis AH 14 dumuirialis A; cf. Hoffmann, Ind. gramm. ad Afr. prou. tit. p. 24, Schuch. II, 506 et 330 Bamaccorensis scripsi; cf. Cyprian. ed. Hartd I, p. 448, 14: damatcorensis A
119. 19 iammritanus AH 21 siglum N& (cf. infr. 49) Halmius deprauatum esse censet ex noc = non occurrit 22 tubusicensis AH 23 iamsortensis A H 24 tiditanus H 25 mteeens A; cf. Hoffmann l. c. p. 15 26 nobabarbarensis A 27 idaoensis H 28 nobagermaniensis A nobagermanensis H 29 billaticus (Byz. 96, Maur. Sit. 33) de casis medianensis A: at cf. Vict. II, 101 36 octabensis A 43 Casensium Oalanensium scripsi: casensi calanensi A Casensicalanensis Ruin.; sed cf. prou. proc. 50 Bullensium Regiorum et JButn. ad. prou. Num. 29
120. 44 Pudentianensis Ruin.: punentianensis AH 45 nobasparsensis A nobaspartensis H 48 nobasinensis A 50 Iattarensis ego (i = z Schuch. I, 69); cf. Vict. II, 101: iacterensis AH 51 eastellu titalianu A; cf. Schuch. II, 92 sqq. castello titulitano H 62 giga marcellae H 58

- cassenigrensis H cassennigrensis A 59 Uegeselitanus Buin.: ueselitanus A uesolitanus H 62 Uillatensis Ruin.: uilladegensis AH 63 cresces A 66 tiblitanus H 68 Catbaquensis Baluzius, Corsica ego: cetbaquensusca A 72 tnbaniensis H
121. 73 aquenobensis A 76 maxoritanus H metallo] cf : Uict. III, 68 80 uelesitanus H 83 circensib AH (mss antiqui Augustm. ep. 139 non habent circensem, sed cirtensem, item ep, 144 cirtensibuB, quod propter Buinartum et Halmium moneo) 85 legiensis B 86 a ego, cf. infr. 105 de Tnrres Ammeniarum: ad turres concordi A turris concordiae H 87 Lamfuensis Ruin.: iamfuensis AH 94 Masculitanua Ruin.: marculitanui AH 96 suauensis H suabensis A 100 narateatensis H 101 lamigginensis H
122. 103 uagormelitanuB H Magarmelitanus Baluzius 105 turris sammeriarum H 106 balesansis H 111 uagradensis H 112 Lamasbensis uulgo: lamasuensis A 115 uillitanus H: Ululitanas susp. est Halmius 116 seleutianensis A seleuciamenea H 118 tagartensis H 119 maximinensis H 120 Zaradtensis Ruin.: zaradtassis AH 123 flabianus A uicas pacensis H Nomina etc. desunt in A 1 prbt amudarsensis A: transposui
123. 6 eubodius A (= Εὐβόδιος : cf. Schuch. II, 523 not.) 7 tnbolbacensis H 8 Ualentinianensis scripsi, cf. Buin.: uadentinianensis A 10 seberianensis AH 13 cf. Vict. III, 28 14 letns A; cf. Vict. II, 52 15 custensis H 16 flabianus A bubelianensis H 17 zteasitanus H 18 serbandus A 20 cf. Viet. II, 46 21 enstrasius A ; cf. Vict. I, 23 22 garrensis H 24 sabinica A; cf. Schuch. II, 507; III, 809 octabiensis A 26 aquiaben/// (s eras.) A, Aquiabensis uulgo; scrib. fort. Aquis-Albensis; cf. infr. 52 Aquis-Albensium et Maur. Stif. 5 Aquae-Albensis
124. 31 paradamiensis H peradamiensis A 33 teuitanos H 35 Trofimianensis scripsi (coll. Carth. 133): trofinianensis A 36 leptimiensis H 38 octabensis A 41 cf. Viet. II, 33 43 non occurrit] cf. Papencordt, Gesch. d. vand. Herrsch. p. 372; Ebm, Gesch. d. christl.-lat. Lit. p. 434 47 circitanus H 49 marazianensis A 55 habetdeu A; cf. Vide III, 45 60 cabsensis A
125. 62 cufatensis H 63 thasbaltensis H 66 Foratianensis Ruin. (Viet. II, 101): fortianensis A, forianensis H 68 ferontianianensis H 71 frotonianensis H 72 cf. Vict. II, 45 74 maraguinensis H 78 Gurgitensis Ruin.: gnrgaitensis AH 82 opemieneiB H 83 tagarbolensis H 85 ruffianensis H 87 QaestorianenBia Ruin.: questorianensis AH
126. 92 Uicoateriensis Ruin.: uicoateirensis A 97 Temonianensis con. Ruin.: temoniariensib AH 99 restutus A; cf. Schuch. II, 436 100 gaunaritanus H 101 Aeliensis scripsi (Aeliae Tab. Peut.) : eliensis A 102 rnsfensis A rufenais H 103 taleptnlenaia H 104 Antentensis scripsi: antentensis A auteniensis H 106 iabalcianensis H 107 nnorecopolitanus H; hunc locum ab Hunirico rege nomen accepisse manifestum est qui A 110 madyssumma H 111 donisiana AH; cf. Schuch. II, 445 112 sulianae H
127. 2 teberianus et quidiensis A; cf. Schuch. II, 2; I, 68 7 nobicensis AH 9 girumentensis H 12 columpnatensis A 19 nobensis AH 20 Zucabaritanus scripsi: zucabiaritanus A 22 cf. PtoI. IV, 2 'Ρουσουβιρρορρ 23 aubarritanus H 29 usidanensis H
128. 32 restutus A 34 tigamibemensis H 36 cresces A 37 Ternamusensis Baluzius: ternamunensis A 89 narbinicans B 41 balens (bolena H) uillenobensis AH; ef. Num. 25, Maur. Caes. 86 42 mazuccabensis H 44 Benepoteais Ruin.: benepotentis A 49 Caecilius srips; cf. infr. 91: eecilios A minuensis H 57 timidianensis H 61 restutus A
129. VII.
130. 9
131. 64 benantias AH oppidonebensis A opidonobensis H 65 Abaritanus scripsi: iabaritanas A; Castellum Aboritanum Ortelius memorat 66 aquisirensis A 68 cresces tigabitans A 69 Rusaxu Tab. Peut., *ΡουσουῶςPtol. IV, 2; male ergo Harduinusconi. Ruaadrianus 70

- Gellianus ego : cf. Mawr. Sit. 16, Trip. 1: gelianvs A 71 ubadensis H: ubabensis A 78
castraseberianensis AH 74 castranobensis A castronobensis H 81 Gratianopolitanus scripei:
gratinopolitanus A 89 Uulturiensis scripsi: bulturiensis AH
132. 93 nobensis A 96 Bassinus Elefantariensis scripsi: uassinus elfantariensis B A 98 Uincemalos] cf. Drac. Satisf. 302 Duhn. 100 Tamadensis H Ruin. : tamadempsis A 103 tababoarenais H 104 Subbulensis ego (Optat. III, 4): sommulensis A sumulensis H 105 tadamensis H 110 tnscaeniensis H 111 Gunugitanus Ruin.: gunagitanus A gunaitans H 113 uissalensis H 116 cresoes A 119 hic est Gerealis Castellensis, cuius extat contra Maximimum Arianum libellus 120 tamazensis H
133. 9*
134. 3 couiensis A 4 igillitanus H 8 Thubusubditanus scripsi: thugusubditanus AH 9 gerafitanus B 10 lesuitanus A 11 equotensis H 16 Lemellefensis ego: lemelefensis AH 19 nobalcianensis AH 22 Aans ego: abus A; cf. Maur. Caes. 10 23 restutus A
135. 26 maronengis H 27 molicontensis B 30 tamagristensis H
136. 1 Callippidee (Καλλιπιδῆς) scripsi: calipides A; cf. Maur. Sit. 16, Maur. Caes. 70 4 oenais A; cf. Vict. I, 23
137. 2 troiani A; cf. Schuch. I, 171
138. 8 euuso A 1 prouintiarum A 5 numidie A 7 CCCCLXXVIII A
139. prouintiarum A sexto] immo octauo; cf. Viet. III, 4 prouiotiae A 1 Tamalleni] hunc locum (turris Tamalleni Itin. Ant.) Ruinartus pessime confudit cum ciuitate Tamallumensi (Viet. III, 45; Not. Byz. 55): cf. Not. Dignit. sect. L, ubi distinguuntur praeporitus limitis Thamallensis et praep. limo Tballomensis 2 Aboritanus con. Ruin.: abaritanus A; Abaritanam prouinciam scimus, oppidum nescimus 5 hipzaritensis H 6 gunelmensis H 7 uzialensis AH 8 membrositanus A 9 benentensis H 10 utimiensis H
140. 16 Duasaenemsalensis Haimius Duas-Senemsal Baluzius: duassedemsai AH 19 hic] cf. Papencordt p. 371 sq. 20 arcitanus A uracitanus H; cf. Viet. I, 10 21 Tonnonensis ego (conc. Carth. a. 525): tennonensis A prbt] de hoc siglo conferas Ruinarti admonit. in Notit. Afric. (LVIII, p. 267 Migne) et Papencordt p. 372 26 exitziosus A 27 cresces cicsitanus A (Cicisa Tab. Peut.) 98 bolitans AH (Zitterae b et u in A saepe confunduntur) 82 Tinisensis ego: tinnisensis A, tinicensis H (?) 33 Culnsitans ego (Viet. III, 26): culsitanus AH 36 Curubitanus ego (August. C. D. XXII, 8): curbitanus A 37 simminiensis H 39 megapolitanus H 40 timidianensis H
141. 43 tagarensis H 44 altubaritanus H 48 maraggaritanus A, naraggaritensis H 50 regio A 53 TeudalensiB scripsi (Vict. J, 23): eudalensis AH, Theudalensis Balueius prouintiae A 1 becerritanus H 2 gazaufalensis AH 5 bursensis H 6 Centurionensis uvlgo: centurianensis AH 14 dumuirialis A; cf. Hoffmann, Ind. gramm. ad Afr. prou. tit. p. 24, Schuch. II, 506 et 330 Bamaccorensis scripsi; cf. Cyprian. ed. Hartd I, p. 448, 14: damatcorensis A
142. 19 iammritanus AH 21 siglum N& (cf. infr. 49) Halmius deprauatum esse censet ex noc = non occurrit 22 tubusicensis AH 23 iamsortensis A H 24 tiditanus H 25 monteeis A; cf. Hoffmann l. c. p. 15 26 nobabarbarensis A 27 idaomensis H 28 nobagermaniensis A nobagermanensis H 29 billaticus (Byz. 96, Maur. Sit. 33) de casis medianensis A: at cf. Uict. II, 101 36 octabensis A 43 Casensium Oalanensium scripsi: casensi calanensi A Casensicalanensis Ruin.; sed cf. prou. proc. 50 Bullensium Regiorum et JButn. ad. prou. Num. 29
143. 44 Pudentianensis Ruin.: punentianensis AH 45 nobasparsensis A nobaspartensis H 48 nobasinensis A 50 Iattarensis ego (i = z Schuch. I, 69); cf. Vict. II, 101: iacterensis AH 51

- eastellu titalianu A; cf. Schuch. II, 92 sqq. castello titulitano H 62 giga marcellae H 58 cassenigrensis H cassennigrensis A 59 Uegeselitanus Buin.: ueselitanus A uesolitanus H 62 Uillatensis Ruin.: uilladegensis AH 63 cresces A 66 tiblitanus H 68 Catbaquensis Baluzius, Corsica ego: cetbaquensuca A 72 tnbaniensis H
144. 73 aquenobensis A 76 maxoritanus H metallo] cf.: Uict. III, 68 80 uelesitanus H 83 circensib AH (mss antiqui Augustm. ep. 139 non habent circensem, sed cirtensem, item ep, 144 cirtensibuB, quod propter Buinartum et Halmium moneo) 85 legiensis B 86 a ego, cf. infr. 105 de Tnrres Ammeniarum: ad turres concordia A turris concordiae H 87 Lamfuensis Ruin.: iamfuensis AH 94 Masculitanua Ruin.: marculitanui AH 96 suauensis H suabensis A 100 narateatensis H 101 lamigginensis H
145. 103 uagormelitanuB H Magarmelitanus Baluzius 105 turris sammeriarum H 106 balesasensis H 111 uagradensis H 112 Lamasbensis uulgo: lamasuensis A 115 uillitanus H: Ululitanas susp. est Halmius 116 seleutianensis A seleuciamenea H 118 tagartensis H 119 maximinensis H 120 Zaradtensis Ruin.: zaradtassis AH 123 flabianus A uicas pacensis H Nomina etc. desunt in A 1 prbt amudarsensis A: transposui
146. 6 eubodius A (= Εὐβόδιος : cf. Schuch. II, 523 not.) 7 tnbolbacensis H 8 Ualentinianensis scripsi, cf. Buin.: uadentinianensis A 10 seberianensis AH 13 cf. Vict. III, 28 14 letns A; cf. Vict. II, 52 15 custensis H 16 flabianus A bubelianensis H 17 zteasitanus H 18 serbandus A 20 cf. Viet. II, 46 21 enstrasius A ; cf. Vict. I, 23 22 garrens H 24 sabinicaus A; cf. Schuch. II, 507; III, 809 octabiensis A 26 aquiabent/// (s eras.) A, Aquiabensis uulgo; scrib. fort. Aquis-Albensis; cf. infr. 52 Aquis-Albensium et Maur. Sitif. 5 Aquae- Albensis
147. 31 paradamiensis H peradamiensis A 33 teuitanos H 35 Trofimianensis scripsi (coll. Carth. 133): trofianianensis A 36 leptimiensis H 38 octabensis A 41 cf. Viet. 11, 33 43 non occurrit] cf. Papencordt, Gesch. d. vand. Herrsch. p. 372; Ebm, Gesch. d. christl.-lat. Lit. p. 434 47 circitanus H 49 marazianensis A 55 habetdeu A; cf. Vide III, 45 60 cabsensis A
148. 62 cufratensis H 63 thasbaltensis H 66 Foratianensis Ruin. (Viet. II, 101): fortianensis A, forianensis H 68 ferontonianensis H 71 frotonianensis H 72 cf. Viet. II, 45 74 maraguinensis H 78 Gurgitensis Ruin.: grgaitensis AH 82 opemieneiB H 83 tagarbolensis H 85 ruffianensis H 87 QaestorianenBia Ruin.: questorianensis AH
149. 92 Uicoateriensis Ruin.: uicoateirensis A 97 Temonianensis con. Ruin.: temoniarensiB AH 99 restutus A; cf. Schuch. II, 436 100 gaunaritanus H 101 Aeliensis scripsi (Aeliae Tab. Peut.) : eliensis A 102 rnsfensis A rufenais H 103 taleptnlenaia H 104 Antentensis scripsi: antentesis A auteniensis H 106 iabalcianensis H 107 nnorecopolitanus H; hunc locum ab Hunirico rege nomen accepisse manifestum est qui A 110 madyssumma H 111 donisiana AH; cf. Schuch. II, 445 112 sulianae H
150. 2 teberianus et quidiensis A; cf. Schuch. II, 2; I, 68 7 nobicensis AH 9 girumentensis H 12 columpnatensis A 19 nobensis AH 20 Zucabaritanus scripsi: zucabiaritanus A 22 cf. PtoI. IV, 2 Πουσουβιρρορ 23 aubarritanus H 29 usidanensis H
151. 32 restutus A 34 tigamibemensis H 36 cresces A 37 Ternamusensis Baluzius: ternamunensis A 89 narbincansis B 41 balens (bolena H) uillenobensis AH; cf. Num. 25, Maur. Caes. 86 42 mazuccabensis H 44 Benepoteasis Ruin.: benepotentis A 49 Caecilius sripsi; cf. infr. 91: eecilios A minuensis H 57 timidianensis H 61 restutus A
152. VII.
153. 9
154. 64 benantias AH oppidonebensis A opidonobensis H 65 Abaritanus scripsi: iabaritanas A; Castellum Aboritanum Ortelius memorat 66 aquisirensis A 68 cresces tigabitanns A 69

- Rusaxu Tab. Peut., *Ρουσατοῦς Ptol. IV, 2; male ergo Harduinusconi. RuAADIRANUS 70
 Gellianus ego : cf. Mawr. Sit. 16, Trip. 1: gelianvs A 71 ubadensis H: ubabensis A 78
 castraseberianensis AH 74 castranobensis A castronobensis H 81 Gratianopolitanus scripei:
 gratinopolitanus A 89 Uulturiensis scripsi: bulturiensis AH
155. 93 nobensis A 96 Bassinus Elefantariensis scripsi: uassinus elfantariensiB A 98 Uincemalos]
 cf. Drac. Satisf. 302 Duhn. 100 Tamadensis H Ruin. : tamadempsis A 103 tababoarenais H
 104 Subbulensis ego (Optat. III, 4): sommulensis A sumulensis H 105 tadamensis H 110
 tnsanciensis H 111 Gunugitanus Ruin.: gunagitanus A gunaitanns H 113 uissalensis H 116
 cresoes A 119 hic est Gerealis Castellensis, cuius extat contra Maximinum Arianum libellus
 120 tamazensis H
156. 9*
157. 3 couiensis A 4 igillitanus H 8 Thubusubditanus scripsi: thugusubditanus AH 9 gerafitanus B
 10 lesuitanus A 11 equotensis H 16 Lemellefensis ego: lemelefensis AH 19 nobalicianensis AH
 22 Aans ego: abus A; cf. Maur. Caes. 10 23 restutus A
158. 26 maronengis H 27 molicontensis B 30 tamagristensis H
159. 1 Callippidee (Καλλιπιδης) scripsi: calipides A; cf. Maur. Sit. 16, Maur. Caes. 70 4 oenais A;
 cf. Vict. I, 23
160. 2 troiani A; cf. Schuch. I, 171
161. 8 euuso A 1 prouintiarum A 5 numidie A 7 CCCCLXXVIII A

Sobre a Vitae Press

A Vitae Press é uma editora digital dedicada a tornar textos clássicos acessíveis ao leitor moderno através de traduções de alta qualidade.

Nossa Biblioteca Patristica traz os escritos dos Padres da Igreja em seis idiomas: inglês, espanhol, português, italiano, francês e alemão.

Do Corpus Scriptorum Ecclesiasticorum Latinorum (CSEL), da Patrologia Latina e de outras edições críticas — séculos de sabedoria teológica, agora ao seu alcance.

Mais da Biblioteca Patristica

Explore nosso catálogo crescente de obras patristicas traduzidas. Pesquise "Vitae Press Biblioteca Patristica" na sua loja favorita.

Creditos

Texto original	Historia persecutionis Africanae provinciae; Passio septem monachorum; Notitia provinciarum et civitatum Africae (1881)
Autor	Victor Vitensis
Editor da edicao critica	Michael Petschenig
Colecao de origem	Corpus Scriptorum Ecclesiasticorum Latinorum (CSEL)
Traducao	Traducao assistida por IA – Vitae Press
Modelo de traducao	DeepSeek V3
Controle de qualidade	Gemini (Google) – revisao do livro completo
Licenca	Traducao © 2025 Vitae Press